FON FON
ANNO XXIII — N.º 34
Rio, 24 de Agosto de 1929
Preço: 1$000

A fonte da eterna belleza

e da alegria de viver, é o somno são e reparador. Um pezar é mais facil de ser removido quando nos refugiamos sob o manto protector do somno que nos faz esquecer mais depressa as dôres e miserias da vida. Não vacillae! Não temei a noite! Dois comprimidos Bayer de Adalina proporcionarão tranquillidade aos vossos nervos e um somno são e profundo.

MOÇOS E VELHOS RHEUMATICOS

Tambem os moços estão sujeitos a ataques rheumaticos, sobretudo quando se expõem, por muito tempo, ao frio e á humidade. Os velhos, porém, são muito mais achacados, dada a tendencia que apresentam de reter os uratos nas articulações.

Para combater esses ataques existem muitos medicamentos de applicação local. O mais indicado, ultimamente, pelos medicos que acompanham os aperfeiçoamentos chimicos allemães, — é a Fricção Bayer de Espirosal, cujo effeito é admiravel, sem, entretanto, apresentar o inconveniente de certos preparados de cheiro intoleravel.

Estamos informados de que esta utilissima fricção, de varias outras indicações contra dôres, já se encontra nas bôas pharmacias de todo o paiz.

AMEAÇA CONSTANTE

Um dente cariado representa verdadeira ameaça á saude e mesmo á vida, porque constitue um perigoso deposito de germes pathogenicos. Para se defender deste perigo e para evitar novas caries, ha toda conveniencia de manter rigoroso asseio da bocca, escovando os dentes depois das refeições e, sobretudo á noite, com agua, sabão ou, melhor, com a solução feita com os glóbulos de Ortizon Bayer. Estes glóbulos, dissolvidos em agua, formam uma especie de agua ozonizada perfumada, excellente para a remoção dos detritos que se depositam entre os dentes e para a desinfecção geral da bocca. E' indispensavel remover estes detritos, que se putrefazem, determinando as caries, o mau halito e as dores de dentes. Para este fim nada melhor que o Ortizon.

O conto brasileiro

O TURCO

Por IRENE DRUMMOND

"ROSINHA — Tanto insistes, querida, com a tua impertinente curiosidade, tu, que não pódes calcular o desespero dos que amam, porque tens a incomparavel felicidade de um amôr partilhado; tanto perguntas, minha indiscreta, que te conto, afinal, o motivo que me leva a renunciar, com o heroismo das velhas lendas amorosas, ao meu "turco", como o chamas, e que é, aliás, muito bom syrio.

Achas incrivel que uma insignificante como eu arroste todos os commentarios provocados pela situação de uma noiva que, ás portas da egreja quasi, desfaz o seu contracto; principalmente si esse contrato se consumou sob a furda irritação de todos. Sim, minha curiosa, todos se insurgiram contra o coração de tua pobre amiga logo que o souberam irremediavelmente perdido de amôres por um "turco". Desenrolaram-me um sermão sobre o gravissimo problema da raça; expuzeram-me exemplos ameaçadores, e, por fim, quando me sentiram irreductivel, fiel ao coração imprudente, empregaram o recurso extremo: afastaram-me delle.

No exilio, estudei com minucia a questão. Só porque eu nascêra nesse decantado Brasil grandioso e o meu amôr na longinqua Syria (e me aprofundei em estudos sobre esse recanto da Turquia Asiatica, medindo a apregoadissima distancia que no mappa era tão pequena!) — só por isto, não me convencia de que houvesse, entre nós, uma irremovivel incompatibilidade.

Fallava correntemente a minha lingua e a franceza; si em nosso caminho encontrava um patricio, por falta de habito ou delicadeza, era ainda em muito claro portuguez que o saudava. Viéra pequerrucho da terra, professava a mesma religião e os nossos gostos se encontravam deliciosamente. Por que contrariar o coração espontaneo e feliz?

Assim, quando me julgavam curada da tal loucura, mandaram-me buscar: souberam, porém desde logo, que nos haviamos correspondido sempre e que o meu proposito era inabalavel.

Pobre Gabriel! Quanto não soffreu o seu brio de patriota e quanto não lhe custou a aventura! Mas vencemos, emfim! Como Pilatos, meu jacobino papae e minha prudentissima mamãe lavararam-se as mãos, entregando a minha ao victorioso amado.

Mezes decorreram sem que esfriasse — e não pódia crescer mais — a nossa espontanea ternura; eramos, talvez, mais accordes do que dois gemeos e o meu povo já se ia penitenciando de uma grande injustiça.

Um dia, as suas terras, no Norte, soffreram um estrago e tornou-se premente que elle o verificasse. Ia partir, portanto, por algum tempo, e uma saudade precoce e intensa abalou-lhe o animo. Encrajei-o a se decidir.

Na vespera da partida, estavamos no terraço de casa; amorosamente passou-me pela cintura o braço robusto e, influencia, talvez da noite linda, enluarada e quente, attrahiu-me; quando me quiz desprender do abraço, apertou-me ainda mais de encontro ao peito e com sua voz cantante e ardente murmurou uma longa phrase incomprehensivel: lembrára-se da lingua patria. Desprendi-me quasi com violencia e recuei, amedrontada. Nunca me soou tão ameaçadoramente uma lingua qualquer. Foi como se me encontrasse perdida num immenso deserto, sentindo aproximar-se um temivel inimigo. E esse inimigo era o meu amôr.... Tamanha ansia do meu olhar jorrou, que elle, sem entendêl-a, inquiriu:

— Que tens, querida?

— Que disseste? Fala! — Ordenei, intempestivamente.

— Não posso viver sem ti! — traduziu.

Seria? Devia ser. A sua ternura, os seus zelos, a tenacidade das suas attitudes, a coragem de arrostar o jacobinismo do papae, a repugnancia injuriosa da mamãe, a tristeza que lhe despertára a idéa de ir para tão longe de mim — tudo fazia suppôr ser essa a traducção do que disséra. Mas si não fôsse? Como certifical-o?

E a desconfiança envenenou a nossa encantadora harmonia, porque a linguagem impenetravel perturbaria sempre a nossa intimidade e eu o desconheceria....

Deixei-o partir e depois, impellida não sei por que terror, incumbi papae de me desligar do compromisso ao seu regresso e fugi assustada; fugi para esquecêl-o.

E' possivel que não o consiga: amei-o demais e foi o primeiro, mas acceital-o, nunca! Amei-o contra todos, mas não o poderia amar contra mim mesma.

Os homens.... Si na mesma lingua elles mentem tanto, calcula só na que se não entenda!

Eis a historia do meu heroismo. Approva-o para um pouco desconsolo da tua — *Vareisa.*"

— Já vi juizes integros — disse João Marteau. — Mas em pintura. Havia ido á Belgica, afim de fugir de um magistrado curioso que queria fazer-me participe de um "complot" de anarchistas. Eu não conhecia meus cumplices e meus cumplices não me conheciam. Nada o embaraçava, e elle era juiz de instrucção. Sua mania pareceu-me terrivel. E fui para a Belgica, detendo-me em Ambéres, onde me empreguei. Um domingo, vi dois juizes integros num quadro de Mabuse, no museu. Pertencem a uma especie perdida. Quero dizer que são juizes ambulantes, que caminham ao trote curto de seu cavallo. Gendarmes a pé, armados de lanças, os escoltam. Esses dois juizes, cabelludos e barbados, ostentam, como os reis das velhas Biblias flamengas, um toucado estranho e magnifico, que faz as vezes, a um tempo, de gorro de dormir e de diadema. Seus trajes de brocado estão recamados de flores. O velho mestre soube dar aos juizes um ar de gravidade e de doçura. Seus cabellos são, como elles, placidos e tranquillos. No emtanto, taes juizes não têm nem o mesmo temperamento, nem a mesma doutrina. Isto se nota immediatamente. Um tem na mão um papel e mostra o texto com o dedo. O outro, com a mão esquerda no arção da sella, levanta a direita com mais benevolencia que autoridade. Parece reter entre o polegar e o index um pó impalpavel. E essa attitude de sua mão cuidadosa indica pensamento prudente e subtil. Os dois são integros, mas, visivelmente, o primeiro se apega á letra e o segundo ao espirito. Apoiados no varandim que os separa do publico, eu os escutei falar. O primeiro juiz disse:

— Eu me atenho ao que está escripto. A primeira lei foi escripta sobre pedra, em signal de que durará tanto como o mundo.

O outro juiz respondeu:

— Toda lei escripta está já por prescrever. Pois a mão do escriba é lenta e o espirito dos homens é agil, e movediço seu destino.

E os dois velhos bonachões continuaram sua pratica substanciosa:

Primeiro juiz. — A lei se estabelece.

Segundo juiz. — Em momento algum se fixa a lei.

Primeiro juiz. — Procedente de Deus, é immutavel.

Segundo juiz. — Natural producto da vida social, depende das condições da vida.

Primeiro juiz. — E' a vontade de Deus, que não muda.

Segundo juiz. — E' a vontade dos homens, que muda sem cessar.

Primeiro juiz. — Ella foi feita antes do homem, e lhe é superior.

Segundo juiz. — Ella é do homem, fragil como elle e, como elle, perfectivel.

vivos. Zoroastro de Numa Pompilio valeu o que val-

escripto. Pois foi Deus quem o dictou áquelles que acreditavam nelle. "*Sic locutus est patribus nostris, Abraham et semine ejus in secula.*"

Segundo juiz. — O que foi escripto pelos mortos será taxado pelos vivos, sem o que, a vontade dos que já não existem se imporia aos que ainda existem, e assim os mortos seriam os vivos, e os vivos seriam os mortos.

Primeiro juiz. — Os vivos devem obedecer ás leis dictadas pelos mortos. Os mortos e os vivos são contemporaneos ante Deus. Moysés e Ciro. César, Justiniano e o imperador da Allemanha nos governam ainda. Pois somos seus contemporaneos perante o Eterno.

Segundo juiz. — Os vivos devem ter suas leis dos vivos. Zoroastro de Numa Pompilio valem o que vale o sapateiro de Santa Gúdula, quanto a instruir-nos do que nos é prohibido.

Primeiro juiz. — As primeiras leis nos foram reveladas pela sabedoria infinita. Uma lei é tanto melhor quanto mais se aproxima dessa fonte.

Segundo juiz. — Mas não vês que cada dia se fazem novas e que as constituições e codigos são differentes segundo as épocas e os paizes?

Primeiro juiz. — As novas leis saem das antigas. São ramos jovens da mesma arvore, nutridos pela mesma seiva.

Segundo juiz. — A velha arvore da lei distilla jugo amargo.

Primeiro juiz. — O juiz não tem que procurar si as leis são justas, pois que necessariamente o são. Tem apenas que as applicar com justiça.

Segundo juiz. — Devemos investigar si a lei que applicamos é justa ou injusta, para que, si a reconhecemos como injusta, não seja possivel temperal-a nalguma cousa e façamos della a applicação a que estamos obrigados.

Primeiro juiz. — A critica das leis não é compativel com o respeito que lhes devemos.

Segundo juiz. — Si notarmos seus rigores, como poderemos attenual-os?

Primeiro juiz. — Nós somos justos e não legisladores nem philosophos.

Segundo juiz. — Nós somos homens.

Primeiro juiz. — Um homem não haveria de julgar os homens. O juiz, em exercicio, abandona sua humanidade. Diviniza-se e não mais sente prazer nem dôr.

Segundo juiz. — A justiça que não se reparte com sympathia é a mais cruel das injustiças.

Primeiro juiz. — A justiça é perfeita quando é completa.

Segundo juiz. — Quando não é espiritual, a justiça é absurda.

Primeiro juiz. — O principio de leis é divino e as consequencias que dellas derivam, ainda as menores, tambem são divinas. Mas, ainda que a lei não fosse toda de Deus, si fosse toda do homem, devia ser applicada á letra. Pois a letra é fixa e o espirito, voluvel, fluetúa.

Segundo juiz. — A lei é inteiramente do homem, e nasceu imbecil e cruel nos começos debeis da razão humana. Mas, ainda que fosse de essencia divina, deveria ser applicado o espirito e não a letra, porque a letra está morta e o espirito vive.

Tendo falado dessa maneira, os dois juizes integros se dirigiram ao Tribunal, onde eram esperados para que cada um desse o seu veredicto.

De

Anatole France

Em que pensas tu? — perguntou Maurício Sauvan ao seu amigo Damião Rangade. Estás triste que dás pena... Será a espectativa do teu casamento provincial? Tens saudades de Paris?

— Amo minha noiva — respondeu gravemente o joven. E quanto a Paris, eu o acho fictício para o meu gosto. E depois... os parisienses são "badandes".

— Obrigado pelo elogio. Sou parisiense, sabes?

— Ah, perdão, replicou Damião, sorrindo; não pensava mais nisso.

— Badandes? os parisienses! continuou Maurício, um pouco vexado. Onde poderias encontrar gente mais sagaz, de espirito subtil, de genio mais inventivo...

— E curiosos mais tôlos, interrompeu Damião. Ahi está! Queres apostar como, em menos de cinco minutos, reunirei, em tôrno a mim, sem pronuncair palavra, uma multidão de cem pessôas?

— Tu és louco?

— Apostas?

— O que quizeres, meu caro, e perderias.

— Tudo quanto eu quizer? Cem francos!

— Feito! Acceito! Vaes vêr uma coisa!

— Uma vez que vou perder...

— Só possues cem francos para pagar?

O rapaz exhibiu um bilhete dobrado, que retirou da sua carteira

— E' preciso, disse elle, que seja mesmo esta tarde, pois que eu devo partir amanhã.

Havia uma dezena de estudantes de medicina, reunidos no quarto de Maurício Sauvan — o ricaço do grupo — para o jantar de despedidas. Isso porque Damião ia installar-se definitivamente, na vida, por ter concluid o seu curso e os outros ali estavam, de passagem, emquanto duravam as férias.

Elles estavam alegres; Damião menos que os outros, mas a idéa da aposta fêl-o contente.

— Vamos, espero ganhar os cem francos.

— Ou fazer com que eu os ganhe, respondeu o amigo.

Elle levantou-se. Todo o grupo alegre fez outro tanto e desceu, em avalanche, a escada um pouco estreita, que estalava sob os seus passos.

* * *

O diamante perdido

De Jean Barancy

O boulevard São Miguel estava magnificamente illuminado, porque eram nove horas da noite, os cafés regorgitavam, os transeuntes se agglomeravam nas calçadas e, ao encontrar os amigos, ao apertar a mão de uns e de outros, Maurício, Damião e os seus collegas quasi esqueciam o fim do seu passeio.

De repente, Damião procurou alguma coisa no seu bolso, no bolso do paletot. Sem duvida, queria buscar um charuto. Não o achando, elle o procurou em outro bolso, depois em um outro. Olhou os seus amigos com um ar consternado. Deixou de andar e procurou em tôrno, na calçada, alguma coisa que devia ter cahido.

— Que perdeste? perguntou Maurício, olhando machinalmente o chão.

Não respondeu. Ficou mais ansioso.

— Meu Deus! Meu Deus! exclamou elle, afastando com a ponta da bengala algumas fôlhas de platanos, sobre as quaes elle caminhava.

Os seus collegas recuaram um pouco e se curvaram para elle. Passantes, intrigados, se puzeram a procurar tambem. Quê! Elles não sabiam do que se tratava, mas pouco importava isso: é necessario se auxiliar seja lá a quem fôr.

— Mas, que diabo! disse um dos rapazes, levantando-se. Que perdeste?

Elle balbuciou, com um tremor na voz:

— Era côr de rosa... e brilhante...

— Um brilhante? exclamou Maurício, que havia entendido mal. Tinhas um brilhante?

— Um brilhante? disse uma dama que havia parado, curiosamente, e que se pôz a procurar com avidez, aquillo de que se falava.

A palavra foi repetida de bôcca em bôcca, e se modificou, pouco a pouco, para um diamante. E dentro de alguns minutos, um grupo compacto de mais de cem pessôas procurava o diamante perdido...

Um guarda-civil appareceu e procurou dissolver o agrupamento, e como Damião se levantasse com um gesto de impaciencia mal interpretado, elle o tomou pelo braço e, sem discutir, o conduziu ao posto proximo, sendo Damião seguido pelos seus camaradas.

*

— Então? disse o commissario de policia. Você ameaçava o agente?

— Absolutamente, sr. commissario, respondeu Damião, docemente. Fiz apenas um gesto de desespro. Elle o interpretou mal, e eu o lamento seriamente. Perdi...

— Parece que foi um diamante, interrompeu o agente. Mas isso não é uma razão para que...

— Peço-lhe perdão, senhor agente, interrompeu Damião, por sua vez. Eu disse que havia perdido um brilhante, mas não um diamante. Não é culpa minha si os parisienses, algumas vezes, são...

Elle não terminou. Maurício comprehendeu tudo.

— Que era, emfim? perguntou o commissario. Mandarei investigar.

— Oh, não vale a pena! Porque o que era côr de rosa, e brilhante e lindo, e invejável... eram as minha sillusões...

O commissario deu um murro na mesa e, si Damião não explicasse a aposta que fizéra, teria ido bater no xadrez.

A autoridade era indulgente com a mocidade. Riu, e, depois de ligeira admoestação, mandou o grupo ir em paz.

Tres semanas depois dessa brincadeira, o amigo de Mauricio recebeu, na sua casa, onde passava as férias, algumas linhas acompanhadas de uma nota de banco, novinha em fôlha:

"O fim desta é communicar-te, meu caro Mauricio, o meu casamento, com a joven de que te falei tantas vezes, e a quem os teus cem francos me permittiram offerecer um presente, trazido de Paris, que deixei sem saudades. Eu te confesso agora, meu amigo, que o que me tornava triste, durante o nosso jantar de despedida era a falta de dinheiro em que me encontrava e que não ousava denunciar.

Eu só dispunha do necessario para pagar a minha volta á Verances, e eu nada podia pedir á minha mãe, pobre como é, bem o sabes. Tinha vergonha de chezar em casa com as mãos vazias e, graças á nossa aposta, pude offerecer um lindo cofre á minha noiva. Não riac. As joias mamãe as offereceu. Eram reliquias de familia.

Ficaremos morando em Verances, onde exercerei a minha profissão.

Devolvo-te os cem francos: beneficia, com elles, algum collega pobre, e crê sempre na affeição sincera do teu amigo — *Damião.*"

Mauricio dobrou a carta, com um sorriso, e murmurou apenas:

— Ah, marôto!

O ARTISTA

oscar wilde

UM dia, nasceu em sua alma o desejo de modelar a estatua do *Prazer que dura um instante*. E viajou pelo mundo afim de procurar o bronze da estatua da *Dôr que se soffre toda a vida*.

E fôra elle mesmo, com suas proprias mãos, que modelára essa estatua, collocando-a sobre o tumulo do unico ser que amou em sua vida. Sobre o tumulo da criatura amada collocou aquella estatua que era sua creação, para que fosse como prova do amor do homem que não morre nunca e como symbolo da dôr do homem, que soffre toda a vida.

E no mundo inteiro não havia mais bronze além do daquella estatua.

Então o artista tomou a estatua que havia creado, collocou-a em um grande forno e a entregou ao fogo.

E com o bronze da estatua da *Dôr que se soffre toda a vida*, modelou a estatua do *Prazer que dura um instante*.

O MESTRE

E quando as trevas cahiram sobre a terra, José de Arimathéa, depois de ter accendido uma tocha de madeira resinosa, desceu da colina ao valle.

Porque tinha que fazer em sua casa. E, ajoelhando-se sobre as pedras do Valle da Desolação, viu um joven despido, que chorava.

Seus cabellos eram côr de mel e seu corpo parecia uma flôr branca. Mas os espinhos lhe haviam dilacerado o corpo e á guiza de corôa levava cinza sobre os cabellos.

E José de Arimathéa, que tinha grandes riquezas, disse ao moço nú, que chorava:

— Comprehendo que seja grande tua dôr, porque, verdadeiramente, Elle era justo.

Mas o joven lhe respondeu:

— Não choro por Elle, mas por mim mesmo. Eu tambem transformei a agua em vinho, e curei o leproso, e dei vista ao cego. Andei sobre as aguas, e expulsei os demonios que habitam nos sepulchros. Dei de comer aos famintos no deserto, onde não havia alimento algum, e fiz com que os mortos se levantassem de seus leitos eternos. E, á minha ordem, e deante de uma grande multidão, uma figueira secca floresceu de novo. Tudo quanto Elle fez, tambem eu o fiz. E, no emtanto, não me crucificaram.

A SORTE GRANDE

Georges Anglelel

FABRICIO Lourdet, camponez do Languedoc, nunca havia sahido da sua terra, quando a fortuna o favoreceu com um bilhete de loteria da Presse, com o qual ganhou um premio de um milhão de francos.

Desorientado por esse presente da bôa sorte, resolveu gozar um pouco a vida, e partiu para Paris, afim de gastar o seu bôlo.

Os meridionaes, em geral prodigos, não pensam senão em levar uma grande vida, uma vida de luxo, para fazer inveja aos seus patricios, desde que a sorte os favoreça.

Fabricio se offereceu um *sleeping* e desceu em um dos primeiros hoteis da rua Rivoli, porque já se havia informado sobre certos assumptos, com o deputado do seu districto, bastante informado dos recursos da capital.

A rusticidade do viajante, apezar das suas vestimentas novas, impediu que elle encontrasse facilidades em se conduzir. Mas logo uma bôa gorgeta dada ao porteiro, o collocou muito alto na estima desse seu subalterno.

Demais, desde que elle revelou a sua personalidade, o acolhimento se lhe tornou sympathico, porque o seu nome e mesmo o seu retrato se estampavam em todos os jornaes.

Pediu um bello apartamento ao porteiro e para elle foi conduzido com salamaléques e curvaturas.

Fatigado por uma longa viagem, o nosso heroe resolveu repousar. Estendendo-se num grande leito, cuja doçura elle saboreou, não tardou a adormecer, a cabeça povoada de sonhos dourados.

No dia seguinte, desde o seu despertar, começou a examinar, attentamente, o local sobre o qual elle havia atirado, na vespera, um olhar ditrahido.

Um cartaz, sobre a sua cabeceira, e pregado á parede, lhe chamou a attenção. Tratava-se do deposito de valores em caixa, da tarifa das refeições tomadas nos aposentos, etc. Todas as coisas novas para o camponez. Mas o que o deixava num abysmo de estupefacção e lhe provocava hilaridade, era a leitura de um outro aviso, junto do primeiro cartaz:

— Ah, isso, por exemplo, é muito forte — exclamou, conservando-se de costas. — Ah, elles têm as suas maneiras no grande mundo. Si é assim que tratam os criados, não admira que se queixem de não os encontrar. Tinha que ver que eu usasse dos mesmos propositos com os rapazes e as raparigas da fazenda. Não sou socialista, mas acabo tendo desejo de sel-o, vendo o que fazem os ricos. Mesmo assim, uma vez que sou rico tambem, quero experimentar uma vez, para ver si é verdade."

E apertou o botão da campainha electrica.

Uma criada appareceu, solicita e apressada.

Fabricio se precipitou, indo ao seu encontro. Elle lhe deu um formidavel tapa!

A criada, julgando que elle estivesse louco, fugiu apavorada.

O provinciano, admirado, disse comsigo mesmo: "Comtudo, eu não me engano." Ia chamar outro empregado, quando um delles entrou.

Antes de poder proferir alguma palavra, o criado recebeu dois tabefes. Pegando o imbecil pelo braço, o serviçal interrogou:

— Está louco, senhor, para tratar desse modo o pessoal? Foi a sorte grande que o tornou maluco?

Como? Mas está escripto no aviso da parede.

— Que é que está escripto? Que os hospedes devem maltratar os criados?

— Certamente!

— Como, certamente?

— E' o que lhe digo... E eu não podia crer em tal coisa.

— Em tal coisa? Explique-se, cavalheiro!

— Sim. Eu não podia crer em tal coisa e quiz fazer uma experiencia...

O criado, convencido de que o cliente havia perdido a razão, tratou de fugir, fechando a porta do quarto bem fechada.

"Decididamente, os parisienses são malucos, disse Fabricio; vou falar com o gerente."

Mas o gerente, cercado de dois guardas civis atravessou a porta do quarto.

— Emfim, senhor, como explica o motivo por que tratou mal o meu pessoal?

— Eu?

— Sim; o senhor mesmo.

Fabricio não discutiu mais: mostrou, com o dedo, o escripto que estava pregado á parede, e que tanto o intrigava.

— E' o senhor, ao contrario, quem me vae explicar o motivo por que affixou nos aposentos essas indicações. Estou deveras intrigado.

E, no meio da hilaridade geral, o camponez leu as palavras reveladoras:

Un coup pour la femme de chambre; deux coups pour le garçon; trois coups pour le sommelier.

— E note-se — disse o caipira — eu me contentei em dar simples tapas nos criados. Não dei os murros, os sôcos a que se refere o aviso...

SARGENTO (S. Paulo) — Prompto, "seu" Sargento! E' a fazer-lhe continencia, militarmente perfilado, que lhe falo da secção "Saibam todos..."

E' muito difficil, "seu" Sargento, um critico, digamos, um julgador de versos alheios, dar a sua verdadeira opinião sobre as producções de um militar, que exhibe no braço quatro divisas negras e respeitaveis.

Comprehende-se: o senhor é representante da força; dispõe de espada e de enxovias. Si eu lhe disser que o sr. não é um grande poeta, estou arriscado a receber as caricias dessa lamina de aço, com que se espaldeiram os civis, — "os insignificantes paisanos", no dizer arrogante dos militares.

De sorte que é respeitosamente aprumado, hirto como um "hussard," em dia de parada, que ouso...

Mas, não! Não, "seu" Sargento, eu não ouso nada! Mesmo porque seria injustiça não conferir merito ao seu soneto "Velho espelho". Embora esta secção não seja loja de "belchior", onde fiquem bem os "velhos espelhos", devo ser sincero declarando que o seu decassyllabo não está máo de todo. Podia ser publicado. Mas o diabo é o motivo, o thema de que se serviu: elle é inadaptavel ás paginas do FON-FON, com aquelle ultimo verbo — "escarrar."

E como lhe quero provar que não ha má vontade de minha parte, fico á espera de que me envie outro trabalho, que esteja dentro do programma desta revista.

E, agora, "seu" Sargento, não me vá dizer como aos seus commandados: "Primeira forma! Sentido!"

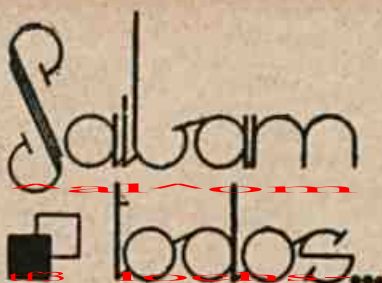
Gostou da "pernada?"

LISETTE (Bahia) — Ah, é bahiana? Eu logo vi! Essa preoccupação de ser palmatoria do mundo é bem a prova de que é filha de uma terra privilegiada, que deu Ruy e Castro Alves.

Ora muito bem!

Falando assim, não se sabe a que me quero referir: é como si falasse a fantasmas. Por isso, vou dar aqui a sua missiva, na integra. Eil-a com todos os seus pontos e virgulas:

"Yves: — Affectuosas saudações — Espero que não me vá censurar impiedosamente com a sua critica habitual, porque o meu desejo é apenas agradecer os momentos alegres, que você proporciona, embora inconsciente, aos leitores da interessantissima secção "Saibam todos..."

Desde ha muito, alimentei o ideal de escrever-lhe, mas temendo não ser attendida e até mesmo ridicularizada, resolvi esperar occasião propicia, em que estivesse disposta a receber, friamente, as suas ironias delicadas.

Como sou da terra do vatapá e do dendê, que tambem produziu alguma cousa mais preciosa do que isto, supplico-lhe não despresar tanto a minha Bahia querida, cujo unico defeito é ser "carinhosa hospitaleira, para seus forasteiros.

Não seja assim tão cruel, Yves, trate os seus consulentes com indulgencia e menos rigor literario. Perdoe-me as minhas recriminações enfadonhas e irritantes, porque são ditas sem intenção alguma de offender a sua pessôa.

Ahi tem este soneto, que fiz em horas de lazer, sujeito a sua apreciação clara e intelligente.

Foi a minha primeira inspiração poetica e por isso praza a Deus, que não seja lançada ao patibulo por excellencia dos poetas d'agua doce... Considerando-me summamente grata, disponha — *Lisette*".

Agora, vamos ás respostas:

1ª. — V. Ex. é injusta, quando affirma que não gosto da Bahia! Oh, a Bahia, terra de todos os Santos! Como não hei de amar esse torrão bemdito, onde ha tanta brasileira "chic" e intelligente — como V. Ex.!

A Bahia tem uma historia cheia de accidentes e lyrismo, na vida do meu coração e através a figura frágil de uma encantadora mulher. E como está longe esse tempo!

2ª. — V. Ex. me concita a ser menos cruel e a tratar com indulgencia os meus consulentes literarios. Muito bem. Conhece a fabula do burro de Buridan? Quem escreve para o publico não sabe como ha de lhe ser agradavel. Ha sempre um descontente.

Si digo galanteios a uma joven que me escreve, não falta quem me escreva: "Você, "seu" Yves, é um idiota. Toma a nuvem por Juno. Pensa que é uma joven que lhe escreve e, no emtanto, é um marmanjo..." Outro: "Você é um bajulador. Quer conquistar a sua consulente e, por isso, usa aquelle estylo alambicado".

Si trato a consulente com mais severidade, fazendo sentir que o FON-FON não é revista de principiante, não falta uma senhorita (ou senhora?) Lisette, que me escreva, da Bahia: "Yves, trate os seus consulentes com indulgencia e menos rigor literario." Emfim, não se sabe o que fazer para agradar ao publico. — Monta-se no burro? Vae-se a pé? Faz-se montar o rapaz? E' uma trapalhada.

Quer V. Ex. vir ficar no meu logar, não digo os oito annos que aqui vou passando — mas oito dias apenas. E si V. Ex., ao fim desse tempo, não fôr conversar com o prof. Juliano Moreira, eu lhe pe[di]rei que me julgue.

3ª. — Deante das suas recriminações, deixo de dar a minha opinião sobre o soneto que me envia. Para que? Acaso V. Ex. estaria disposta a acceital-o, o recebel-o de bom grado.

Não se esqueça de reler a fabula do burro de Buridan... E quando houver na sua mesa um bom carurú, não se esqueça de convidar-me. Está dito?

JULIANA (?) — Hum! Graphologia? Quem disse a V. Ex. que sou graphologo? A's vezes, o que faço é psychologia. E, assim me dispenso de fazer o estudo da letra, attendendo a que o de graphologia só é perfeito auxiliado por aquella sciencia.

Vejamos a sua carta:

Eil-a:

"Illmo. Snr. Yves — Sendo leitora do FON-FON tenho tido occasião de lêr a secção "Saibam Todos" o retrato graphologico de "vossas" consulentes.

E hoje resolvi escrever-lhe pedindo o obsequio de um meu estudo graphologico.

Julgo que nestas simples linhas que lhe dirijo exponho ao seu exame minha letra.

Na resposta peço-lhe dirigir-se a Juliana.

Bem, terminando fico-lhe immensamente agradecida."

Pela "dança macabra" (não é de Saint-Saens) dos pronomes pode-se chegar ao seguinte resultado psychologico: V. Ex. é uma criatura de vontade fraca; é preguiçosa, desanimada, uma vez que não teve bastante perseverança nos seus estudos realizados no grupo escolar. Ora, si assim é, claro está que V. Ex. come muito, contrariando o principio bolchevista: quem não trabalha não come. V. Ex. come muito sem trabalhar.

Por essa logica, chegamos a este raciocinio: quem só vive para comer é uma criatura de máu gosto, incapaz de conceber uma idéa de belleza. Assim, sendo, essa materialidade ha de leval-a a extremos,

ao extremo de descurar até os artificios da vaidade feminina.

E' justo pensar, por tudo isso, que V. Ex. não é lá muito elegante. Em materia de elegancia, deve vestir como essas americanas, que fazem parte do Exercito da Salvação: uniforme de zuarte, chapéo preto, de palha, com uma fita encarnada, (onde se lê o distico da sua corporação) um collarinho duplo, alto, e botas semelhantes ás daquelle gato (o "gato de botas") do conto de Perrault.

Peço-lhe desculpas, si o seu retrato não está perfeito. Eu não sou photographo. E muito menos do Exercito da Salvação. O que pretendi fazer foi psychologia. Méra psychologia, através uma carta feminina...

E até sabbado, sim?

LUIS ERBON (S. Paulo) — Como invejo essa vida das fazendas paulistas! Apezar de toda sua monotonia, eu a trocaria, prazeirosa, por esta vida de balburdia, de chás, de recitaes de arte, de reuniões elegantes, pelas expansões da vida campesina. Um encanto! Olhar extensões de terra, da lavoura rica e prospera, e vêl-as cobertas do verde uniforme e ondulado dos cafezaes que representam ouro, dollares, contos de réis! Que maravilha!

E, emquanto isso, correr pelas estradas longas, vermelhas, faiscando ao sol, ou adormecidas sob a bruma cinza das tardes melancolicas! Correr, ao aconchego macio, fôfo e morno dos autos, polidos e velozes, de fazenda para fazenda, nessa alegria saudavel, que retempera, tonifica e dá o gosto bom de viver!

A sua carta é que me leva a essas divagações. Ella é muito interessante.

Como esta secção é destinada a distrahir e a ser util aos nossos leitores, segue-se que a sua missiva pode ser publicada, nesta pagina, pois é uma synthese rapida, feliz e elegante de um aspecto da vida plutocratica (ou burgueza?) de S. Paulo.

Ella vae aqui a titulo de curiosidade:

"Yves — Prezado confrade. — Li sua amavel resposta na competente secção da revista, a qual transcrevia uma carta que lhe tinha endereçado.

Espero que seu livro de costumes cariocas, esteja bem adiantado. E' verdade que tudo que é bom, requer tempo bastante. E como tenha absoluta certeza de que seu livro vae fazer successo mais pela feitura do phraseado, perfeito, homogeneo e fino, é justo que o publico seja prejudicado na espera, para obter depois uma obra digna de um escriptor de mérito, como é o senhor.

Em São Paulo, não se me têm deparado, propriamente bôas novidades literarias estrangeiras. Do contrario, já teria feito seguir, pelo correio, algum volume ao seu endereço.

Entretanto, estou aguardando alguns volumes de Paris. Neste caso, lhe farei immediata remessa.

Aquella peça que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro aqui representou sob o nome de "Hora Immaculada", de autoria de Nicodemi, foi agora levada em Paris, aliás com o seu nome verdadeiro: "L'aube, le jour et la nuit", sendo que só ficou nos cartazes, 5 dias apenas!

Veja que, nessa grande cidade, qualquer peça alcança 100 representações, e nesta hypothese, por não agradar de todo!

Do contrario, vão até á 100ª. representação! Vejam-se: Comte Obligado, Rose Marie, Tir au flanc, Phi-Phi, (até hoje surge esta opereta!...), e outras tantas que se habituaram ao cartaz, temporadas completas!

Nestes mêzes de junho, julho, e parte de agosto, a cidade da neblina, se torna deserta, em virtude temerem o frio, as familias elegantes...

Santos, acolhe as "divinas damas" paulistas que buscam clima mais amêno para a propria saude, perfeitamente bôa, aliás.

Estes são os mêzes em que as filhas de fazendeiros procuram o aconchego das terras longinquas, das quadras de tennis armadas no terreiro de café, da piscina que beija os tecidos chloróticos e nervosos, das laranjadas vetustas que fornecem o saboroso fruto...

— Allô!

— Daisy? Você hoje quer vir dançar em nossa fazenda?...

— Com todo coração...

— Sabe? Estive agora em São Paulo... de passagem... fui com papae que foi negociar uma grande partida de café... Mas como a cidade está abandonada... Ninguem nas ruas... Ninguem nas confeitarias... Paulo não estava... Quem? Ah, o Fernando está em Santos... Veiu... Não... Sim, o casamento é para depois da temporada de inverno...

— Sabe, Alfredinho pediu hoje minha mão a papae...

— Parabens...

(Alfredinho era "prompto". A um convite da familia, foi passear na fazenda. Tambem foi "prompto" no pedido de casamento...) Ah, o tédio que habita nas coisas silenciosas! Como é possivel que uma demoiselle se distráia numa fazenda onde não ha "côrso" todas as tardes?... O preterido na capital, se torna expresso, urgente, na marcha do amôr...

Por hoje, caro Yves, dou por fim da minha tarefa que era o escrever-lhe.

Mando esta carta por avião.

— E' mais moderno! diria uma mocinha nervosa...

Seu, sempre admirador incondicional. — *Luis Erbon*.

FILGUEIRAS LIMA (Ceará) — Sim. Espere os seus versos modernistas — "Os ultimos guerreiros".

J. FREIRE RIBEIRO (Sergipe) — O seu soneto "Não sei" está fraco. O sr. será capaz de produzir obra mais perfeita. Não se precipite. "Piano, piano..."

THAIS E PILAR (3) — Agradeço os elogios que me fazem. Infelizmente não posso fazer o estudo que me pedem, justamente porque não entendo nada de graphologia.

Assim, VV. EEx. farão muito bem si recorrem a um profissional, reservando a este a honra que me dão com a sua preferencia, entre tantos outros graphologos que conhecem.

De resto, devo dizer que as tentativas sobre a sciencia de Crepieux-Jamin, que tenho feito, são a proposito de pessôas de minhas relações. E VV. EEx. confessam que são desconhecidas para mim e continuarão a sel-o.

ESTUDANTE CURIOSO (Capital) — Dirija-se á Livraria Francisco Alves, á rua do Ouvidor, 166. Sem duvida aqui lá encontrará as obras de que me fala.

YVES.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Solum todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, .

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 24-8-929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

"Tangos argentinos"

. . . as melhores orchestras typicas argentinas gravam exclusivamente em discos

"ODEON"

CASA EDISON

Rua 7 Setem., 90 - Ouvidor, 135
RIO DE JANEIRO

CASA ODEON Ltd.

Rua de S. Bento, 54
S. PAULO

Os luxuosos paquetes que ligam o Rio de Janeiro com outros paizes são afamados pela sua bôa cozinha.

Em quasi todos os paquetes de primeira classe se faz uso exclusivo do Sal Cerebos, tal e qual como nas casas onde ha uma dona de casa intelligente. Este sal tem fama mundial.

O Sal Cerebos é cioso da sua reputação. Ha só uma qualidade—a melhor—para os salões de jantar d'este paquete e para *Vossa Excellencia.*

SAL DE MEZA

Cerebos

A ARMADILHA

UM grito rouco no silencio agreste. E' a busina de um auto que atravessa o parque. Yvonne e Solange, que estavam conversando junto a um caramanchão florido, correm a occultar-se em um bosquezinho de faias. Ali, já refeitas de sua passageira emoção, olhando-se, deitam a rir, e tirando seu pequeno necessaire de *toilette*, com o espelhinho na mão, procedem ao ligeiro retoque, que este lhes recommenda... uma leve nuvemzinha de pós no nariz, e.... muito vermelho nos labios. Yvonne e Solange são alegres e vaidosas e nesse momento estão um pouco emocionadas. Tambem seus espiritos não precisam de vivacidade e originalidade. Não obstante as difficuldades matrimoniaes, pela escassez de maridos provaveis nos tempos que correm, Yvonne e Solange estão se preparando para repellir aquelle Phenix imberbe que a toda marcha lhes traz um esplendido 40 H. P.

Sim, senhoras! Alberto Destrées constitue o que se chama um lindo rapaz.... Cousa que elle está muito longe de ignorar.... E, para maior encanto, possúe uma renda de cem mil francos. Poderoso attractivo em todos os tempos! Vem por Solange... por ser a mais velha das duas. Mas, si, por uma dessas circumstancias imprevistas, com que a vida nos surprehende a cada passo, Yvonne, a mais moça, fosse mais de seu agrado... não haveria inconveniente em curvar-se ás circumstancias...

Ante tal perspectiva, os paes sentiam alguma inquietude. Mas as jovens, com esse desembaraço proprio da educação deste seculo, e que agora nos parece encantador, procuraram tranquillizar seus paes, dizendo-lhes:

— Queridos paes: não deveis vos affligir por tão pouca cousa. Nós nos encarregaremos de arranjar tudo.

E essas cabecinhas loucas urdiram o mais sinistro ardil.... contra o elegante galã!

Yvonne não entra em jogo, por isso que está apaixonada por seu primo Jorge. De maneira que Solange não terá rival... e ainda por cima é das que sabem agradar!

Agradará... Não póde haver duvida. E pensando como vae justar as contas atrazadas ao *irresistivel galã*, estremece, satisfeita.

Eil-o aqui! E' um bonito rapaz moreno, de perfil arabe. Olhos castanhos e rasgados. Rosto trigueiro, que não consegue animar de todo, um leve e incerto sorriso, desfigurado por uma mandibula muito pronunciada que lhe dá uma expressão de crueldade.

Havia quinze annos que não se viam. Então, eram ainda crianças... Mas não antecipemos os acontecimentos...

Com admiravel resolução, Solange afronta rapidamente a entrevista. A deslumbrante belleza da moça, seus olhos brilhantes, sua tez de flor, seus esplendidos cabellos cingidos por uma fita dourada deixam Destrées mudo de admiração. Que distincção! Que elegancia! Que encanto! A sua expressão, mixto de amabilidade e desdém que subjuga! Embora seu porte elegante e altivo pareça pedir o complemento de um arco e de um lebrel a seus pés, não tem em suas mãos sinão um ramo de cardo em flor! Apesar disso, não deixa de se parecer com a Diana caçadora!

Alberto, um tanto desconcertado, se anima a dizer-lhe:

— A senhorita gosta dessas plantas tão asperas?

— Por que não, senhor? Si possúem um sem numero de virtudes!... A semente é o alimento preferido de um passarinho encantador que o senhor deve conhecer.

— O rouxinol, não é verdade?

— Esse mesmo. Pelo que vejo, entende de passaros, e sem duvida deve gostar delles tanto quanto eu.

— Encantam-me os passaros.

— Desde quando?

— Desde que nasci.

Por que me pergunta isso, senhorita?

— Por causa de um pequeno successo de minha infancia, que agora vou recordar-lhe. Ouça-o.

"Havia uma vez um menino de uns dez annos, cujos paes moravam em uma bella casa de campo, proxima á nossa. Certo dia de um rigorosissimo inverno, em que as arvores e a terra desappareciam sob um manto de neve, em que se via morrerem de frio os passarinhos, quando mal de fome, minha mãe levou-me á casa dos paes desse menino, o qual, depois de ter-me feito as honras de sua casa, como é de rigor, me disse ao ouvido, com ar de mysterio e tom protector:

"— Vem, que eu te quero mostrar uma cousa"

"Arrastou-me para o jardim, e varreu a neve de um reduzido espaço em um recanto. Feito isso, collocou em declive no chão uma taboa sustentada por dois pedacinhos de madeira postos no fio da taboa. A esse fraco supporte amarrou um fio numa de cujas extremidades segurava na mão. Antes de se afastar, deitou debaixo da taboa umas migalhas de pão. Occultámo-nos detraz de uma moita, prohibindo-me elle que fizesse o menor movimento. Eu era, então, uma criança de cinco annos, timida e docil, e assim obedeci tremendo.

"Bem depressa vi os passaros descerem famintos até a armadilha. Mal tive tempo de comprehender, pois já o supporte da taboa havia cedido ao impulso dado ao fio, fazendo-a cahir sobre as pobres avezinhas. Poucas escaparam á matança. A' minha exclamação de horror, respondeu o barbaro menino com um grito de triumpho, e inclinando-se sobre o mortifero apparelho, recolheu sua caça. Quatro mortos e um ferido. Este ultimo, um pequenissimo rouxinol com os olhinhos revirados, expi-

Paul Lacour

rou em minhas mãos, a despeito de meus beijos e minhas lagrimas! O caçador ria com ferocidade, troçando de mim. E' sempre assim que lhe cantam os passarinhos, senhor?

— Mas, por Deus, senhorita! Eu estava, então, nessa idade em que se é impiedoso e maligno. Isso é commum na infancia. Certamente, era um entretimento cruel... mas sem transcendencia!...

— Terá que desculpar-me, senhor Després. Mas não sou de sua opinião. O bobo já se revela no filho do bobo! Não pude esquecer, nem esquecerei nunca o verdugo e suas victimas!

O tom energico empregado por Solange deu-lhe a entender que pretendia vingal-as, repellindo seu matador. Pelo que, dando-se por sciente, o bello e rico Destrées lhe disse, com altivez e com visivel insolencia:

— Está muito bem... Como queira, senhorita! Mas saiba que, si estou aqui é por vontade de seus paes e com o beneplácito da senhorita e sua irmã.

— Está certo, cavalheiro.

— Era então um ardil, para fazer-me cahir na armadilha?

— Disso entende o senhor muito mais que eu!... Em todo caso, a minha não era mortal...

Sob o outro caramanchão estavam os paes, espiando de longe a entrevista. Radiantes de satisfação, contemplavam o joven par. E diziam:

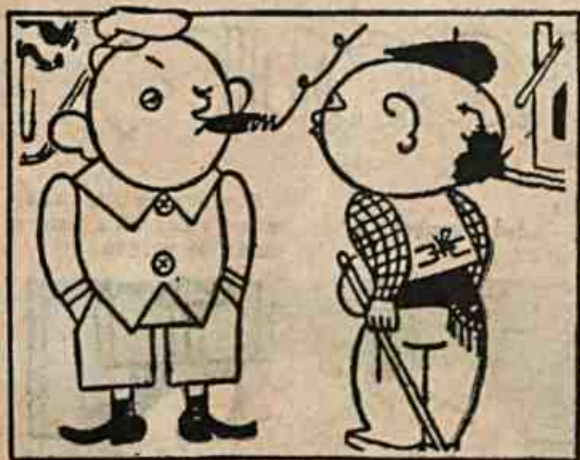
— Como estão encantadores os dois! Vê-se que nasceram um para o outro!

Não obstante, a seus ouvidos chegou o éco de uma voz alegre e trocista:

— Adeus, senhor! Bôa viagem!

E viram Solange afastar-se sozinha para o fundo do parque...

(Illustração de Marcelo Roberto)

ESPIRITO ALHEIO

— Perguntas-me si me doeu a cabeça a primeira vez que fumei? Mais ainda: doeu-me todo o corpo.
— E' estranho isso!
— E' porque tu não pódes imaginar a surra que me deu meu pae.

— Quando te dou muito dinheiro para as despesas da casa, não te chega, e quando te dou pouco, te arranjas...
— E não o comprehendes? E' que, quando me dás muito, pago as dividas que faço quando me dás pouco.

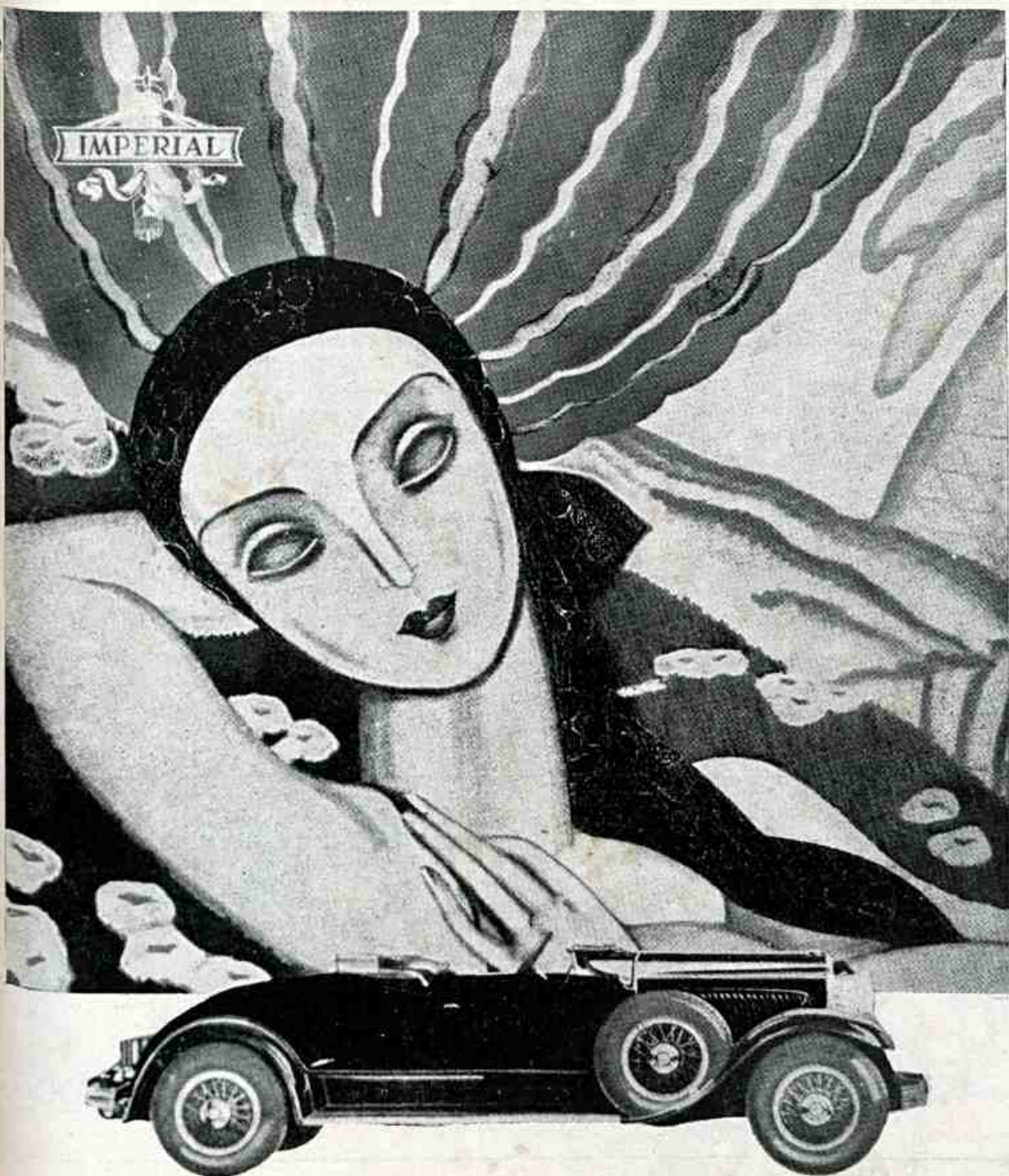
MYOPIA

O amigo do noivo. — Que mulher gordinha e bem desenvolvida arranjaste, Fortunato!
A victima. — E' verdade. Mas é que sou um pouco curto da vista.

GAVONS

O sabio. — Que tal está hoje a carne?
O açougueiro. — Suave como o coração de uma mulher.
O sabio. — Ah! Então me dê meio kilo de salsichas.

A esposa (correndo, alarmada com os fortes gemidos de seu marido). — Carlos! Por Deus! Que tens?
O marido. — Que nunca... nunca mais... ponhas a garrafa da therebentina junto á do "whisky"...

— Juquinha: hontem á noite havia na mesa dois pedaços de bolo, e hoje só ha um! Como se explica isso?
— E' que, com a escuridão, eu não vi o outro pedaço.

IMPERIAL

:: Um livro feito de cambiantes varias ::

De Raul Lellis

Si é possivel que uma phrase defina um espirito Pedro Conti, esse que acaba de nos dar "Luz e Sombra", — feixe de versos que falam de amôr, de idealismo, de sonho e de muita realidade — deixou o seu espirito claramente definido nos dois primeiros versos da apresentação de sua obra:

Quando nada este livro é uma marcha penosa
Em busca do esplendor da Viva Perfeição;

Mais não seria preciso para dizer dessa alma que, não podendo guardar em si a ansia determinada pela ebulição dos ideaes aquecidos á chamma da palpitação moderna, soube vasal-a em versos e a offereceu ao mundo, na esperança, talvez, de encontrar outras almas que com ella communguassem as esperanças em explosão.

De principio se percebe que duas forças, quasi contrarias, influiram no espirito de Conti, assistindo ao nascimento de "Luz e Sombra": o sentimentalismo accentuado que o ambiente da provincia natal lhe poz no espirito desde o berço e que nem a civilização européa foi capaz de suffocar; e a palpitação modernista, o traço accentuado de evolução que o poeta espalhou nos seus versos. A primeira dessas forças apparece clara no sentimento de todos os trabalhos reunidos no livro, no traço ora pessimista, ora fantasista, ora optimista dos versos e poemas; a segunda vê-se na formação dos versos, na maneira de dizel-simples e incisiva na forma rapida e agradavel. Como o autor conseguiu casar elementos tão dispares e quasi contradictorios, é coisa que elle não revela.

Em se lendo "Luz e Sombra", calmamente, com interesse, como eu o fiz, adivinha-se do espirito do poeta segredos que elle certamente não pensou revelar, mas que palpitam em tudo que lhe sahiu da penna. Alma feita de anseios e de esperanças, alma de idolatra e de sonhador, alma de moço que lê em tudo a philosophia das coisas e dos seres, dir-se-ia que Pedro Conti fosse, elle mesmo, feito dessa mescla de agitação, de rythmos, de paroxismos e de exaltação que ha no ar, na natureza, nos homens e nas coisas.

De principio, elle se revela um desilludido, um conformado, quando nos diz em "Religião":

(Conclue na pag. 24)

VARINHA DE CONDÃO

Chapéos de palha — Talvez agrade a algumas das nossas gentis leitoras, como uma economia ou simplesmente como um passatempo, fazerem ellas mesmas um desses dois chapéos que nossa gravura mostra.

Podem escolher entre um com aba e outro sem ella.

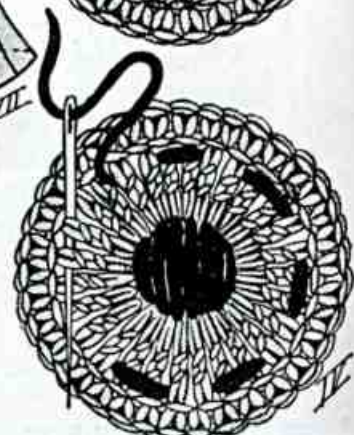
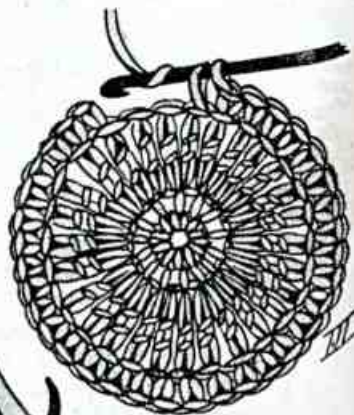
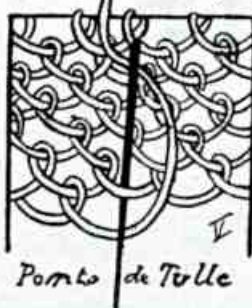
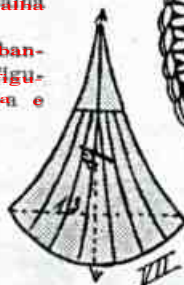
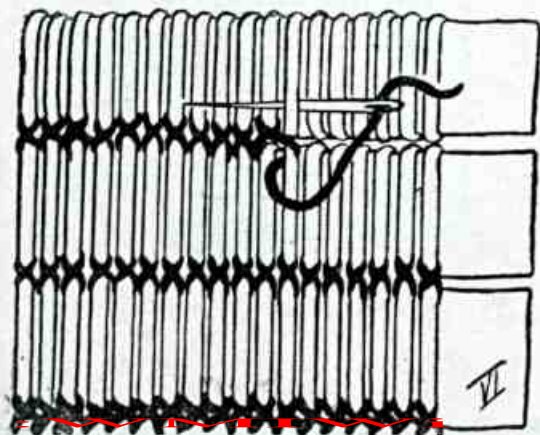
O primeiro é enfeitado, e o segundo inteiramente feito de palha trançada por meio da agulha.

O chapéo numero I é de feltro verde, ornamentado por tres bandas de palha branca entrelaçadas com pontos de palha negra (figura VI). A faixa assim obtida se adapta á copa contornando-a e cahindo a ponta de um lado sobre a aba.

Executa-se essa banda enrolando a palha branca em anneis muito pouco espaçados sobre tiras de papelão fino da largura de um dedo. Pregam-se estas tiras sobre um papel, com alfinetes, umas ao lado das outras e passa-se entre ellas um ponto de x com palha negra enfiada em uma agulheta, conforme se vê na já citada fig VI.

O segundo modelo é um chapelete sem abas, inteiramente feito de palha negra. Toma-se uma fôrma de chapéo recoberta por uma copa de seda ou de feltro já fóra de uso. No alto prega-se com alfinete a rosacea que se vê na fig. IV. Em torno dessa, prega-se uma fileira de rosaceas, depois uma segunda e, emfim, duas mais, conforme se vê na fig. II. Enche-se os intervallos com o ponto de tulle, e termina-se collocando sobre o lado um leque da mesma palha negra, feito pelo mesmo systema da fig. VI, mas segundo o modelo VII. Depois de prompto, pinta-se todo elle com verniz preto e se põe a seccar.

A palha a empregar deve ser de qualidade flexível, das que se vendem em peças. Para facilitar o trabalho pode-se comprar o liquido de amollecer preparos de chapelaria. Molham-se nelle o index e o pollegar, e se vae desenrolando a palha humedecendo-a com os dedos. Deixa-se a palha seccar, amontoada, sem tocar nella. Depois enrola-se novamente e pode-se começar o trabalho.

Para se principiar as rosaceas das figuras III e IV, enrola-se um pedaço de palha tres vezes sobre o

dedo, formando um anel, e na argola assim obtida prende-se a primeira carreira de pontos.

Podem, si assim o desejarem, bordar o centro das rosaceas, bem como alinhar-lhes os contornos com sedas coloridas, obtendo assim, em vez da discreta toque negra, um gracioso chapéo mais fantazista.

O ponto de tulle que une as rosaceas é feito com a agulheta, enfiada de palha dobrada, isto é, sendo o ponto feito com as duas vezes de palha: a que sobe até á agulha e a que desce della. O ponto deve ser o de festão, feito em carreiras presas umas nas outras, bem regulares e um pouco frouxas.

MEIA-ESTAÇÃO — Já as primeiras ephemerides bailan em torno das luzes, quando estas se accendem na doçura macia das tardes que se alongam... Nuvem fragil de finas azas sedosas, que se ergue num fremito transitorio como um revoar de idéas palpitantes... cedo recahe e apenas restam sobre a toalha alva uns corpinhos a rastejarem, quaes pequenos riscos ambulantes. Tambem muitos pensamentos que vibram de vida e paixão, quantas vezes tambem e se transformam em pequenos traços inexpressivos correndo sobre a brancura de um papel...

Ephemerides... sonhos fugitivos das calidas tardes de verão, transcriptos em larvas mesquinhas... Todos os annos ellas voltam a nos importunar e em suas azas frageis esvoaça um pensamento de eterniadde. A lembrança de que mais um anno se foi para a cova do jamais.

Ephemerides... De novo a meia estação. Mas porque nos entristecermos? O sabor maior da vida está em sua mesma brevidade. Saibamos sorrir della... e para ella. Outro anno que se foi? Mais um verão que se aproxima? E' preciso pensarmos nos novos vestidos de meia estação. Por emquanto vestidos de sedas, ensembles leves. A georgette ainda pode esperar pois é de crer que ainda voltem alguns dias frescos.

Eis em nossa pagina tres amigas que não parecem se occupar de philophias sombrias. Suas atitudes graciosas e displicentes são de quem discute apenas chiffons e faceirices.

A que está sentada está dizendo para a que lhe fica em frente:

"Que lindo está seu vestido de crepe azul! Essas nervuras em ponta na blusa fazem um effeito muito elegante, maravilhosamente completado pelos panneaux em forma que sahem dos angulos da ultima nervura."

Ao que a moça do vestido azul modestamente responde. "Mas original que o meu é o dispositivo das nervuras no vestido de Margarida. Repara como é encantador o geito com que circumdam a cintura descendo na frente e terminando nessa ponta cujo reverso côr de palha tanto realce dão ao verde secco da radium. E o jabot da blusa tambem forrado como o reverso da saia é muito moderno."

"Pois olha, diz logo a Margarida, por mim estou sonhando mas é com um vestido estampado. O Verão está proximo: e com elle o reino das bellas fazendas esmaltadas como visões maravilhosas de flores supra-terrenas. Levanta, Clara, assim não podemos ver bem esse que trazes de gentis ramalhetes rubros sobre um fundo roseo de alvorada, lindamente estriado de viezes vermelhos como laivos sanguineos do sol nascente."

ETIQUETAS SOCIAES — Numa revista argentina, em pagina dedicada a conselhos de boa educação encontrei o preceito seguinte. Quando se conversa com pessoas que não são muito intimas é de mau gosto o uso da palavra "homem" no correr da palestra."

Fiquei perplexa. Juntei as idéas que andavam distrahidas, e comprehendi que se trata das locuções familiares: "Homem! você sabe..." "Homem! para lhe fallar com franqueza que de facto são pouco distinctos quando dirigidas a pessoas de ceremonia, ou até mesmo si usadas com exagero.

Agora imaginem um caipira (que por lá tambem os ha, embora tenham outro nome) compenetrando-se da tal regra, sem comprehender, e fazendo prodigios para evitar o termo em questão, elle que ignora os synonimos philosophicos de "animal racional", e "rei da creação"!

Ali está o mal de um laconismo exagerado.

* * *

Cinderella

Um livro feito de cambiantes varias

(Conclusão)

Tu queres um conselho? Ama tudo no mundo:
O bom fulgor do sol e a ponta do punhal.

Pode aquelle te dar calor ao corpo immundo
Pode esta dar-te um fim, se sentes torvo mal!

Com o mesmo impulso com que escreveu este soneto, deve elle ter escripto "Inconsciencia", repassado da mesma bondade heroica e desprendida como deve ter escripto tambem "Optimismo", na mesma cadencia espiritual admiravel:

Amo com o mesmo amor quem me odeia e quem me [ama,
Tudo que me entristece e tudo que me alegra:
A escuridão da noite, a madrugada em chamma,
Uma ventura linda e uma desgraça negra.

Subito, porem, o philosopho se apouca deante de si mesmo. O poeta se desdobra com uma personalidade nova, diversa alheia á que havia sido até então e a figura do apaixonado, do homem feito de nervos e de vibração, apparece estuante a se derramar em uma determinação exaltada e communicativa. Eil-o, por exemplo, em "Salomé":

Eu senti, Iokanaan, minha alma embriagada
Ao som da tua voz ardente e crystaline,
E pensei ver em ti a figura encantada
Que sempre illuminou meus sonhos ce divina.

"Salomé" é um poema. Só elle, formaria um livro. E em todos os versos, do primeiro ao ultimo, lembrando e cultuando a alma apaixonada da peccadora historica o poeta espalhou a gamma apaixonada que lhe deve andar na alma em turbilhões, nas horas em que a nostalgia não o faz philosopho.

Nós bem poderiamos dividir o livro de Pedro Conti em duas partes: o livro do evangelisador e o livro do poeta. Porque, passada a primeira parte do volume que elle denominou "Abysmos e Estrellas" chegados á segunda parte, "Jardim de caricias", quasi tudo que encontramos é meigo, romantico, emocional, a viver a saudade de um amor extincto ou a corporificar a ansia de um sonho insatisfeito. Diz em "Ansias e Sóes":

Nos meus ouvidos baila o timbre fofo e ideal
Da tua voz serena e fresca de cascata,
Que canta para mim a branca serenata
Das curvas de teu corpo, apparição floral!

Ou então, em "Cigana do Amor":

Eu vivo tão sozinho e vives tão sozinha...
Unamos teu amor ao meu amor que estúa!
Tu poderás matar esta ansiedade minha,
Eu poderei matar essa ansiedade tua!

A epoca não sei porque mudou a maneira de se julgarem os valores intellectuaes. Theorias novas, deducções novas, impressões novas. Mas eu tenho como certo que errará profundamente aquelle que pretender ler o livro de Pedro Conti com outros olhos que não sejam os da alma. Toda a agitação espiritual do poeta, toda a sua variação sentimental devem ser sentidas e penso que jamais sente o bastante quem olha superficialmente ou quem analysa com a frieza do dissecador...

Eu, pelo menos, li "Luz e Sombra" com os olhos da alma. Deve ser por isso que o senti tão intensamente.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Rosea cutis setinosa
Como a petala da rosa
Aberta ao sól;
Lembras a acção milagrosa
Do sabonete EUCALOL.

Hermengildo Chaves.

Rev. Cidade Verde — Bello Horizonte — Av. Brasil 101.

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 34

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1929

TUBARÕES E CEARENSES

UM dos nossos jornaes illustrados publicou ha tempos uma nota sobre tubarões e cearenses, recheiada de inverdades palpitantes. Disse que, no porto de Fortaleza, os vapores são rodeados por enorme quantidade de tubarões, accrescentando textualmente: "E esse espectaculo é ainda mais assombroso para o viajante, porque justamente quando mais famintos os tubarões apertam o cerco ao costado dos navios, das pequenas embarcações, homens se atiram a nado em busca dos cabos de comboio lançados de bordo, sem sêrem absolutamente importunados..." E conclúe: "Todos os homens do mar, naquelle Estado, possuem umas roupas de brim mescla, as quaes, antes de sêrem usadas, são refervidas varios dias numa infusão de fôlhas de fumo, ficando, dessa forma, impregnados de um cheiro muito activo, e esse cheiro é que afugenta os terriveis peixes do contacto com os arrojados maritimos."

Quanta fabula em tão poucas palavras! Em primeiro logar, tubarão, é coisa que quasi se não vê nas aguas de Fortaleza; em segundo, sómente os jangadeiros usam roupas refervidas numa infusão qualquer. Tingem o algodão com muricy ou cajueiro bravo, afim de tornal-o resistente á agua do mar.

Uma cearense espirituosa escreveu-me uma cartinha anonyma, que é uma deliciosa resposta a essa tolice e vale por uma chronica de primeira ordem. Que ella tenha a palavra: "Prezado João do Norte. Sou cearense como você. Como você, tenho viajado muito e, mais do que você, tenho embarcado e desembarcado no porto do Ceará. Conheço e observo tudo. Vejo muita coisa bella e muita coisa que ainda nos faz encalistrar... Ha a prata reluzente das praias, o verde deslumbrante do mar e os leques esvoaçantes dos coqueiros... Ha o porto que — Deus nos acuda! — é bem ruinzinho... Porém o que nunca vi foi essa feroz legião de tubarões, ainda peores do que o porto e a fertil imaginação de quem os vio... Ora, você, João, que tem um pouquinho mais de minha idade (18 annos sómente...) e, portanto, já viveu mais do que eu, algum dia na sua vida teve noticia dos tubarões que cercam os navios que entram no porto de Fortaleza? Pois acabo de lêr isso numa das revistas do Rio. Faça-me um favor. Defenda a nossa terrinha. Bastam o flagello das seccas, o inqualificavel porto, a politica e outras mazelas. Não nos deixe, pois, engolir mais esses tubarões... Então, assim vivos, bolindo, que manjar desagradavel! Não acha? Desculpe o papel e os erros (formula collegial...) Sou uma dactylographa mediocre; mas, em materia de bairrismo, ninguem me ultrapassa. Sua conterranea Cearense avant tout."

Ahi fica, desta sorte, o nosso protesto, o da minha patricia e o meu.

JOÃO DO NORTE

BRILHANTES foram os festejos realizados nos salões do Botafogo Football Club para a commemoração do anniversario de sua fundação. Entre essas festas, teve um destaque digno de nota a hora litero-musical, em que figuraram elementos consagrados em nossos meios artisticos e mundanos. Esta photographia focaliza o grupo de pessoas que tomaram parte no festival.

O HOMEM QUE PERDERA A ESPOSA...

Num grande estabelecimento commercial, um senhor percorre as secções, olhando com muita attenção para todos os lados. Um dos empregados pergunta-lhe o que procura.

— Acabo de perder minha esposa...

O empregado interrompe-o, dizendo precipitadamente:

— Trajes de luto no quinto; artigos mortuarios no segundo...

A fina assistencia que compareceu aos salões do Botafogo F. C., no dia do festival de arte que ali se realizou.

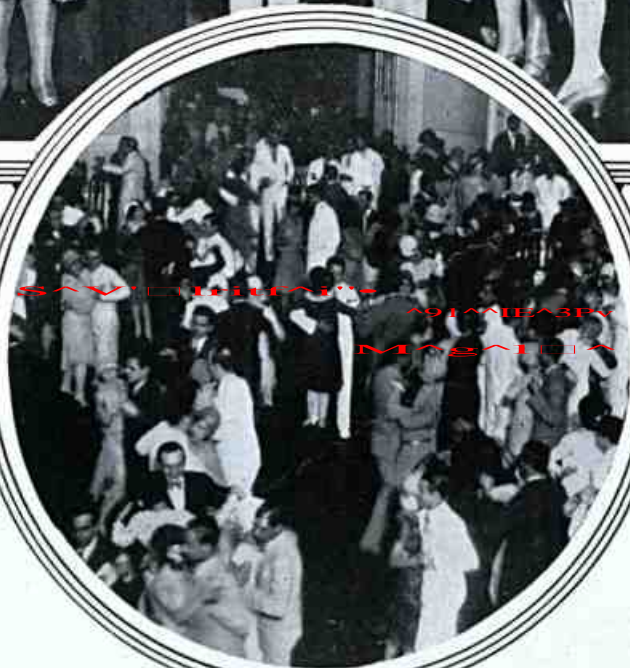
GLYCINIAS

Toda a minha vida, agora, é triste e solitária. Toda a minha vida tem, neste momento, a desolação infinita e a infinita melancolia dos desertos gelados.

Tu andas longe de mim, meu amor, e a minha vida não se conforma com o desapparecimento do sol que lhe dava luz e calor.

Faz tanto tempo que te foste.... Tanto tempo... Este inverno já está se tornando muito longo. E o deserto gelado da minha vida já não póde supportar a ausencia do sol da tua vida...

Meu amor, por onde andas, e por que te demoras tanto?...

. . .

Foi uma festa linda, de alegria e bom gosto, o chá-dançante que o Fluminense Foot-ball Club offereceu aos seus associados, no domingo passado. Movimentaram-se nos salões do querido club as figuras mais representativas da nossa «élite».

FESTEJANDO o 10.º anniversario do concurso em que o dr. Rocha Vaz conquistou a cathedra de clinica medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os collegas, discipulos e amigos daquelle professor offereceram-lhe um almoço, domingo passado, no Hotel Gloria.

FILIGRANAS

O teu riso é como uma luz que illumina a minha vida e a tua voz é como a orchestra que lhe marca o rythmo. Si o teu riso se apagasse e si tua voz esmaecesse, eu ficaria sem rumo, perdido como o navegante que visse sumir-se para sempre o farol que lhe indicava a entrada do porto em noite escura. Por tua voz e por teu riso, como diria um antigo cavalleiro portuguez dos tempos heroicos á sua dama:

Mortos se levantarão
para morrerem por vós!

FILIGRANAS

A solidão é para mim um mal e é, ao mesmo tempo, um bem inestimavel. Porque, si ella me entristece á força de fazer com que para dentro de mim mesmo se voltem os meus olhos, tambem me abre o pensamento todo o imponente scenario do mundo interior. O', vida do espirito, que deslumbramento na terra será maior do que o teu? Creio que foi André Chénier o poeta que cantou

... je n'ai plus de bornes,
si je m'enferme seul.

Sim, a solidão é a chave com que se abre a porta mysteriosa que dá para o infinito da alma.

UM grupo de officiaes da nossa Armada promoveu, sabbado ultimo, no Club Naval, um almoço em honra dos seus collegas do commando do submarino «Humaytá», em signal de regosijo pelo exito da travessia do novo vaso de guerra brasileiro que acaba de nos vir da Italia.

E vanidade...

AS MÃOS DOS HOMENS E AS MÃOS FEMININAS

MACHADO de Assis escreveu certa vez: "Ha deusas coisas que mão de homem não faz; mão de homem é pesada e trapalhona."

Não me recordo da natureza das coisas a que o Mestre de "Braz Cubas" se refere. Creio que é uma coisa material. Mas, de qualquer modo, quero discordar do humorista philosopho, para defender a leveza e agilidade da mão do homem.

Ha positivamente um grande exaggero nesta affirmativa: "Mão de homem é pesada e trapalhona."

E' uma phrase. E' uma phrase que pode ser tão contestada como aquella outra de Julio Dantas, a proposito das filhas de Eva: "As mãos das mulheres se fizeram para colher rosas e enfiar perolas". Si a phrase não é essa, "ipsis verbis" ha de ser semelhante. Pelo menos é esse o conceito que ella encerra...

Mas voltemos a Machado de Assis.

Mão trapalhona e pesada, a do homem? Mas, senhores, façamos justiça aos representantes do nosso sexo. Não é trapalhona, nem pesada, a mão de um Cellini, lavrando obras primas com o seu buril maravilhoso. E que dizer da mão privilegiada de um Leonardo da Vinci, trabalhando os primores de uma "Gioconda?" E Ticiano, traçando a plastica voluptuosa da sua "Leda?"

Si quizessemos ennumerar as maravilhas humanas, feitas pela mão do homem, poderiamos ir muito longe, dentro e fóra dos dominios da arte.

Sim, poder-se-á esquecer a floração de pedra das cathedraes, todos os lavores e artificios que a mão do homem tem rendilhado no marmore, no bronze e na madeira?

E haverá subtileza que supplante a de um Paganini, ferindo as cordas do seu violino magico?

MLLE. Lucinda Corrêa é uma galante figurinha do «set» carioca. Ri numa «pose» que parece estudada. Mas não é. A sua attitude é um flagrante da sua alegria joven, essa alegria sã de quem se sente moça e bonita.

Não creio que a mão do homem seja trapalhona, como pretende o romancista de "Yayá Garcia."

Ah, que injustiça, meus senhores! Abramos um livro, por acaso. Aqui está um poeta italiano: Stecchetti...

Quando cadran le foglie e tu verrai
A cercar la mia croce in camposanto,
In un cantuccio la ritroverai
E molti fior le saran nati accanto.

Cógli allora pé tuoi biondi capelli
I fiori nati dal mio cor. Son quelli
I canti che pansai ma che non scrissi
Le parole d'amor che non ti dissi.

Francamente, qual seria a mão pesada e trapalhona capaz de filigranar a melancolia suave desses lindos cantos de morte?

Abro outro livro. E' ainda um poeta: Albert Samain, — em "Au Jardin de l'Infante..."

L'été d'or coule dans les coupes;
Le jus des pêches que tu coupes
Eclabousse ton sein neigeux.

Le parc est sombre comme un gouffre...
Et c'est dans mon cœur orageux
Comme un mal de douceur qui souffre...

Não! Não ha mão trapalhona que modele esses versos de ouro e de crystal.

Voltando agora a Julio Dantas... E' verdade que a mão feminina é mais delicada que a nossa. Ella está bem no arranjo das rosas, ou enfiando perolas e recebendo beijos. Mas, ás vezes, é trapalhona e pesada: porque, não sendo capaz de realizar o que a mão dos artistas realiza, se compraz em destruir o nosso coração, a nossa vida, o nosso destino — com os seus gestos crueis e estouvados.

PIEGUICE — Minha amiga — Ha um conceito chinez (e os filhos do ex-Celeste Imperio são demasiado prudentes...) que diz assim: "E' tão censuravel falar, quando é preciso calar, como é censuravel calar, quando é urgente falar."

Isso póde não ser verdade, mas é applicavel ao meu caso. E aqui está como é que essa maxima se explica *à merveille*: tu me dizes: "Nunca escreveste o meu nome para dizer em seguida: "Eu te amo!"...

Sim, tens razão. Eu nunca escreverei o teu nome. Ahi é "censuravel falar, quando é mister calar"... Não achas que ha mais encanto neste silencio discreto, com que nos amamos de longe?

As tuas amigas, os teus conhecidos, todos aquelles que vivem em nossa *entourage*, nem de longe imaginam que vives no meu pensamento como um raio do luar de outubro, no coração de uma rosa côr de neve...

E quantas vezes, esses que ás vezes são nossos intimos, não têm uma palavra aspera para a minha ausencia! Tu estás vigilante. Fazes minha defesa... Uma defesa fraca, a principio; ardente, logo, após. A's vezes, tão apaixonada que, sem querer, quasi revelas o teu segredo.

E quando alguem te pergunta: "Que interesse tens em defendel-o?" é com um esforço supremo que apparentas toda a serenidade, para que a tua voz não accuse certo tremor, quando respondes, indifferente: "Ora essa! Nenhum!... Faço justiça aos que se não podem defender, por estarem ausentes..."

Outras vezes, quando estamos juntos, e a todos os que nos conhecem parecemos dois estranhos, os nossos pensamentos se confundem, dizem a mesma coisa, porque os nossos olhos se encontram n'um mesmo ponto, que lhes serve de apoio: um jarro, uma téla, uma flôr, um livro, um movel que está ao pé de nós, e até mesmo em uma estrella, ou na face branca do luar, onde Mme. Sevigné dava *rendez-vous* espiritual aos seus amigos queridos... Percebes?

Dize: afinal, tudo isso não é um encanto para nós? Um encanto que se repete, sempre, a cada hora, a todo instante?

E quantas vezes, quando alguma voz se levanta e profere alguma injustiça contra ti, — quantas vezes não disfarço a minha grande emoção e, para que não surprehendam o meu segredo, defendo todas as mulheres que peccaram, que peccam e peccarão?

E cito aquella parabola dos Evangelhos: "Quem se julgar isento de peccados...:" E não imaginas que satisfação intima me lava o coração... Porque sinto que a minha consciencia está leve: — defendo os erros das mulheres que amaram e soffreram; defendo a tua causa...

Eis ahi! E' tão consolavel falar, quando é prudente calar, como é reprovavel calar, quando se deve falar...

E, ainda agora, sinto que é prudente calar. Mas como tu me comprehendes, e é bem possivel que, neste fim de crepusculo, tenhas o pensamento em mim, repetirás os versos de Lamartine. Aquelle teu Lamartine piégas...

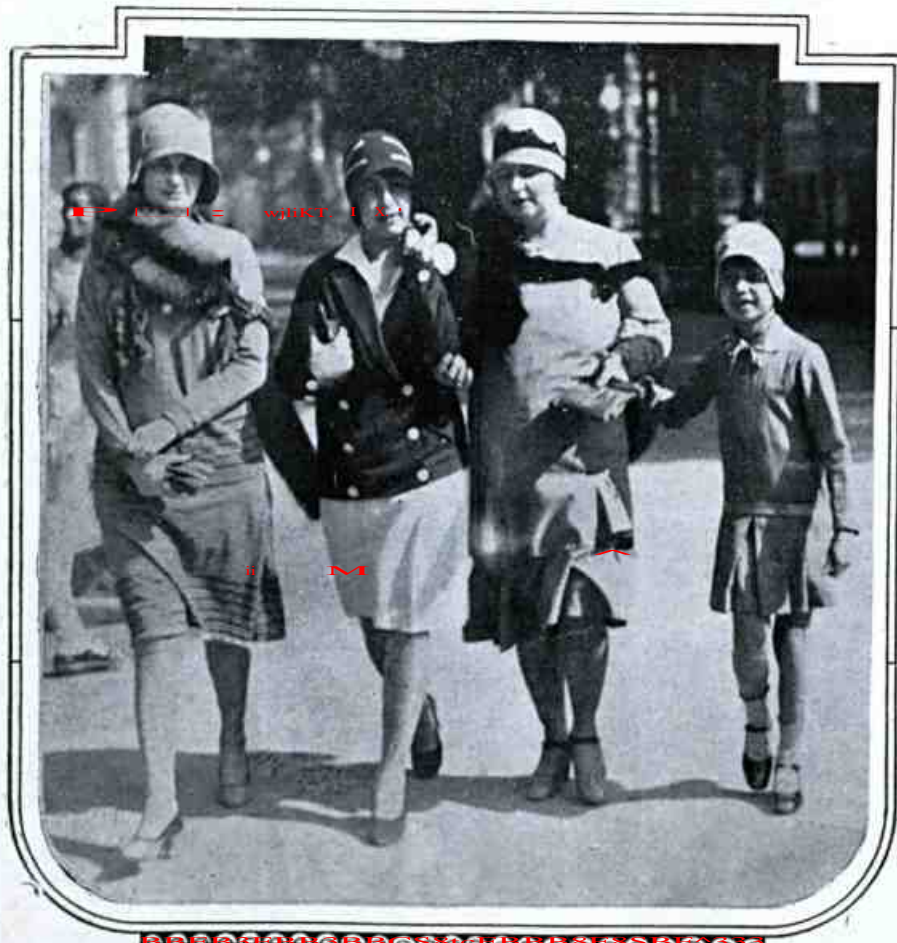
Il est un nom caché dans
l'ombre de mon âme,
Que j'y lis nuit et jour et
qu'aucun œil ne voit.

Uma palavra de saudade do teu — B. P.

RÊVERIE — De Yvette — Leio em "Le Jardin des caresses", de Franz Toussaint, este começo de poema: "Em ti conheço dez physionomias differentes; e, cada vez que te vejo, é uma outra mulher que me olha e me sorri."

Assim falla o poeta de sensibilidade tão exquisita.

Ora, eu não sei quantas são as expressões de tua mascara. Mas referirei aqui as que conheço...

Quando, á tarde, tu vens ao meu encontro, esmaltada e artificial como uma boneca de porcelana, a face corada a *rouge*, os labios sangrando a *baton*, os olhos castanho-escuros, sob as sobrancelhas finas, feitas a traços de sépia, vestido curto, o chapéo deixando vêr as pontinhas do cabello negro, a epiderme de nacar — vejo em ti a mulher frivola e bonita, a mulher elegante, que me interessa porque sei que os outros homens te cobiçam, como a um fructo prohibido... Quando nós vamos, pelas alamêdas caladas, enfeitadas de estatuas e hortensias, o teu olhar é calmo, reflectindo a belleza dos teus sonhos, — cheios da tua vida interior. Vejo em ti a mulher sonhadora, a heroina deste romance que se alonga pelos annos além... Vejo em ti a minha *poupée*,

Uma familia feliz, sahindo da santa casa de Deus...

que sonha e ama... A *poupée* que é assim como aquella que Maurice Rostand diz "trazer nos braços, pela vida afora"... Quando tu me appareces contrafeita, o rosto em braza, irrequieta, um ar *farouche*, cobrindo-me de recriminações, ferida pelo teu ciume, vejo em ti a mulher como as outras — a mulher que varia de idéas a cada passo — como as ventoinhas sem rumo...

Quando um attrito qualquer, um mal entendido deploravel, te põe deante dos meus olhos, com um sorriso moqueur, um rictus de ironia, a franzir-te o angulo da bôcca perfumada — vejo em ti a mulher que me desagrada.

Por que? Porque tu me fórças a um terrivel duello de perfidias e de palavras amargas...

Quando, porém, me ausento de ti, e, mais tarde, o destino me leva de novo ao teu amor, — e os teus olhos castanho-escuros se humedecem de lagrimas, — as lagrimas paradoxaes da alegria — vejo em ti a mulher que mais adoro... Vejo em ti a minha Mater-Dolorosa!... Porque as lagrimas da mulher se fizeram para banhar as dôres profundas dos homens...

TEDIO — O fio de um vento gelado se insinua aqui pela sala da redacção, tecendo um complicado arabesco, fazendo a nossa pelle se arrepiar.

Frio... Frio e tristeza. E depois... Por que é que esta segunda-feira está assim vestida de bruma, de nevoas, e este vento sacode a franças das arvores e lhe arranca as folhas, que se vão, como sonhos, bailando numa dança macabra?

Um tedio lento, côr de ocre, (nem todos os tedios são cinzentos) se derrama dentro de seu coração, como dentro de um *vas spirituale*. Em torno, todas as coisas se vestem de uma melancolia pesada, que faz mal aos nervos e nos indispõe contra as coisas alegres da vida.

Todos os pensamentos amaveis e que explicam as virtudes dos homens se transmudam num pessimismo horrivel. Apodera-se de mim um insano desejo de fugir para o silencio, onde não tivesse contacto com a maldade humana e pudesse assistir, de bem longe, sem ser visto, aos sombrios e dolorosos espectaculos da vida.

Eu não gosto do sol. Posso dizer até como André Payer:

Pour moi qui crains les jours de lumière où l'on ploie,
Ame et corps, sous le faix corrosif des ciels clairs
Les printemps de Paris ont comme un charme amer...

Não gosto da alegria da luz, dessa luz tropical e rasgada, que lava os nossos céos translucidos.

Mas hoje o sol me faz muita falta. Quizera que, por ali, atravessando os rectangulos daquellas vidraçarias, um raio de sol me viesse aquecer a alma desolada. Apenas esse raio de sol seria tu — tu que inspiras esta saudade brumal, esta saudade feita de melancolia, de brumas de folhas ao vento e da ausencia do teu amôr distante...

S. PAULO — As paulistas que voltam contentes com Santa Cecilia, após a confissão aos pés do padre...

ELLE E ELLA

No terraço de um salão de dança. Sons ruidosos de "jazz" perturbando a serenidade estrellada da noite calida.

Carlos, alto, aloirado, typo de fidalgo idealista submettido á educação physica "yankee".

Maud, uma creaturinha desconcertante, mais seductora que bonita, com uns olhos fulvos, voluptuosos e uma fronte de intellectual.

Maud (*provocante*): — Então, você me julga fingida quando eu lhe peço a sua amizade e affirmo que ella me basta?

Carlos (*olhando-a de frente*): — Não disse que a julgo fingida. Affirmo que nem sempre é sincera. Não é a mesma coisa. Certo psychologo disse que a sinceridade de cada instante é inimiga da sinceridade de conjuncto. E' uma verdade profunda.

Maud (*ironica*): — Entendo e exemplifico já. Assim, você, que é geralmente meu amigo e cavalheiro impeccavel, tem, em certos momentos, uma vontade franca de me bater, como legitimo homem prehistorico, que no fundo é; mas occulta essa velleidade amavel, sob um madrigal sarcastico. E eis como, para manter a sinceridade de conjuncto, falta você com a sinceridade do momento.

Carlos (*acceitando o desafio*): — Sim, você comprehendeu, mas o exemplo que deveria dar não era esse.

Maud (*semi-cerrando os olhos com graciosa insolencia*): — Ah! Qual seria então?

Carlos: -

. . . .

Maud (*insistindo na attitude*): — Vamos... terá medo de mim por acaso?... Ou falou sem ter o que dizer?

Carlos (*cedendo pouco a pouco á irritação*): — Por que me força a não ser gentil? Quando eu tiver dito o que me vae forçar a dizer, mostrar-se-á magoada como de outras vezes... (*Faz uma pausa e olha Maud, que parece divertir-se immensamente*) Mas eu prefiro tudo, ouviu? Tudo, mesmo vêl-a chorar do que vêl-a sorrir assim!

Maud (*rindo ainda mais*): — Devagar... devagar... Isto já não é conversa de amigos. Parece-me até que estou assistindo: *Brutalidade*, por Georges Walsh, especial para mocinhas hystericas...

Carlos (*envolvendo-a num olhar mão de desejo, logo desviado*) — Você se torna ridicula, adoptando esses ares provocantes deante de mim.

Maud (*querendo rir ainda, mas já offendida*): — Ridicula... tem delicadeza... e graça! Ainda ha pouco não era sincera, agora sou ridicula. Você é tanto mais um "gentleman" quanto diz essas amabilidades, mas não é capaz de as explicar.

Carlos (*olhando-a fixamente*): — Pois bem: vou explicar, e vae me ouvir sem interromper, mesmo porque talvez seja a ultima vez que me demorarei a conversar com você.

Maud (*querendo sempre sustentar a nota ironica, mas com surda tristeza na voz*) — Não diga! Está melodramatico hoje...

Carlos (*sem fazer caso da interrupção*): — Sua attitude é ridicula, repito-o, porque, tendo-me affirmado mais de uma vez que entre nós só póde haver amizade, adoptar, entretanto, em certos momentos, uns modos provocantes, que lhe vão muito mal.

Maud (*com lagrimas de raiva na voz*): — Diga logo que o amo para completar o desaforo.

Carlos (*acalmando-se, de repente, com doçura*): — Não, você não me ama. Conheço-a demais, minha amiga, para não comprehender que, si me amasse, não procederia assim. Julgo-a uma das poucas mulheres capazes de dedicação verdadeira, e adivinho que, apaixonada, ol vida o artificio mesquinho da "coquetterie"...

Maud (*tambem serenada*): — Mas, então?

Carlos — Então, a sua sinceridade de um momento é contradictoria com sua sinceridade de conjuncto. Isto é, de facto encontra satisfação inteira em uma amizade espiritual. Mas, embora intelligentissima, você não é uma intellectual... ou melhor, não o é sempre. O instincto feminino que possue em alta dose desperta em certas occasiões, e, sem que isso dependa de sua vontade, sem que eu lhe interesse como homem, nem exista em sua consciencia a vontade má de fazer soffrer que caracteriza a verdadeira faceira, esse instincto a induz a uma provocação tanto mais felina quanto você a não governa. Como eu reajo, porque a solicitação para a lucta em mim tambem acorda o atavismo da dominação brutal, você se exaspera...

Maud (*ouve cabisbaixa*):

. . . .

Carlos (*com tristeza*): — Não, Maud, não é possivel. Reconheço que possue qualidades de intelligencia e caracter que a tornam digna de ser amiga até de homens superiores. Mas você é terrivelmente mulher... E' mulher demais. E, mesmo sem premeditação, contra sua vontade, em certos momentos, ha de ser, deante de qualquer homem, "a inimiga"... Não creio que o amor nos approxime nunca... talvez antes venha a detestal-a, ou você a mim... Não sei. Mas penso que amigos não seremos muito tempo.

Maud (*com o olhar sombrio*): — Você tocou, sem o querer, numa das magoas secretas de minha vida... Eu sou uma captiva... Uma captiva de mim mesma. Não me abandone... Sua amizade me é preciosa. Não responda quando eu tomar esse tom aggressivo.

Carlos (*com revolta*): — Ah! isso é impossivel! Justamente porque a comprehendo e sou bastante perspicaz para saber que não me ama, nem pretende nada de mim, é que mais irritado fico. Afinal, você é terrivelmente mulher e pretende que eu não seja... um homem!

Elles sentem que aquella explicação sincera foi inutil, e como o "jazz" recomeça um "fox" atrevido, voltam ao salão de dança e se perdem no turbilhão dos pares...

PETITE - SOURCE

COISAS

O theatro francez está viciado com o adulterio.

Parece que o theatro reflecte o meio, o ambiente onde nasce.

Quem tiver da França a impressão que deixa o seu theatro, dirá que a familia se desmantéla, que o paiz é amoral.

Entretanto, tal não se dá, pois apenas o theatro francez retracta Paris.

E o parisiense, mesmo dentro da França, é um sêr á parte, que se destaca de tal modo aos nossos olhos, que é como si fôra estrangeiro no proprio paiz.

Aliás, Paris é a cidade menos franceza de França. E' o coração do mundo, a capital cosmopolita, que attrahe e deslumbra.

Paris reflecte o espirito universal, o espirito super-civilizado dos que não comprehendem a vida regulada pelo evangelho dos bons costumes...

Por isso, o theatro francez é "parisiense".

E dilata-se, percorrendo os palcos do mundo, para o encanto das platéas "rafinées".

As sociedades elegantes só admittem o theatro francez, e os comediographos francezes só acham no adulterio motivo para divagações.

Por que será?!...

* * *

OS NOSSOS POETAS

JORGE de Lima é um vigoroso poeta, não só pelo brilho da sua arte, mas tambem pela pujança da sua inspiração. E' elle o poeta que meditou a philosophia dos versos graves do «Accendedor de lampeões». Mas Jorge de Lima abraçou a escola modernista e, sob esse aspecto, não se revela um poeta secundario. Através do libertarismo das novas formulas poeticas, como agora nos seus «Novos Poemas», o artista de «O Mundo do menino impossivel» é ainda um poeta de largos vôos e de alto espirito creador. Mas sempre preferiamos vel-o regressar á poesia lyrica, passadista, afim de que os nossos applausos fossem mais sinceros...

RESIGNAÇÃO

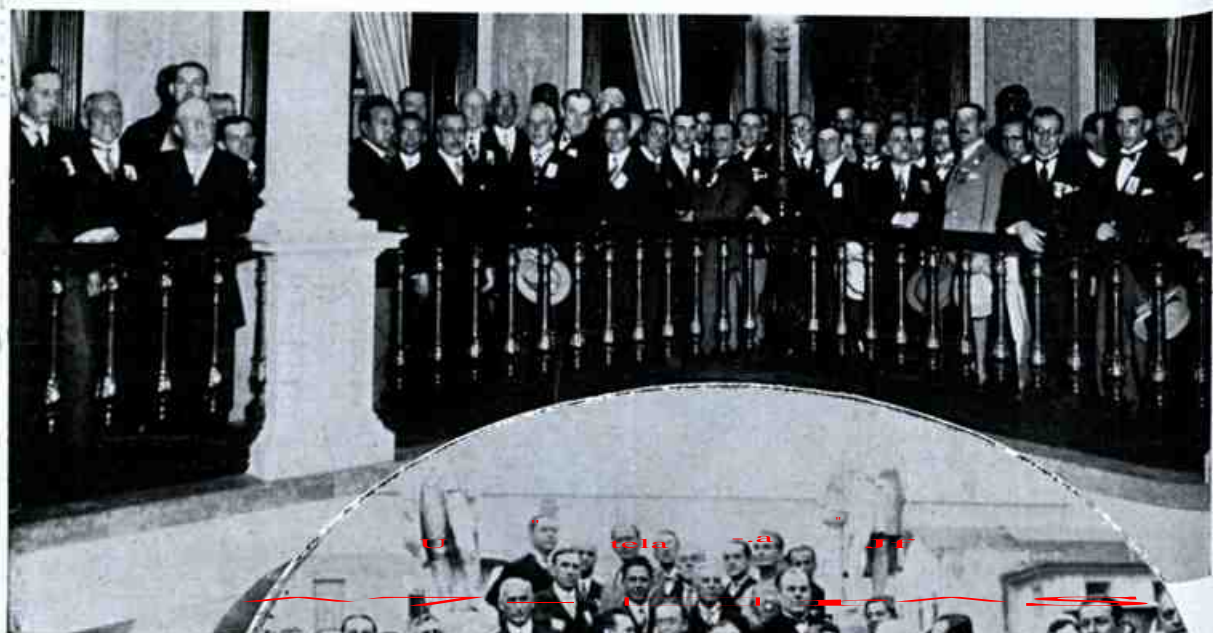
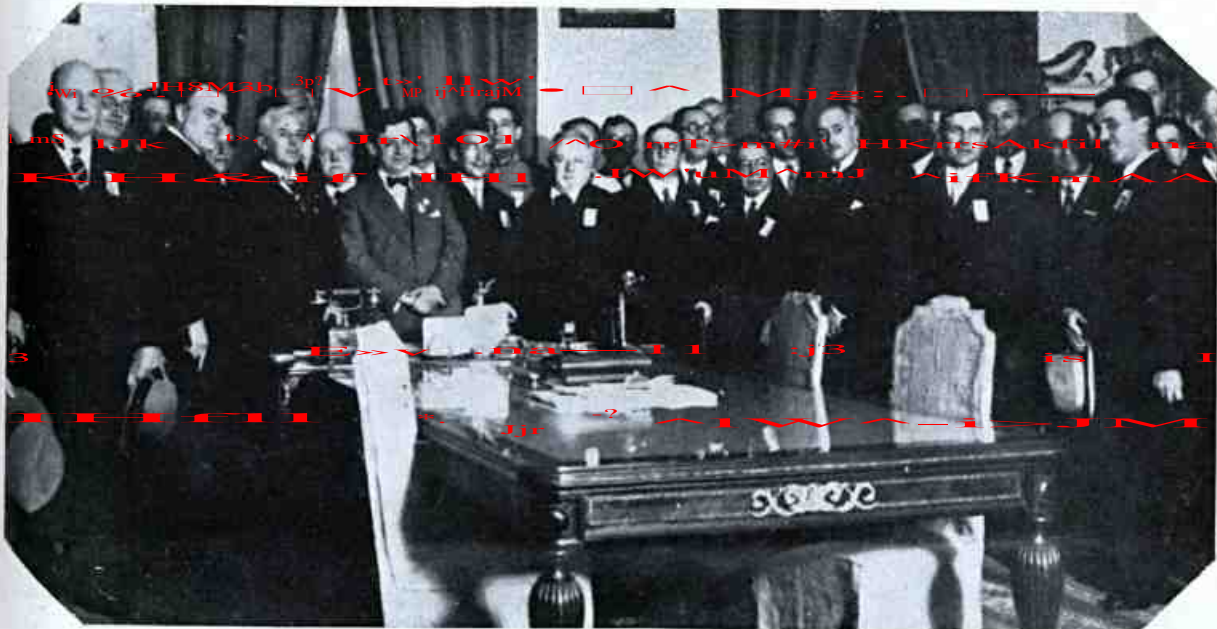
Por

Maura de Senna Pereira

MAURA de Senna Pereira, que firma a linda fantasia desta pagina — «Resignação» — é um encantador espirito de mulher, de mulher bella a intelligente. Em Florianopolis, onde reside, Maura de Senna Pereira é collaboradora assidua da imprensa local, principalmente do diario «Republica».

HA um heroísmo, que é o maior e mais sagrado de todos os heroísmos: é supportar a vida, num estoicismo de resignação, aquelle que vive os grandes momentos desesperados, a creatura que só conhece a gloria amarga do sacrificio, a vingança impotente da revolta intima e a angustia a repousar em todos os átomos da alma e em todas as horas da vida...

E, não obstante, a lembrança de extinguir a existencia má, golpeada de ingratidões, cançada de um bem inglorio, presa ao seu destino de renuncia e dôr — é odiada, é vencida pela heroica religião do alteamento moral... é afastada para sempre, sem uma caricia, sem uma ironia, num repudio definitivo á libertação que se offerece, promettendo o beijo infinito da paz e falando na paz de uma noite infinita... E a grande vida prosegue lenta e crudelissima multipartida em dedicação, crendo no dever, na paixão do bem e tendo ainda forças para, sorrindo e cantando, espalhar a sementeira dos ideaes tonificantes...

OS delegados dos paizes estrangeiros ao Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem visitaram, no ultimo sabbado, o sr. presidente Washington Luis, que os recebeu no palacio do Cattete.

DEIXANDO o palacio da presidencia da Republica, os congressistas se dirigiram ao Itamaraty, afim de apresentar cumprimentos ao sr. ministro das Relações Exteriores, que nestas photographias apparece entre os illustres visitantes.

O sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, tambem recebeu, na tarde de sabbado, a visita dos representantes dos paizes que tomam parte no Segundo Congresso de Estradas de Rodagem.

MONUMENTO RODOVIARIO

A grande e nobre cruzada emprehendida pelo Touring Club, em prol do Monumento Rodoviario, pode-se, desde já, e com justo orgulho, considerar plenamente victorioso. O marco architectonico da Serra do Mar, que assignala o advento do rodoviarismo no Brasil, está a receber os ultimos retoques, devendo, ahi, realizar-se, no proxima dia 29, a mais brilhante solennidade do Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem ora reunido nesta capital.

Essa imponente cerimonia terá a presença do exmo. sr. presidente da Republica e de todos os membros do referido Congresso.

Os membros das delegações estrangeiras ao Congresso de Estradas de Rodagem, na Prefeitura, quando visitavam o governador da cidade, dr. Antonio Prado Junior.

FRISOS

Eu passei algum tempo na paz beatifica de um claustro.

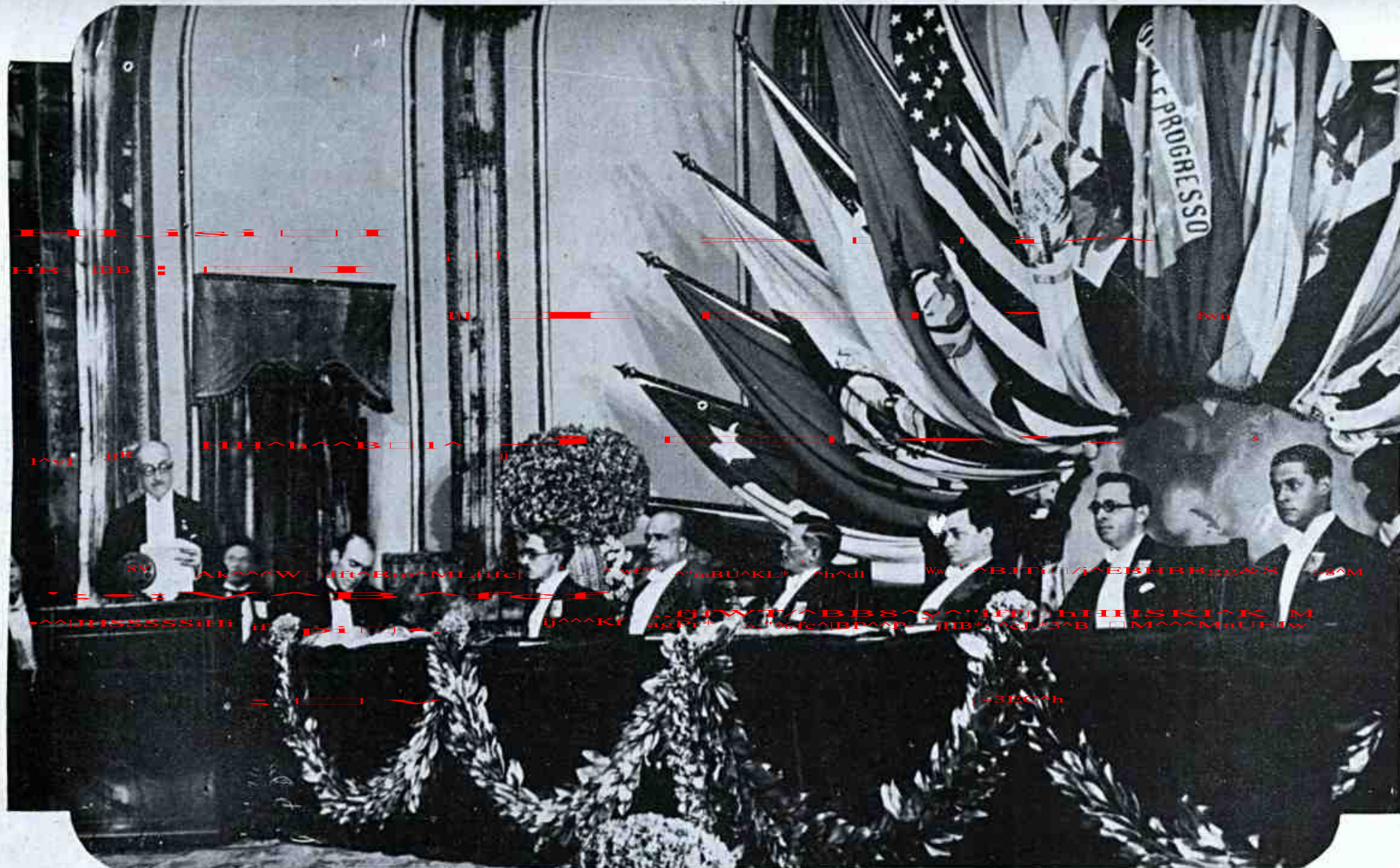
Andava á sombra dos porticos melancolicos, onde os meus passos resoivam com um éco soturno e onde, ás vezes, cruzava commigo a figura austera de um monge; ia á capella modesta, onde o orgão punha melodias estranhas, acompanhado pelas vozes monotonas dos frades; aspirava o silencio e a humidade daquellas paredes que porejavam constantemente a agua que dentro dellas devia estar acumulada ha muitos séculos.

Alta noite, da janella ogival do dormitorio, eu olhava lá embaixo o jardim, onde as flores e as plantas eram differentes de todas as flores e plantas que já vi, e ouvia o rumor da agua do repuxo, cahindo lentamente na agua da bacia, triste e pausado como si o rumor das gottas marcasse a passagem dos segundos...

E eu me esforçava, em vão, por comprehender a nostalgia do convento.

Hoje, tantos annos passados, vejo claro no mysterio daquelles annos. Comprehendo as vozes silenciosas que se elevavam do velho pateo ajardinado, entoando hymnos de agradecimento pela redempção, como comprehendo tambem que as velhas paredes, ao invés de humidade, porejavam as lagrimas de tantas almas que por ali haviam passado, tocadas pelo arrependimento...

E penso que um dia minha alma voltará para lá, a passear na sombra do portico secular, confundindo os seus soluços com o murmurio do repuxo lento e triste, pranteando o ter corrido atrás de uma felicidade jamais alcançada...

O prefeito do Districto Federal offereceu, domingo pela manhã, uma excursão aos membros do Congresso Pan-Americano de Estrada de Rodagem. Os excursionistas visitaram, de automovel, os pontos mais pittorescos da capital

A cerimonia inaugural do Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem realizou-se, domingo á noite, no theatro Municipal, sob a presidencia do sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, e com a presença de todos os delegados nacionaes e estrangeiros e dos representantes das altas autoridades e varias pessoas gradas.

POEIRA DAS RUAS

Sobre o leito da rua ou na calçada.
Ás friagens da noite e ao sol ardente,
Vive a poeira impiamente machucada
Sob o peso do pé de toda gente.

Pobre da desgraçada que nem sente
Que é a substancia inorgânica, humilhada
A soffrer o domínio prepotente
Do orgulho da matéria organizada.

Orgulho vão da gente fátua; gloria
Vária e futil da vida passageira;
Prepotencia da carne transitória.

— No futuro da vida tumular,
Todo ser que hoje vive é, apenas, poeira
Que as outras gerações hão de pisar.

Alcides de Siqueira

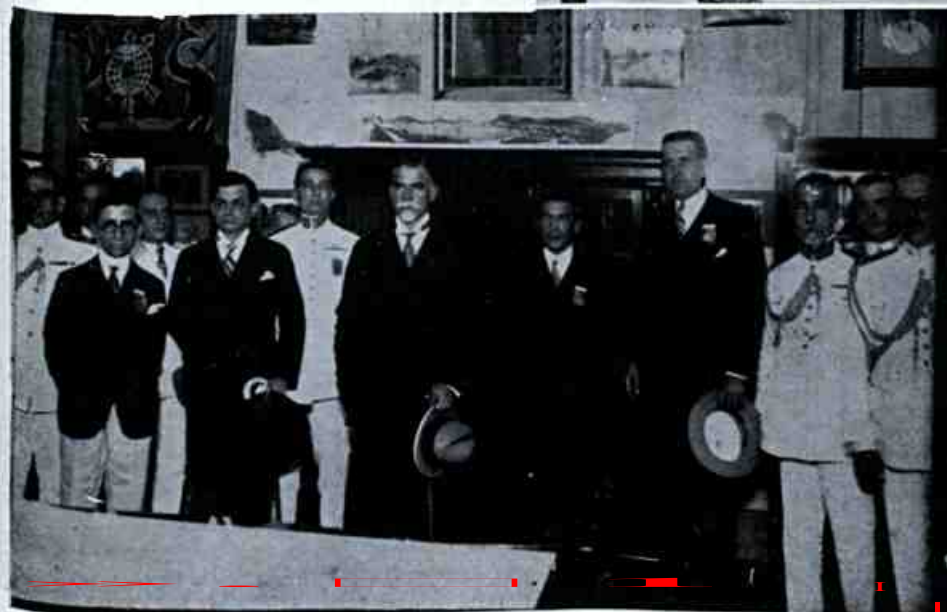
Funccionando annexa ao Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem, foi officialmente inaugurada, domingo passado, a Exposição Rodoviaria Internacional, installada no Palacio das Festas, á avenida das Nações.

TEMPLO EM RUINAS

Minha alma, errando pelo céo, sem norte,
Um Templo em ruinas avistou, de longe:
sobre o portão escuro ha um velho Monge
dando ao viajor o symbolo da Morte.

Plúmbeos templarios passam cavalgando
corceis de Magoa; e dormem, na devesa,
ermos jardins sombrios da Tristeza
onde os Ais em aquarios vão nadando.

E' nesse Templo em ruinas de ar profundo
mora a Saudade. No Salão das Eras,
ante os pateos da Dôr, negros de alfombras,
[illegible]
o corpo em chagas, de rolar no Mundo,
os olhos roxos, de só ver Chiméras,
vive auscultando a Solidão das Sombras.

JONNY DOIN.

O sr. presidente da Republica, o ministro da Viação, o prefeito do Districto Federal e outras altas autoridades, compareceram á cerimonia da inauguração official da Exposição Rodoviaria Internacional, do Palacio das Festas.

A VINGANÇA DO MAR

De ANTONIO DE HOYOS Y VINENT

AQUELLA cidade havia vencido o mar. Era uma urbi maravilhosa, em que se reuniam a barbara magnificencia das cidades remotas e a graça esthetica e elegante das villas do *quatrocento* italiano, com a audaz ousadia das povoações modernas.

Tinha de uma os petreos monstros, as avenidas triumphaes, flanqueadas de marmores, de columnas, de imponentes jardins, de pyramides e esphynges; da outra, possuia as gothicas praças ennobrecidas de fontes cantantes, palacios filigranados, jardins floridos de rosas e acucenas e as mysteriosas encruzilhadas; das ultimas, tinha as maravilhas da engenharia, os prodigios do *confort*, os refinamentos mais esquisitos.

Havia nascido de um régio capricho, e, pouco a pouco, a cidade chimerica ia roubando ao mar o seu dominio, o seu espaço; desprezou a montanha, que, com as suas irregularidades, quebrava a igualdade de perspectiva; recusou a planicie esmagada pelo peso dos montes proximos; e, incansavelmente, graças ás sabias obras dos seus engenheiros, foi avançando sobre o mar, que, como um monstro ferido, se retirou entre rugidos de ameaça.

Dois diques enormes, a que os artifices haviam dado a cyclopica apparencia das construcções babilonicas, resistiam aos embates do mar; nos seus extremos, dois gigantes monstros alçavam-se, rampantes, ameaçando o inimigo vencido. Depois, eram outros diques, contrafortes e muralhas, que se abriam em infinitos canaes por onde deslizava a agua como uma corrente de liquidas esmeraldas. E o mar, que rugia ante os diques exteriores, e gemia no amplo semi-circulo que formára a molle interior, cantava nos canaes azues a sua canção de captiveiro.

Era a *urbi* de prazer uma série de palacios, de casinos, de theatros, de circos, de casas de diversão, lavradas em marmore, em agatha, em jaspe, em onix, com columnas de coral, de topazio, de lapiz-lazuli e de amethista. Entre elles, abriam-se amplas avenidas com jardins, — nas quaes os jardineiros sabios cambiavam, todas as noites, durante as breves horas de repouso, que a cidade se permittia, a flóra inteira. E, assim, um dia, eram vistos macissos de rosas e orchidéas; outro cravos e jasmins; outro nardos e lirios; algumas vezes, *bocayes* cobertos pelo ouro das rosas amarellas; surgiam outro, lagos sangrentos, no triumpho das rosas purpureas, e, algumas vezes, em fim, tinham elles a graça frágil de um horto monacal.

Triumphando de tudo, destacando-se sobre tudo e todas as coisas, como unica razão de ser daquella cidade, estava o *Jardim do Amor*, com os seus terraços de sonho, os seus mysteriosos labyrinthos e a sua grande avenida, em que se erguiam as estatuas da Juventude, da Belleza, do Prazer, do Amor, da Riqueza, da Força e da Saude. Immensos tectos de crystal banhados de azul, de violeta, de vermelho. Marquises de raras gemmas cobriam a cidade e a defendiam do frio do ar e da chuva.

Nos dias lindos, subtis mecanismos faziam desapparecer o falso firmamento; porém, ao primeiro sôpro do vento, ante o aviso da tormenta ou da chuva, o falso céo constellado de saphyras e brilhantes tornáva a cobrir todas as coisas.

Assim, graças á audacia dos homens, o mar não era senão uma scenographia portentosa; e si nos dias claros recreava a vista com a sua superficie azul, — quando rugia a tempestade, elle tinha a magia de uma belleza barbara, desde a cidade luminosa, perfumada a myrra e áloes.

A todas as horas a cidade vibrava em musicas, em cantos, em gritos de jubilos, em festas maravilhosas e raras mascaradas. Alli não se conhecia nem o frio, nem a fome, nem a tristeza, nem a doença, nem a velhice, nem a morte.

Só o mar permanecia ás suas portas, trágico e ameaçador; só o mar era como o tenebroso mysterio que encerrava a vida humana...

* * *

E um dia...

Um dia, celebrava-se uma grande festa na maravilhosa cidade. Aos écos das musicas, entre canções e risos, desfilavam pelas ruas, engalanadas com prodigiosas vestimentas de brocados pomposos, as mascaradas felizes.

Os raros "ritos" das religiões do Oriente, o Olympo grego, o triumpho de Alexandre, Carthago e Roma, os tenebrosos *embrulhamentos* hespanhóes, as frivolidades pastoris do Trianon, iam passando sob a chuva de flôres, emquanto nos canaes as velhas naves, de vélas barrocas, guirlandadas de rosas, arrastavam, lentamente, os pannos bordados a ouro.

Longe, furiosa tormenta agitava o mar. Ondas immensas formavam-se no horizonte. Iam engrossando ameaçadoras, á medida que se aproximavam; e, por fim, se atiravam, furiosamente, contra os diques, fazendo-os estremecer.

Fundos abysmos se abriam sob as montanhas da agua; trombas de espuma elevavam-se, a cada passo; emquanto negras nuvens fugiam pelo firmamento rasgado de relampagos e o vendaval soprava aterrador.

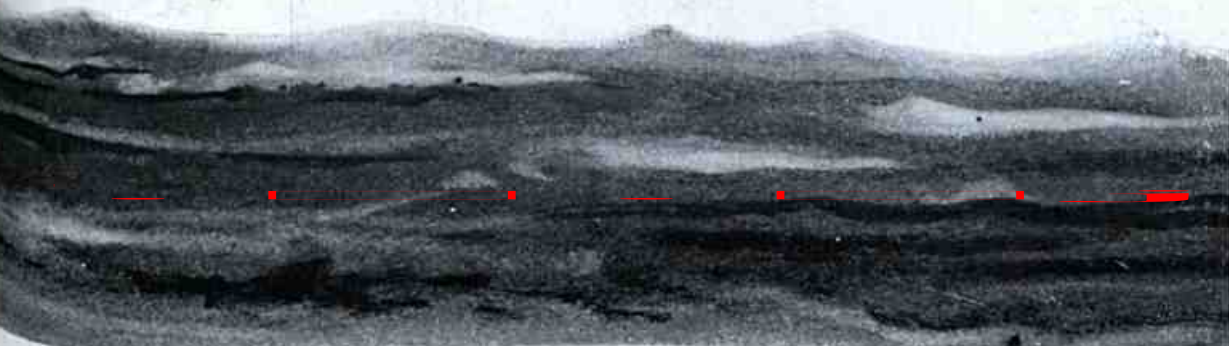
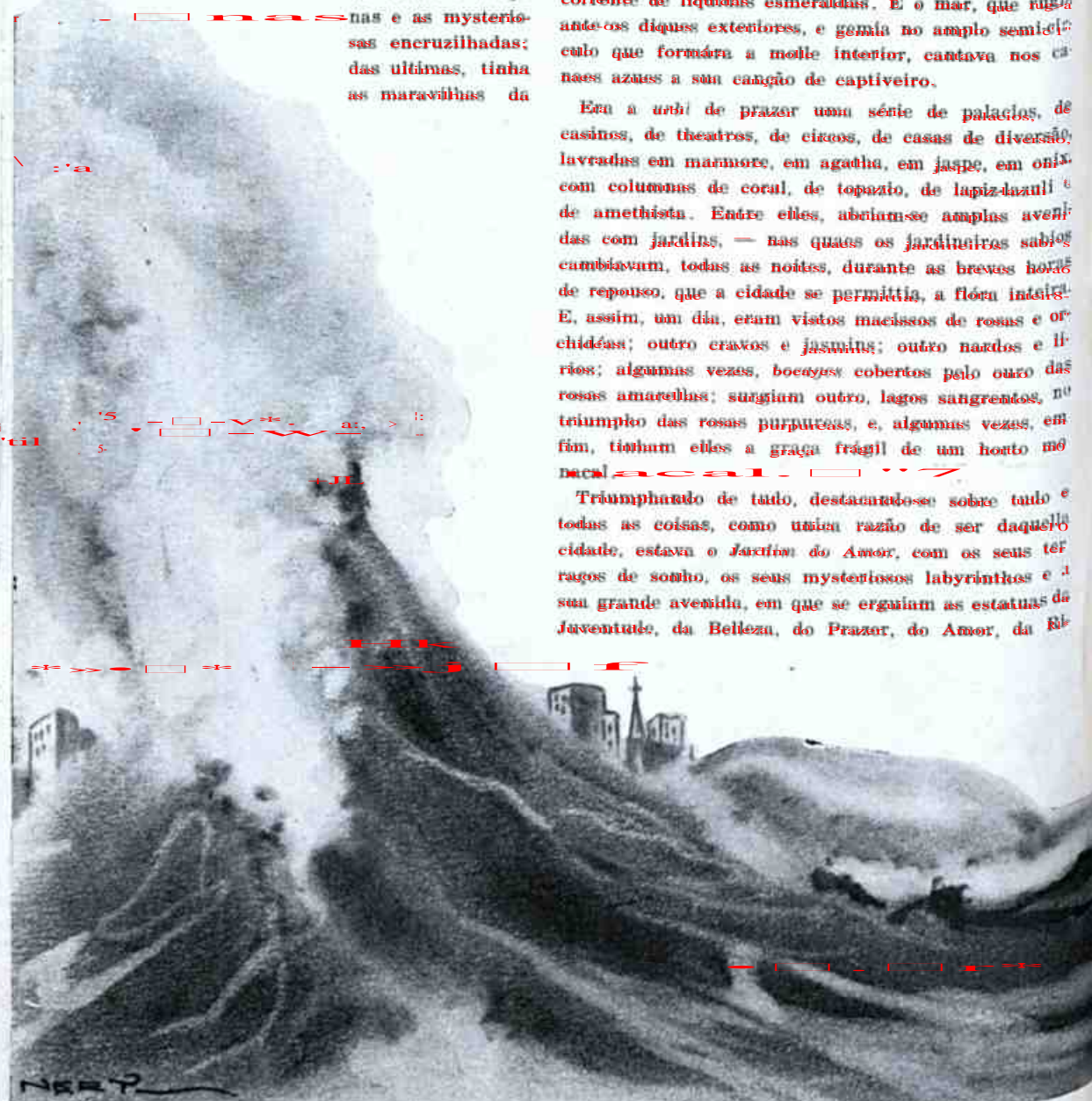
Na cidade divina, o espectaculo era visto como em um estereoscopio. Tinha uma belleza selvagem. E o povo ria, ria, da impotencia do mar.

Subitamente, escutou-se um horrendo fragor. Uma onda alta como uma montanha, acabava de atirar por terra os sustentaculos do cáes da cidade. Uma outra onda agitou a agua adormecida dos canaes e fez com que bamboleassem as frageis caravelas carnavalescas, que eram vistas nos dias de festa. Os diques haviam resistido e, após o primeiro gesto de inquietação, renasceu a calma nos corações. Todos zombaram da furia de Neptuno.

Houve uma pausa. E já todos estavam seguros de si, quando uma onda mais alta que a anterior tornou a investir contra a obra dos homens. E depois, veiu outra; e mais outra; e ainda outra... Subitamente, viu-se uma molle immensa, verde e sombria, que avançava sobre a cidade maravilhosa. Ao seu embate, os diques se romperam como brinquedos em mãos de creanças. Os quietos canaes se converteram em volumosas torrentes, e a agua inundou a *urb* fabulosa.

Por um momento, se ouviram gritos, gemidos de angustia, lamentos... Depois, o estrondo das pedras que se desagregavam e depois nada mais do que o rugir do mar feroz.

Era o mysterio que havia triumphado sobre o prazer e a inconsciencia — como triumpha sempre a morte da obra orgulhosa do homem...

(Traducção de Bastos Portella)

REVERBEROS

Ha quem não aprecie os embates footbolisticos. Sou um desses, mas não pelo desinteresse que sinta no popularissimo "sport", e sim pela série de castigos infligidos aos que se aventuram a um estadio, num desses grandes dias de insopitavel e geral enthusiasmo: sól, empurrões, pisadellas e, principalmente, a atoarda ensurdecedora das "torcidas".

Mas o homem põe e a mulher dispõe...

Quem haveria de dizer, por exemplo, que este exemplo de sizudez e moderação, que sou eu, iria se desfazer em brados descabidos, e se descabellar no enthusiasmo de uma torcida por um club de "football?"

Entretanto, foi o que se deu. E o que é mais estranho: puro paulista, regionalista intransigente, fui até o ridiculo na parcialidade com que defendi as côres portuguezas, no embate realizado em S. Paulo, com o selecionado paulista.

E tudo...

E por que tudo isso?

Porque lobriguei na confusão indescriptivel de physionomias alteradas que, das archibancadas do estadio, presenciavam o embate, a figura, indescriptivel tambem, de alguem que contribuia, não com sua voz gentil, mas com o vozerio de um grupo enorme de admiradores, para o encorajamento dos bravos rapazes de Setubal.

Os seus dois olhos negros, se fixaram em mim, como que supplicando a minha sympathia.

Poderia negal-a?

Seria estupidez. E mais do que estupidez: tolice.

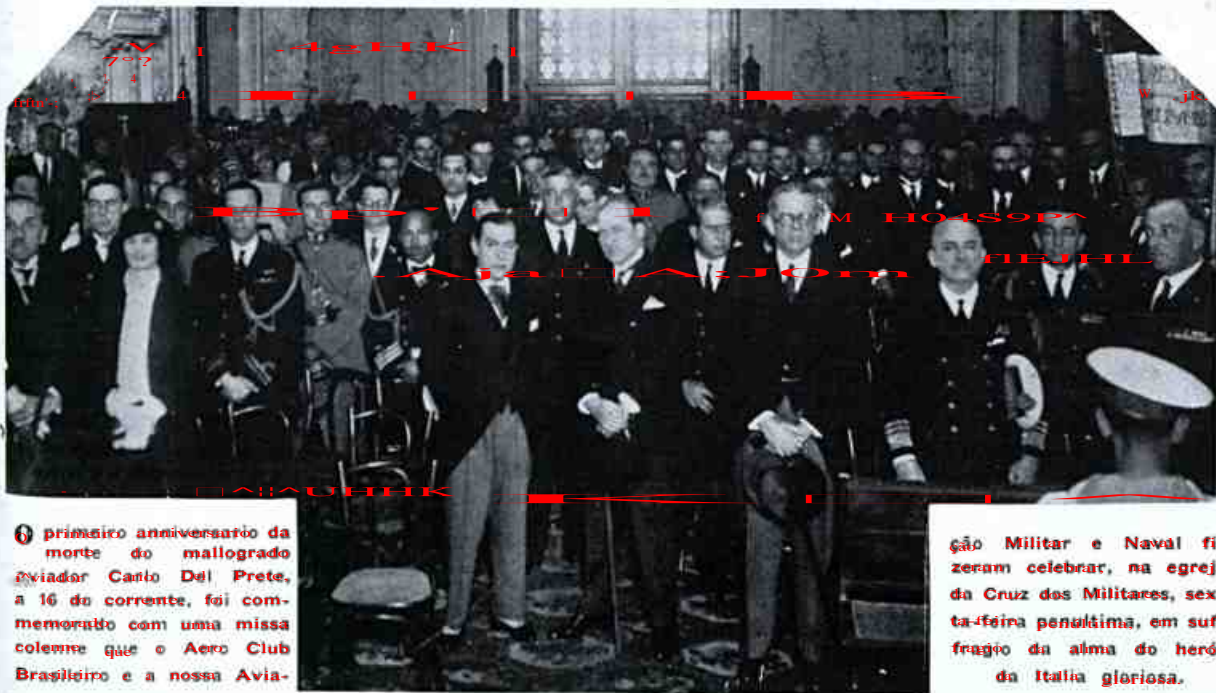
Porque é e será sempre immensa o incomprehensivel tolice, a daquelle que recusar a troca de um grito incomprehensivel e innoffensivo, por um sorriso de rainha, de rainha inconfundivel de belleza, como a da portuguezita do Minho refinada nos salões de S. Paulo, que me fizéra o favor immenso de incluir-me entre os seus admiradores.

Eu só peço aos céos que venham novamente a S. Paulo os portuguezes. E que vençam...

«FON-FON» NO JAPÃO

O dr. Hyppolito Alves de Araujo, novo embaixador do Brasil no Japão, quando deixava a séde da nossa embaixada em Tokio, em companhia do introductor do «Bureau» do Cerimonial da côrte, afim de se dirigir á Casa Imperial e apresentar ao soberano as suas credenciaes diplomaticas.

«FON-FON» NA AMERICA DO NORTE

O dr. João Pedro de Albuquerque, como delegado do Brasil, representou nosso paiz na reunião do Departamento Sanitario da União Pan-Americana, realizado em Washington, em Junho ultimo. O medico brasileiro apparece ahi á entrada do monumento de Lincoln, na capital norte-americana. Vê-se ao fundo o obelisco «in memoriam» de George Washington.

O primeiro anniversario da morte do mallogrado aviador Carlo Del Prete, a 16 do corrente, foi commemorado com uma missa solemne que o Aero Club Brasileiro e a nossa Aviação Militar e Naval fizeram celebrar, na egreja da Cruz dos Militares, sexta-feira penultima, em suffragio da alma do heróe da Italia gloriosa.

FRISOS

Ella me dizia sempre: "Depois de mim, na tua vida ou na tua mente, alguma coisa virá, para me fazer lembrada!..."

E eu ria. Mas hoje, que não a tenho mais, não age em meu espirito o desejo máo de rir. Vejo que, realmente, depois della, alguma coisa veiu. Veiu esta saudade immensa, forte, que a faz sempre lembrada e que me põe na alma, no corpo, em todo o meu ser, o desejo de fazer retornar o bem perdido.

Ella não mentia, no seu sentimentalismo que me parecia doentio. Eu é que era louco, com o meu riso de descrente...

O sr. embaixador italiano e outras figuras representativas do nosso mundo social e diplomatico, quando deixavam, sexta-feira pela manhã, a egreja da Cruz dos Militares, após as exequias em suffragio da alma de Carlo Del Prete.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Si o homem mais vale pela sua forte realidade, conforme o disse alguem, um philosopho qualquer, cujo nome não me occorre, no momento, a mulher, ao contrario, mais vale pela sua apparencia, pelo que ha de irreal e de feitiço na sua vida, na sua alma, no seu coração, em toda a sua complexa e mysteriosa psyché.

Não é que a mulher não seja tão ou mais intensamente "humana" do que o seu companheiro de amor e de peccado por este mundo afóra. Elle — o homem — é que, no calor e na exaltação da sua phantasia de sentimental, assim preparou, creou e amanhou o campo ubere e fecundo onde a mulher, desde a deliciosa surpreza do primeiro beijo com que o tentou e prendeu aos seus encantos, vem semeando, prodigamente, a illusão de tudo na vida — illusão de que ella se fez logo o symbolo vivo, deslumbrante, inquieto, bizarro e multiforme.

Dentro desse ambiente de magia, de encanto, de fascinação, de sortilegio, a que tanto se afez e amoldou, a mulher, de victoria em victoria, por effeito exclusivo da sua propria ficção e da varinha de condão com que soube transformar num lindo conto de fadas (em que ha bruxas tambem) a vida encantada e mysteriosa que lhe creou o companheiro, interdisse a este a sua plena e real revelação. E fez-se, tornou-se um ente á parte, kaleidoscopico, bizarro, extravagante, irreal, porque illusorio e feitiço como tudo que é obra e milagre de magia, de fascinação, de encantamento.

Escrevo para ti — eu que, tentando a colera e a ira de Isis, a deusa egypcia mysteriosa e implacavel, procurei erguer a ponta do véo que velava o mysterio da tua realidade, como mulher, como particula da humanidade.

Esqueci-me, porém, da bemfazeja interdicção que é essencia e razão de ser da persistencia de todo encantamento na vida. E tu eras a "interdicção" que fazia a persistencia do maravilhoso conto de fadas em que eu vivia, sob a fascinação do teu amor. Eras a caixinha mysteriosa, que eu não deveria jamais abrir porque, então, todo o meu encantamento — o meu e o teu, tambem — desappareceria.

Descobrir-te, revelar-te de todo, foi a minha tentação e o meu mal.

Eras — eu bem o sabia — uma mulher como as outras, mas tambem uma mulher differente das outras, porque eu te amava.

E por te sentir, lá, bem alto, no topo da escada de Jacob do meu sonho interior, quiz adivinhar-te e comprehender-te, e conhecer o mysterio que me prendia a ti.

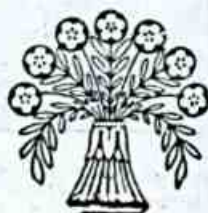
Foi o meu mal, repito, e a minha desventura. Não me contentando com a delicia da tua "apparencia", da tua "sombra", da tua illusão, busquei comprehender-te na tua "realidade".

Como Isis, vingativa, não me perdoaste nunca a audacia do gesto irreverente, e me condemnaste á tortura da tua desillusão.

Fructo prohibido da Arvore do Bem e do Mal da minha vida, como tu estillas, ainda hoje, dentro de mim, a gotta de amargura que eu sorvi na polpa vermelha de tua bocca!...

NOTA DE ARTE

HERMINIA Roubaud é um nome de prestigioso relevo nos circulos artisticos de S. Paulo, sua terra natal, e desta capital, onde, com inexcedivel brilho, ella cursou o Instituto Nacional de Musica, sendo laureada com o primeiro premio (medalha de ouro), que lhe foi conferido por unanimidade de votos. Tendo realizado varios concertos em S. Paulo, a distincta e talentosa pianista patricia foi sempre calorosamente applaudida, recebendo enthusiasticos elogios da imprensa e de notabilidades artisticas como Guiomar Novaes e varios illustres professores. Apresentando-se com tão brilhantes credenciaes de seus altos meritos artisticos, a senhorita Herminia Roubaud vae proporcionar á fina sociedade carioca uma linda audição de piano, na qual executará um programma magnifico, interpretando, com a sua technica forte e segura, e sua alma de artista de raça, os grandes mestres universaes. O concerto da senhorita Herminia Roubaud realizar-se-á no proximo dia 28, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, ás 21 horas.

SORRINDO...

Eu, que adoro as mulheres, e não me sinto capaz de dizer ou escrever, por conta propria, qualquer maldade contra ellas, qualquer dessas perfidias em que tantos homens são useiros e vezeiros, innocentemente, e, na melhor das intenções, sorrio, no emtanto, beatificamente, sempre que se me depara uma "blague", um "potin" em honra dellas.

Não ha nisso — repito — o menor espirito da maldade, um proposito malicioso ou um condemnavel gesto de irreverencia. São coisas que a gente faz por fazer, para condimentar com um pouco de pilheria as coisas sérias e tristes da vida.

Agora mesmo pego do volume de "Maximes", de Larochefoucauld, e leio, entre curioso e confuso, esta grandissima... mentira: *La plupart des honnêtes femmes sont des trésors cachés qui ne sont en sureté que parce qu'on ne les cherche pas.*

Ora, eu estou com todas as mulheres que me lêem neste momento, tomadas de espanto e de revolta — contra semelhante desafôro.

Mas, tambem estou com as que estiverem de accordo com o moralista francez, porque, systematicamente, estou sempre de accordo com a opinião de todas as mulheres, exclusão feita, é certo, da que eu entendo que deve lêr e rezar pela cartilha do meu amor.

SOCIEDADE

Elegancias — A festa de arte que se realizou no America Foot-ball Club assignalou um acontecimento elegante, de fina e encantadora espiritualidade. Foi mais um triumpho para os dr. Henrique Alves e o nosso companheiro Bastos Portella, que foram os seus organizadores e tanto se esmeraram na confecção do programma.

Figuraram neste elementos de relevo nas artes e nas letras, dando cada um ao seu numero o desempenho que era de esperar da suas virtuosidades.

Na primeira parte, brilharam na interpretação de classicos como Schubert e Chopin, Mlles. Lucia Muller, no canto, e Eunice Paes Barretto, ao piano. O emotivo e delicado poeta, que é Adelmar Tavares, declamou versos seus, recebendo como as "virtuoses" que o precederam, justos e calorosos applausos.

Mlle. Dilke Barbosa Rodrigues abriu a segunda parte, com uma interessante palestra — "O Elogio do telephone" — discorrendo com muita "verve" sobre o assumpto, e revelando larga cultura literaria.

Seguiu-se um bailado, feito pelas senhoritas Ruth Cruz e Vera Teikol e mais tres pela encantadora menina Lia Renée, que trabalhou no film nacional "Barro Humano". Lia Renée, sem diminuir o successo das suas collequinhas, que foram tão applaudidas, foi, indiscutivelmente, a "enfant gatée" do festival, com a sua graça em bailar e a sua pequenina figura de boneca. Lia Renée cantou tambem uma cançoneta: "O caixeirinho da venda", que lhe valeu palmas freneticas da elegante platéa.

O numero seguinte coube a Bento Martins, o grande declamador brasileiro, que empolgou a assistencia, na interpretação dos seus poetas preferidos, entre os quaes se achava Adelmar Tavares.

Na terceira parte, a joven e festejada "diseuse" Lucia Lobo declamou, com grande successo, dizendo "Deante do meu "bureau"", de Bastos Portella. Lucia Lobo é, aliás, uma criaturinha galante, que encanta apenas com o seu claro sorriso.

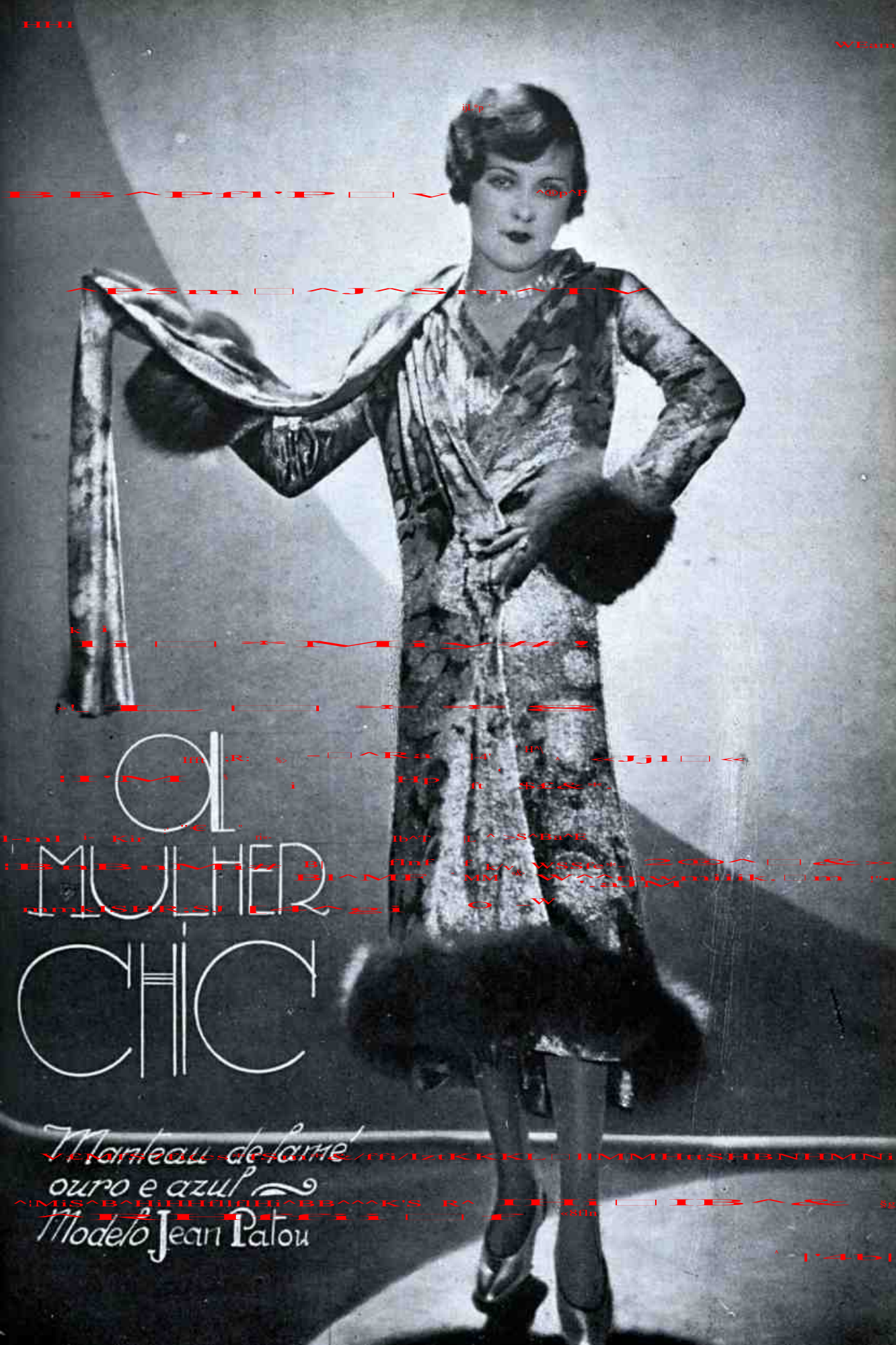
O mesmo se póde dizer de Mlle. Neusa Moura Ferreira e Marieta Guedes, que cantaram motivos regionaes, ao violão, arrancando palmas enthusiasticas ao auditorio.

A festa foi encerrada com um numero humoristico, pelo tenente Soffiati, que tambem recebeu as homenagens da elegante platéa.

LINDA e explendente, sob todos os aspectos, foi a «soirée» artistica que o America Football Club offereceu aos seus associados. Nessa festa, organizada pelo dr. Henrique Alves, director social do querido club, e o nosso companheiro Bastos Portella, tomaram parte figuras de grande distincção em nossos meios de arte e elegancia

A MULHER CHIC.

Vestido de mousseline e rendas pretas

Modelo Jean Patou

A MULHER CHIC
Manteau de lamé ouro e azul
Modelo Jean Patou

MIXED-GRILL

COSAS DE NEGROS

Nos sabbados, quem percorra os bairros do Rio de Janeiro, á noite, verá em cada rua um velho sobradão todo illuminado e ornamentado, onde se realiza um baile. Os sons do jazz derramam-se pela rua como a luz dos salões. Muita gente estadeia nas proximidades, apreciando a festa. E' um club de pretos em pleno funccionamento.

Sem duvida, é curiosa a proliferação pela urbs toda dessas sociedades de gente humilde e de côr, que quer honestamente se divertir. E nellas reina a melhor ordem e exige-se o maior respeito.

Revela-se assim o espirito associativo da raça africana. Nos tempos da escravatura, formavam-se associações sob o titulo de nações, dignas de estudo. E sempre, em toda a parte, os pretos deram provas dos seus pendores para a união e collaboração mutua em confrarias religiosas e em irmandades.

A verdade é que está o Rio cheio desses clubs festivos de pretos e não conta nenhum de outra gente da esphera inferior da sociedade, de pigmento americano ou europeu.

São cosas de negros, como diria Vicente Rossi, que, no Prata, admiravelmente as estudou.

JANTAR DANSANTE

Pela janella aberta, meus olhos vêm a noite estrellada e, cortando-a, as linhas duras de alguns arranha-céos. Dentro da sala, o jazz-band estruge. Fervilham os pares, dansando sobre vidros multicôres. Os criados apressados servem o caviar e o champagne. Diplomatas e banqueiros, aventureiros e generaes, almirantes e altos funccionarios, gente do commercio e da industria, toda a alta burguezia diverte-se na vespera do domingo.

Com os seus rasgados e sensuaes decotes, as mulheres fumam desbragadamente. Os homens apertam-nas de encontro ao corpo. E os reboleios e os tremeliques da dansa moderna despertam as sensualidades primitivas adormecidas pela civilização. A orchestra descompassada e guinchante não pára quasi. As palmas dos dansarinos obrigam-na a continuar sempre.

O meu corpo está naquelle salão de cabaret que duas grandes columnas, fingindo marmore ou melhor mortadella italiana, sustentam. Minha alma foge pela ampla janella aberta, por onde meus olhos se prendem ás linhas altas das architecturas que cortam a noite estrellada...

De repente, não sei por que os musicos tocam uma valsa. Aquelles sons antigos e fidalgos resôam no salão como uma exotica novidade, tão estranha é a sua velhice. Fecho os olhos para pensar no bello tempo das attitudes senhoris e dos galanteios commedidos. Como vae longe a era do bom gosto! Hoje, é o oiro americano o bom gosto, e a sua musica tem de imitar os rumores da industria e a sua dansa dá bem a medida dos gosos immediatos e brutaes.

DR. Pedro da Costa Mattos, distincto medico patricio, que acaba de seguir para a cidade paulista de Ribeirão Bonito, onde vae exercer a sua actividade profissional.
(Photo De los Rios)

MAIS um poeta que surge: Pedro Conti. Pedro Conti apparece com «Luz e Sombras», um poema onde ainda ha as naturaes indecisões de um poeta novo, mas tambem onde já se affirma um estro cheio de vigor.

PEQUENINO POEMA

Ha mais de anno que te não vejo e a minha saudade é como um passaro prisioneiro que bate asas de encontro ás grades da sua prisão.

Ha mais de anno que te ouço e a tua voz ainda ecôa aos meus ouvidos como o canto distante dum passaro engaiolado.

Ha mais de um anno que te não toco as mãos eburneas e os meus dedos crispam-se como as garras dum passaro prisioneiro no poleiro onde está pousado.

Ha mais de anno que te beijo os labios purpurinos e o meu desejo bate asas como um passaro prisioneiro contra as grades da sua prisão.

D. JAYME

Almas infantis

Deante de uma vitrine de brinquedos, Marilda, os olhos brilhantes, a voz muito fina, implora:

— Mamãe, aquella bonequinha de chapéu verde é minha, não é? A senhora me dá? Que bellezinha, mamãe!

Thales não diz nada. As mãos enterradas nos bolsos das calças, olha aquillo tudo com um ar de superioridade e desprendimento: bonecas e bichos, autos, vacas, bolas...

E Marilda insiste:

— Aquella bellezinha de boneca a senhora me dá?

E como eu pronunciasse um vago "Pelo natal", ella acrescenta, vivamente:

— Ao menos duas, mamãe. A de chapéu verde e aquella outra de avental vermelho. Ouviu, mamãe? Ao menos duas.

A pequena ambiciosa não se contenta mais com uma só boneca.

Thales não diz nada. Olha, sério como um homemzinho, um carro de altas rodas, o seu sonho dourado. O carro que elle me pedira sempre.

Continuamos o passeio.

Marilda, aos pulos, na minha frente, não se cança de gritar:

— Ao menos duas, mamãe!

Emquanto o Thales, segurando-me pela mão, me diz, confidencialmente:

— Sabe, mamãe? Eu corri com o carro na calçada, com o "meu" carro, aquelle bonito da loja. A senhora viu?

*

A qual dos dois dará a vida mais decepções: á pequena ambiciosa, sempre insatisfeita, a querer mais, cada vez mais, ou ao sonhador, que sabe viver o sonho com todas as forças da realidade?

MARILDA PALINIA.

O «SALÃO» DE 1929

A apreciada pintora brasileira Solange de Frontin Hess expoz, no «Salão» deste anno, entre outros quadros de arte pessoal, que muito recommendam o seu valor, este suave «Entre palmas», que figure com destaque ao lado das outras obras ali expostas.

Meu raio de sol...

Sonhei comtigo uma noite destas, alegria e festa da minha vida.

Mas, não sei se te conte, se te poderei contar o meu sonho... Foi um sonho meio *maluco* — como, em geral, todo sonho. Um sonho em que tu apparecias toda vestida, vestidinha de... sol, da cabeça aos pés.

O resto eu não digo, não, para que não digas que meus olhos são feitos de... Raios X...

Um flagrante da cerimonia da posse do novo professor de physiologia e chimica physiologica da Faculdade de Medicina de São Paulo, dr. Franklin Augusto de Moura Campos.

TREPAÇÕES

O conhecido rapaz tem o seu casamento annunciado para breve.

Entra feliz e despreoccupado

A interessante menina Aida, filhinha do prof. Adamastor Rodrigues de Souza.

para a sua nova vida, sem reparar no grande mal que o seu gesto vae causar á interessante paulistinha, que se deixou illudir e por promessas que se desfizeram no ar, como bolhas de sabão...

Uma historia igual, certamente, a muitas outras, mas que vae deixar uma profunda magoa no coração da menina, que, apezar de ter fugido para a Europa, procurando assim amenizar os seus soffrimentos, ao que parece, não consegue esquecer o ingrato, alvo de toda a sua grande affeição.

Brincando, sorrindo, muitas vezes estamos construindo, pelas proprias mãos, a nossa desgraça...

Assim aconteceu com a paulistinha viva, intelligente e trefega, que achava tanto encanto no Rio, que para aqui fugia, afim de sorrir, brincar...

Ella hoje soffre a tremenda desillusão de um amôr não correspondido, e elle marcha alegre para os braços da outra...

A vida...

❦

AQUELLA senhorita morena, de olhos grandes, certa vez, deu a perceber que gostava do rapaz. Elle, deante disso, tratou de tirar partido da situação. Mas, alguem, interessado em afastar um do outro, fez tamanha intriga, que os dois namorados romperam.

A morena acreditou em tudo quanto se disse a respeito do cavalheiro. Elle, superiormente, não se defendeu. Não disse que sim, nem que não.

Passou-se o tempo.

Amaury é outro filhinho do professor Adamastor R. de Souza.

A vida do rapaz foi seguindo o seu curso.

Elle seguiu de brilho em brilho.

Pois bem; não ha muito, a moça encontrou-o em uma festa. Arrependeu-se da sua attitude. Declarou-lhe que tomára informações a seu respeito e chegára á conclusão de que elle era uma victima...

Ironicamente, o moço respondeu:

— Convém investigar ainda. Creio que sou tudo quanto se disse de mim. Os documentos que apresenta em minha defesa nada provam.

A moça ficou desconcertada. Elle, então, ajuntou:

— Trate de legalizal-os. Depois, então, conversaremos.

Póde um homem ser mais perverso?

❦

MADAME fôra sempre uma esposa exemplar. Uma esposa que fazia invejr aos maridos infelizes. Vivia para o companheira de alguns annos e para os dois entezinhos cuja alegria ingenua e cujos sorrisos illuminavam aquelle *bungalow* florido que era o ninho do joven casal.

Mas, um dia...

Um dia, surgiu, na rua, deante de madame, uma silhueta que a impressionou vivamente. Uma silhueta de homem, cujos olhos procuraram os olhos de madame. A linda senhora não poude resistir ao hypnotismo daquelle olhar. E sorriu.

O homem de olhar tão intensamente forte sorriu tambem. E passou logo um bilhetinho a madame. Um bilhetinho que foi o começo de um lindo romance de amôr. Romance que continúa longe do *bungalow* florido, de onde desertou a felicidade...

O marido de madame, que nada ainda desconfiou da leviandade da companheira, pensa que ella vive, como outr'ora, só para elle e para seus filhinhos. E nem siquer sente o gosto amargo que agora devem ter os beijos daquella que, um dia, encontrou, no seu caminho, uma silhueta que a impressionou...

Everton, filho do sr. João Marques dos Santos e de d. Lucy Marques dos Santos.

ALGUNS flagrantes da solennidade inaugural dos reservatorios dagua de Campo Grande e Jacarépaguá. S. ex. o sr. presidente Washington Luis, o ministro Victor Konder e o prefeito Antonio Prado Júnior, no local. O deputado Cesario de Mello saudando o presidente da Republica. O dr. Washington Luis pronunciando seu discurso. A mesa do almoço, presidida pelo dr. Washington Luis.

LANTERNAS DE PAPEL

PRATOS DO DIA

O PARTIDO ODONTOLOGICO

Noticiam os jornaes a fundação dum partido politico odontologico. Sim, senhor! Estupendo! O conceito do partido politico no Brasil, infelizmente, quando sáe da eraveira mesquinha do personalismo, não consegue voar além da classe. Estamos, pois, ameaçados de não vêr tão cedo, na arena eleitoral, degladiarem-se nobremente pela victoria de idéas nacionaes — conservadores, liberaes, republicanos, monarchistas, socialistas, radicaes, reaccionarios, communistas, democratas, e sim partidos odontologicos, cirurgicos, commerciaes, engenheiraes, medicos, juridicos, militares, jornalisticos, litterarios, caixeiraes e talvez até obstetricos...

Meu Deus, será possivel?

A AGUIA MEXICANA

Nas armas officiaes dos Estados Unidos Mexicanos figura uma aguia pousada sobre um cactus, devorando uma serpente. Este signo é o mesmo que tremulou sobre as tropas de Ilhuicamina, levando-os á victoria; o mesmo que encheu os tympanos de pedra das portas de entrada dos paços dos imperadores aztecas; o mesmo hieroglypho que sempre exprimiu a alma inconfundivel da nação que os arcabuzeiros de Hernán Cortez destruiram, sem poder acabar com seu profundo nacionalismo, o qual faz com que o Mexico de hoje seja sempre essa aguia valorosa: pés dilacerados nos espinhos das convulsões internas, mas bico prompto continuamente a lutar contra as serpentes damninhas dos imperialismos que ousem atacal-o. O brazão mexicano é um symbolo tão completamente nacional que faz em verdade inveja aos paizes que, em logar de procurar nas suas tradições os seus distinctivos nacionaes, os inventaram de accordo com seitas politicas ou philosophicas provisorias...

TROMBETAS DE JERICHO'

E' necessaria uma reacção sadia no Brasil contra a nossa anarchia moral e mental, contra o bolschevismo espontaneo que se radica na acção destruidora de nossa propaganda contra nós mesmos pelas palavras dos tribunos famigerados e pelos artigos dos folliculanos truculentos. O realejo oratorio que certos individuos exploram, as campanhas virulentas dos jornaes que caçam tostões são as causas primarias da germinação de pensamentos miseraveis. Todos pregam a desunião, todos destróem os homens publicos, todos espalham aos quatro ventos, de envolta com os panamás verdadeiros, as calumnias das ladroeiras inventadas. E, ao sopro dessas trombetas de Jerichó, vão tombando as bôas reputações, confundidas com as más.

Triste signal dos tempos!

UM PINTOR PORTUGUEZ

O artista luso Antonio Carneiro, que acaba de inaugurar a sua exposição de pintura na Galeria Jorge, é, antes de mais, um poeta do pincel, uma sensibilidade em acção, uma alma delicada e vibratil, a quem não seduzem as expressões violentas, e em cuja palheta ha qualquer cousa de feminino, no sentido affectivo do termo. E' que, como um verdadeiro artista, elle reflecte a sua alma na paixão da sua arte. Dois minutos de convivio com o admiravel pintor que elle é, nos dão toda a razão da magia do seu pincel. Antonio Carneiro é um pintor que o Brasil conhece de ha muito. Ha quatorze annos o saudou com enthusiasmo e do seu affecto pela terra e pela gente brasileira surgiu o desejo de uma nova visita, de que lhe resultarão, certamente, novos triumphos.

PALAVRAS RECENTES DO JORNAL "LE MATIN"

"O communismo, em pleno declinio, sómente conta como partidarios aquelles que delle fazem meio de vida e, certamente, não morrerá sobre uma barricada..."

(Quem sabe?)

MONARCHIA E REPUBLICA

No meado do ultimo seculo, pleno apogêo da monarchia, José de Alencar verberava os mesmos vicios, abusos, erros e crimes que fazem o pratinho do dia dos escandalosos jornaes de hoje. Lendo o grande escriptor, a gente esquece as decadas decorridas e se julga nos dias dos máos governos de hoje.

Não nos queixemos da Republica nas nossas amarguras, mas sim da inexoravel fatalidade de nossa formação ethnica, social e politica. E, olhando para o passado, mais vicioso do que o presente, sem duvida alguma, tenhamos fé nos nossos destinos e não desanimemos.

Por que não havemos de melhorar, si já temos, em verdade, melhorado?

Claudio França.

FITAS...

O rapaz que se faz noivo de alguma creatura, actualmente, tem primeiramente de estudar varios aspectos da familia da eleita do seu coração.

Elle deve, por exemplo, indagar si a pequena tem irmãs, e si a futura sogra aprecia o cinema.

Si acaso tiver pela frente um *bonde*, convem não compral-o...

Porque uma noiva com varias irmãs e uma sogra de quebra é um caso serio.

Figuremos uma hypothese...

Ha uma fita annunciada, fita de successo, cuja curiosidade foi despertada pela descripção antecipada nas paginas da *Selecta*, a revista cinematographica lida por toda mulher elegante, de bom gosto.

Quando o noivo apparece para a visita domingueira, a noivinha commenta a fita da semana proxima: *Um colosso!*

O rapaz tenta desconversar, mas... trabalho perdido...

A sogra tambem leu a *Selecta* e está roida de curiosidade por conhecer a ultima producção norte-americana.

As irmãs da pequena tambem alludem á novidade, pois se trata de uma fita *succo*.

O pobre noivo, no dia aprazado, tem de comparecer e leva o *bonde*, com o reboque...

No *guichet* olha para o cartaz do preço e fica sabendo que custa cinco mil réis, por cabeça!

A' sahida, as pequenas falam que alli ao pé do cinema existe uma casa com tanta gulodice...

Toca o *bonde*.

De volta á casa, o noivo faz sommas e verifica que a noitada custou quasi tanto quanto ganha numa semana.

Imagina uma defesa para situações futuras.

Mas, qual defesa! As fitas novas são seguidamente annunciadas e hoje não ha quem dispense o cinema.

Só ha um recurso, para situações como esta: romper o noivado...

Senhorita Maria Carmen Garcia e seu noivo, o sr. Acylino da Silveira, cujo enlace recentemente se realizou nesta capital.

UM flagrante do enlace nupcial da senhorita Zilah Simoens da Silva com o sr. Pedro Nunes Pires, que se realizou na penultima quinta-feira. Além dos noivos e progenitores da noiva, sr. Annibal Nunes Pires e d. Eulina de Araujo Gomes Nunes Pires, apparecem no grupo o dr. Amarillio de Noronha e sua exma. senhora, d. Cecilia Gusmão de Noronha; a baroneza de São Joaquim, o dr. Victor Albaerth e senhora; o capitão Alvaro Bezerra e senhora, e o dr. José de Freitas Bastos e senhora, que paranympharam as cerimonias religiosa e civil.

O sr. Miller Lash, presidente da Brazilian Traction Light & Power Company, foi, sabbado á noite, carinhosamente homenageado pelos empregados da grande empresa, que lhe offereceram, na séde do Club da Associação Beneficente dos Empregados da Light, á rua Figueira de Mello, uma festa de brilho excepcional, pela concorrencia e animação.

PARA: GOUTTE D'EAU

Da PETITE-SOURCE.

Minha desconhecida amiga, será que você pertence á classe psychologica daquelles que cedo se cansam do que obtêm? Depois de tanto haver lutado para descobrir meu verdadeiro nome, parece tão de pressa esquecida de mim...

O que fez, não foi generoso. Affogou-me (embora diga que apenas é uma *goutte d'eau*, e eu uma grande *petite-source*) — affogou-me litteralmente de elogios numa carta adoravel, tirando-me toda possibilidade de me desquitar dessa divida siquer com um agradecimento. Como lhe escrever, como lhe telephonar, si nada sei a seu respeito? Nem a certeza posso ter de que estas linhas lhe cheguem, pois não é possivel envial-as e... registadas, como as suas. E, pelo que vejo, não mais quer fazer parte do grupo de amigos conhecidos ou não que me animam a proseguir no arduo caminho que encetei.

Como é possivel que venha a mudar de residencia, si demorar a me escrever, quando o fizer, dirija sua carta para: *Petite-Source* (Aos cuidados do sr. Martins Capistrano. — *Redacção do FON-FON*). Ella me será fielmente entregue. Quanto ao telephone, é o mesmo de sempre.

Telephone-me... Escreva-me... Estou com saudade de nossas palestras.

FILIGRANAS

No final de sua bella conferencia «El amor primero según la musa popular», o grande folklorista hespanhol Francisco Rodriguez Marin escreveu estes periodos: «Como o vaso conserva durante muito tempo o odôr do primeiro vinho que nelle se deitou, assim a alma conserva e acaricia a dôce saudade do primeiro amor. A razão disto é dada já por Aristoteles na sua «Politica»: «Tudo o que vimos e tratamos primeiro nos é mais saboroso e deleitavel do que o que depois se conhece»: «Omnia prima nos magis delectant.»

A experiencia desmente isso. Ha muita gente incapaz de se lembrar de seus primeiros amores e de se esquecer de outro que tenha vindo muito depois...

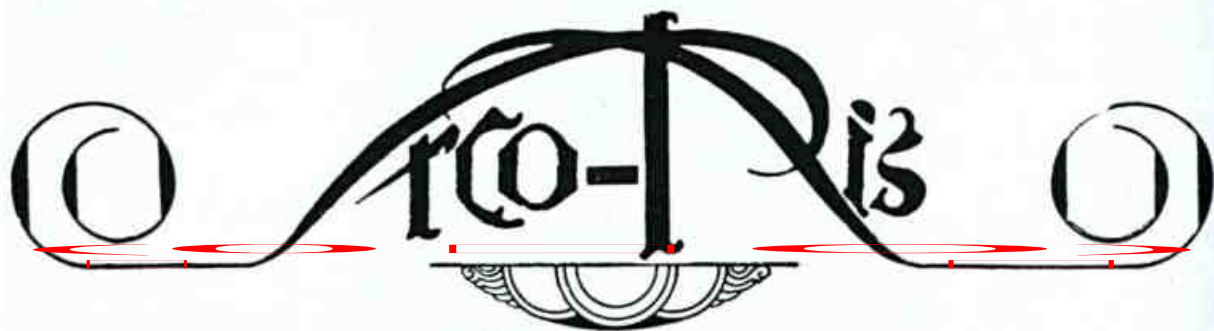
O sr. Herman Johnson, director da International Harvester Company, um dos maiores «trusts» dos Estados Unidos da America do Norte, por occasião de seu embarque para Montevidéo e Buenos Aires. Vê-se, tambem, na photographia, o nosso collega F. C. Scoville, chefe do Departamento de Publicidade da Light.

FILIGRANAS

Estamos na epoca em que as amendoeiras se enrubecem e começam a perder as fôlhas. As suas copas leves tornam-se, de verdes que eram, amarellas e ruivas. Parecem arvores de coraes e rubis no meio da vegetação esmeraldina. E, nos crepusculos arroxeados, as suas manchas rubras põem na paisagem um tom de sangue e de ciro velho que augmenta o encanto das tardes.

Arvores nervosas e ensanguentadas, sois lindas e coloridas como as nossas manhãs de sol, sois lindas e coloridas como os nossos occasos purpurissimos.

DE S. PAULO

Ao alto e no centro aspectos das ultimas festas promovidas, no Parque Antarctica e no Grupo Escolar da Lapa, pela Associação Amigos das Escolas. Em baixo: os concorrentes á competição de athletismo bancario-commercial, realizada ha dias, na capital paulista.

MAMMIFFERI DI LUSSO...

A mulher do seu carinho
mora numa aba de morro.
E possue um cachorrinho...
Ah! que amor de cachorrinho!
Sumidinho, enfezadinho...
Que amorzinho de cachorro!

Quando adoece o cãozinho,
chama a Assistencia. Soccorro!
Chama o Dr. Villarinho,
traga compressas de linho.
Ai! amor! ai, cachorrinho!
Que amorzinho de cachorro.

Vem logo um casal vizinho.
Visitas, sala (E ai! eu morro
de tanto rir!) o bichinho
fez... Ora, deixe o bichinho,
chega de riso escarninho,
passe um panno... Olá, vizinho:
veja que amor de cachorro!

A tal menina — que espinho!
cavou um noivo. Adivinho
que balburdia ali, no morro.
Ella, nem liga ao tal zinho:
— Meu noivo..... meu cachorrinho...
Não implique com o bichinho!
Que amorzinho de cachorro!

Ah! uma caixa de pinho
e uma corrente... No fôrro
da casa velha... E' pertinho...
E o noivo, damnado e zôrro,
desce morro, sobe morro
por causa do cachorrinho,
amorzinho de cachorro...

— Ella adora o Villarinho.
Bordou-lhe uma pasta e um gorro.
Tudo vae devagarinho.
Entre o noivo e o cachorrinho,
ella adora o benequinho,
como si fosse o cachorro.

E ambos vão no bom caminho.
Vão casar. Elle é sobrinho
do Barão Chagas Chichorro.
E ella é filha do Tourinho,
mas, vendo-a com o cachorrinho,
parece mãe do cachorro.

Elle... ha dias, no Campinho,
mal o encontro, logo accorro:
— Vae casar. Tão caladinho!
Toque, Dr. Villarinho...
Mas... e aquelle cachorrinho?
Pergunto, mas não sublinho.
E elle responde, baixinho:
Ai! Que vida de cachorro!...

GRANDEZA E PROGRESSO DE SÃO PAULO

A POPULAÇÃO DO GRANDE ESTADO

Continúa a ser registado o crescimento, seguidamente maior, da população de São Paulo.

A 31 de dezembro ultimo, a população geral do Estado era de 6.815.825 e a da capital attingiu a 1.000.249 habitantes. Os calculos de que resultam esses algarismos foram feitos pelo processo recommendado pelo 2.º Congresso Brasileiro de Hygiene, reunido na capital Paulista em novembro de 1926.

O augmento da população foi de 52.110 e a do Estado de 328.370 habitantes. Nos municipios, sédes de delegacias de saude, as populações, a 31 de dezembro de 1928, eram de: 153.647 habitantes, em Santos; 141.549 em Campinas; 73.499 em Ribeirão Preto, e 47.174 em Guaratinguetá.

O FUNCCIONALISMO PUBLICO

Ante a desigualdade que se notava nos vencimentos do funccionalismo publico de São Paulo, principalmente nas reformas parciaes das repartições e nos cargos creados depois de 1913, resolveu o Congresso do Estado, como medida de caracter geral, até que possa fazer a revisão detalhada de todos os quadros e organizar definitivamente o Codigo dos Funccionarios Publicos, a incorporação da gratificação de 25 por cento "pro labore", e o acrescimo de 100 por cento sobre os que os mesmos percebiam em 1913. Essa medida representa, incontestavelmente, um acto de justiça e de equidade em favor da grande classe dos servidores do Estado, melhorando, sensivelmente, as suas condições de vida, para que possa, desde logo, gozar de licenças, aposentadorias e outros favores das leis, de que se via privada pela reducção automatica de seus vencimentos, desde que interrompia a sua actividade.

Na sua recente mensagem, prometteu o exmo.

Dr. Sylvio de Campos, prestigioso politico da capital de São Paulo e figura de grande relevo na sociedade paulista.

O dr. Bastos Cruz, illustre chefe de policia de São Paulo, cercado de pessoas de sua distincta familia, em Avaré.

sr. dr. Julio Prestes levar, opportunamente, ao conhecimento do legislativo, em mensagem especial, o cumprimento que o governo deu a essa lei, suggerindo, então, outras medidas complementares e equitativas em relação ás diversas classes dos funccionarios do Estado.

GRUPOS ESCOLARES

Funccionaram no Estado de São Paulo, em 1928, 297 grupos escolares, com 4.166 classes. Alumnos matriculados, 187.304, dos quaes 94.854 do sexo masculino e 92.450 do sexo feminino. Desses, 87.802 foram promovidos, 12.071 concluiram o curso e foram alphabetizados 34.858.

No confronto dos dados relativos ao exercicio escolar de 1927, os grupos escolares apresentaram um movimento ascendente. Foram creados mais 3 grupos, havendo um acrescimo de 146 classes. A matricula geral aponta um augmento de 10.067 crianças. O ensino nesses estabelecimentos accusa um resultado sensivel, pois contra 87.196 promoções verificadas em 1927, houve 87.802; contra 9.875 conclusões de curso, 12.071, e 34.058 alphabetizações contra 33.215 do anno anterior.

ESCOLAS REUNIDAS

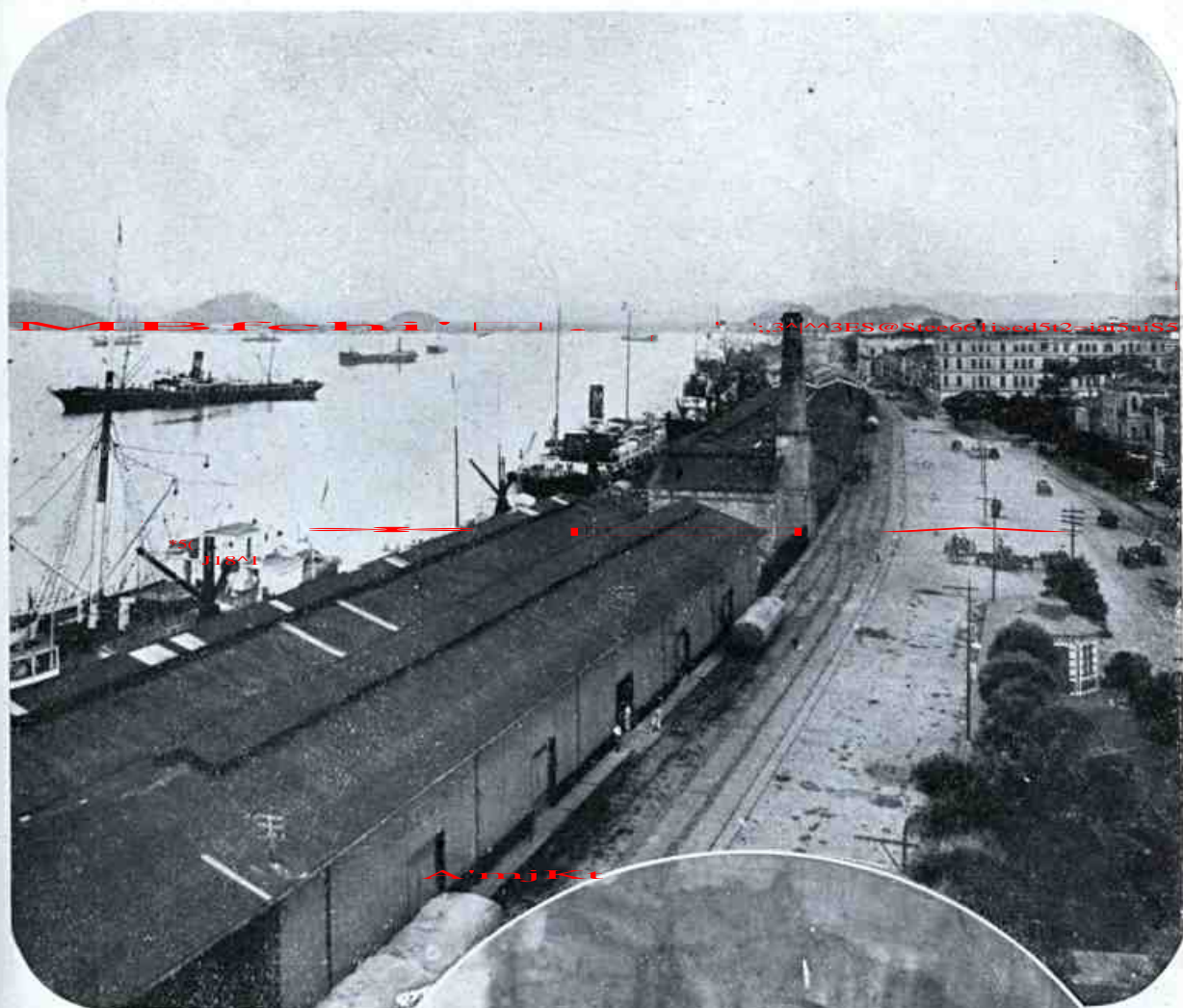
Em 1928, funccionaram no Estado 214 escolas reunidas, com uma frequencia de 41.758 alumnos, dos quaes 23.769 do sexo masculino e 17.989 do feminino; 23.370 filhos de brasileiros e 18.388 de estrangeiros. Foram em numero de 14.735 as promoções, havendo 2.245 conclusões de curso e 7.705 alphabetizações. O numero de escolas reunidas diminuiu de 217 para 214, funccionando estas com 894 classes e um augmento de mais 1.437 alumnos, resultando dahi a creação de mais 41 classes sobre as existentes no anno anterior.

SÃO PAULO possue grandes edificios, que se erguem não só no centro urbano, sinão tambem em todos os pontos da metropole formidavel. Este é o da Light, e onde aquella empresa tem a sua séde na capital paulista. E' imponente e de austeras linhas architectonicas.

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO INFANTIS

Jardim da Infancia — No jardim da Infancia, annexo á Escola Normal da praça da Republica, matricularam-se no anno passado 468 crianças. Dellas, 310 eram filhas de brasileiros e 158 de estrangeiros; 245 do sexo masculino e 223 do feminino. Obtiveram promoções 327 crianças, das quaes 152 adquiriram o direito de frequentar o primeiro anno da escola modelo. A percentagem de promoções foi de 76 %.

Escolas maternaes — As escolas maternaes são 6, sendo 2 da "Cruz Azul", 2 da "Fundação Paulista de Assistencia á Infancia", todas na capital, e cujos professores são estipendiados pelos cofres do Estado, e 2, ambas reunidas, no interior, a de Santa Rosalia e a de Votorantim, em Sorocaba.

Frequentaram-nas 767 crianças, das quaes 383 do sexo masculino e 389 do feminino; 505 filhos de

SANTOS é o porto de São Paulo. E é uma cidade de intensa vida commercial. A photographia acima fixa um aspecto das docas de Santos, por onde passam, diariamente, innumeros vapores nacionaes e estrangeiros, num trafego constante de mercadoria de toda especie.

. . .

brasileiros e 202 de estrangeiros. Houve 122 promoções e 66 conclusões de curso.

Seminario de educandas — O tradicional Seminario de N. S. da Gloria, sob a direcção e cuidados das irmãs de São José, teve no anno findo a matricula de 76 alumnas. Dessas, 54 foram promovidas para os differentes annos que constituem o ensino daquella casa.

. . .

Dr. Orozimbo Maia, prefeito de Campinas, em seu gabinete de trabalho, na importante cidade paulista.

O MUSEU AGRICOLA E INDUSTRIAL

Auxiliado pelas emprezas ferroviarias, mandou o governo construir, ha tempos, na capital, o Palacio das Industrias, destinado a uma exposição permanente dos productos do Estado.

Em execução á lei n. 2.357, de 31 de dezembro de 1928, foi alli installado o Museu Agricola e Industrial do Estado, que tem por fim colligir e expôr os productos, animaes, vegetaes, industriaes, com indicação dos locaes de procedencia, estatistica de producção, valor commercial e suas applicações nas industrias, artes e sciencias, expôr machinas e utensilios de fabricação paulista; exhibir, além das estatisticas, diagrammas, mappas e photographias, relativos aos recursos economicos; fornecer informações, analyses e outros dados aos agricultores, industriaes e commerciantes; organizar collecções de amostras de productos do Estado para propaganda no estrangeiro e aproveitamento no estabelecimentos de ensino; promover exposições parciaes de productos agricolas e industriaes e concorrer para o ensino dessas materias nas escolas primarias, secundarias e superiores, fornecendo collecções de amostras e realizando palestras instructivas

QUEM dirá que isto é um pé de laranjeira? Não parece mais uma dessas grandiosas arvores das florestas do sul ou das selvas incultas do extremo norte? Pois é, nada mais, nada menos, do que um formidavel exemplar de laranjeira que se conservou, como um documento da exuberancia do solo paulista, na cidade de Sorocaba.

A CULTURA DO TRIGO

Para intensificar essa cultura, cujos resultados foram os mais promissores em varias regiões do Estado, promoveu o governo uma maior distribuição de sementes obtidas, não só nas nossas proprias culturas, como nos campos de selecção do Rio Grande do Sul e do Paraná e da Republica Argentina e do Uruguay. A primeira experiencia feita, em mais de 100 municipios paulistas, sob a orientação technica do Inspetor de Trigo, da Directoria de Inspecção Fomento Agricola, deu excellentes resultados. E' de esperar que, dentro de pouco tempo, em todas as nossas terras baixas, seja o trigo cultivado em grande escala, produzindo uma nova riqueza para o paiz. Depois das colheitas do milho e outros cereaes, poderão os colonos aproveitar os terrenos com a cultura do trigo, cujo cyclo vegetativo e de formação se desenvolve justamente quando essas terras ficam desaproveitadas. Nos cafezaes novos, pode tambem o trigo ser cultivado com grande successo, como é actualmente cultivado o arroz e sem os inconvenientes de outras plantas que impedem o desenvolvimento do café. Por essa fórma poderão os fazendeiros organizar uma melhor colonização e baratear o custo

DOIS aspectos de um laranjal paulista da cidade de Limeira. São Paulo é fértil nessas arvores sempre verdes.

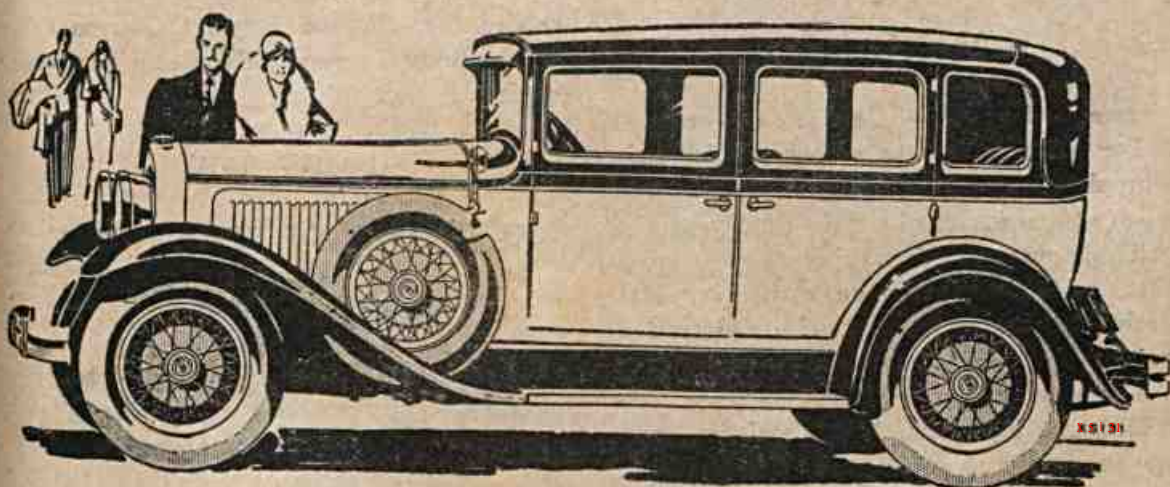
dos braços para as suas lavouras.

A organização offerecida pelo governo nesse assumpto é a mais completa possivel, pois, desde o Instituto Agronomico de Campinas, destinado ao exame das terras, os trabalhos de todos os outros institutos podem ser confiados para que se implante definitivamente essa cultura entre nós. Examinada a terra e sendo ella propria, poderá o lavrador solicitar as sementes necessarias, bem como visitem e acompanhem o desenvolvimento das plantações os technicos que Qualquer praga que surja será estudada pelo Instituto Biologico e combatida pelo apparelhamento de que dispõe a Secretaria da Agricultura. O nosso consumo garante a collocação remuneradora das colheitas, e o credito agricola, de que já dispõem os nossos lavradores, é sufficiente para garanti-los contra qualquer eventualidade. Consideramos quasi vencedora a campanha do trigo, esperando apenas que, para o seu exito completo, procurem os lavradores as terras mais ricas de suas fazendas e estendam, em maior proporção, a sua cultura.

A CULTURA DO ALGODÃO

O serviço de algodão da Directoria de Inspecção e Fomento Agricola ampliou consideravelmente o trabalho dos campos de experimentação para a selecção e multiplicação de sementes fornecidas pelo Instituto Agronomico.

A organização desses campos visa melhorar a qualidade do algodão, assegurando aos plantadores sementes apuradas. E' um trabalho proveitosissimo, sob todos os pontos, para o qual os particulares entram com as terras e a mão de obra e o poder publico com as sementes seleccionadas e a direcção technica. Além desse serviço de assistencia e auxilio á cultura, são visitadas e examinadas as machinas de beneficiamento do algodão, para que alcancemos o grão de perfeição desejado pela industria. Entrou em execução o decreto n. 4.454, de 11 de setembro de 1928, devidamente regulamentado, e que visa fiscalizar a venda de sementes, os descaroçadores de prensa e o registo de marcas e classificação commercial do algodão.

Quadro representativo dos actuaes membros do Senado Paulista, renovado em 1927.

Luxuosamente grande...
extraordinariamente fino...

O NOVO DODGE SENIOR

Por muito que V. S. admire a efficiencia fabril de Dodge Brothers, e a pericia mechanica de Walter P. Chrysler, o novo Dodge Brothers Senior permittir-lhe-ha apreciar sob um aspecto inteiramente novo as possibilidades de tão importante combinação.

Toda a mão de obra moderna e toda a perfeição de funccionamento que era possivel obter com tal combinação, acham-se applicadas na construcção deste grande e luxuoso automovel.

O novo Dodge Brothers Senior é inquestionavelmente um automovel Dodge Brothers no que diz respeito á solida natureza de sua estructura e carrosseria — e tambem sob o ponto de vista de alta qualidade e de efficiencia ininterrupta.

E a sua elegancia moderna, a sua acção impetuosa, o seu donaire e attractividade, são typicos do genio e inspiração de Chrysler.

W. S. EVILL
RUA TREZE DE MAIO, 64-C
(Em frente ao Theatro Lyrico)
RIO DE JANEIRO

DODGE BROTHERS SENIOR

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

O AMOR NUNCA MORRE

DA FIRST-NATIONAL

Cinema PALACIO — Um film synchronizado. Por outra, mais um synchronizado, cuja synchronização não nos interessa. Falemos do film em si, que é o que ha mais a analysar. E' um film de guerra. Talvez seja esse o seu unico defeito, soldados e peças de artilharia. Mas abstraindo d'esse já hoje rotineiro ambiente, é certo que o enrado tem grande poder de emoção, e os seus interpretes, nomeadamente Colleen Moore, attingem uma belleza artistica, raramente encontrada na arte da téla. Colleen Moore é uma actriz que sempre se salientou pelo bom humor da sua arte. E' quasi uma excentrica. N'esta pellicula da First, a que não chamaremos grande porque na realidade o não é, Colleen, que nas primeiras nos apparece a artista alegre, pittoresca de sempre, consegue nas scenas finaes, fazendo esquecer a sua graciosiddae, commover o publico. E' um film dramatico de valor, com uma technica, muito superior.

Cotação — BOM

JUSTIÇA HUMANA

DA METRO

Cinema GLORIA — Esta novidade de films falados, synchronizados, cantados, dansados, etc., está, além d'outras cousas, a praticar a injustiça de conceder uma vida obscura a films silenciosos que são bellissimos trabalhos. O publico — a eterna criança — deixa-se conduzir cegamente por fantasias e esquece-se de quem lhe offerece bôas impressões de arte. "Esquece-se", n'este caso de hoje, não é bem a verdade. Tivemos o prazer de vêr uma bôa "casa" quando estivemos a vêr desenrolar na téla este excellente trabalho da Metro. Porque se trata realmente d'um film de bôas qualidades de direcção, com uma accentuada preoccupação de sequencia, com um ambiente bem defenido, com um claro sentido de verosimilhança e de surpresa. A interpretação é admiravel, sobretudo por parte de Leatrice Joy, Edward Nuggent, Margaret Levigston, Betty Bronson. Excellente tambem a technica.

Cotação — BOM

O DRAMA DE UMA NOITE

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — Film para detectives. Um crime mysterioso, com um problema policial a resolver. O espectador, apesar de saber a que ponto sobem os recursos da arte filmesca n'esta especie de trabalhos, é dominado intensamente pela curiosidade e vae até ao final, com nervosismo, para encontrar o desfecho. E' o melhor elogio que se póde e deve fazer á direcção da pellicula. O genero é sempre fertil em interesse, quando o sabem conduzir com esta competencia. A interpretação é bastante agradavel, se bem que o papel de William Powell exigiria um artista de mais recursos.

Cotação — BOM

LADRÃO DE AMOR

DA TIFFANY-STAHL (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — Uma comedia alegre, que quasi acaba n'uma tragedia. Em todo o caso um film de enredo attrahente, que consegue in-

teressar-nos, com tanto mais merecimento quanto os seus principaes interpretes se limitam a tres. Parece que quanto menos forem os artistas, melhor a acção se desenvolve e se valoriza. Lawrence Gray tem n'este film um trabalho muito natural e bello. Claire Windsor, assim, assim. No mesmo diapasão, Roy D'Arcy. O argumento é interessante, mas muito melhor a direcção de James Flood, que collocou a acção n'um ambiente delicado, elegante e artistico. A technica bôa, com fenissimos trabalhos de photographia.

Cotação — BOM

A VOZ DA TERRA MATER

Da Fox-Film

Cinema PATHE' — Um film dramatico, de grande poder emotivo, se bem que um bocadinho inverosimil. Mas essa inverosimilhança desapparece deante de certas situações bem levantadas e interpretadas com grande energia. A direcção podia attenuar um pouco essa falta de verdade; mas seria erro negar-lhe a belleza de realização em determinadas passagens. E', por exemplo, um bom trabalho, no deslocamento sequente das grandes massas de personagens, nas luctas terriveis que se desenrolam. A technica é muito interessante, nomeadamente nos meios tons de luz de alguns quadros photographicos. Bôa a interpretação.

Cotação — BOM

LAÇO DA AMIZADE

Da Pathé — De Mille

Cinema CAPITOLIO — Drama de intensa emoção a que não faltam os seus traços leves de comedia. Um film em que se apresentem Alan Hale, Robert Armstrong e Fred Kohler, é um film em que a alegria sã, sem disparates, é um dos melhores coefficientes. A America temnos mandado muitos films militares e alguns passados no Oriente. D'aqui resultam processos muitos similares. Este, porém, vale pelo alto sentimento idealista que preside aos factores moraes do enredo. E', emfim, por qualquer lado que se considere, um bom film; bom pelo enredo emotivo; bom pela direcção tão acertada e tão sequente; bom pela technica, que se utilizou de recursos varios, dando-nos, principalmente, uma photographia admiravel, de effeitos realistas e encantadores.

Cotação — BOM

AS MÃOS DE ORLAC

Da Ufa

Cinema RIALTO — O tempo vae muito máo para este genero de trabalhos cinematographicos, em que ha uma idéa fundamental de graves problemas scientificos. Vae, pelo menos, muito mal no nosso meio. O publico carioca quer divertir-se; não quer pensar. O film que a Urania nos apresentou na ultima semana no Rialto tem a valorizal-o a interpretação d'um grande artista que é Conrad Weigth. Não que esteja o seu melhor trabalho. Longe d'isso. Tivemos a impressão de que o creador do "Homem que ri" abusou um pouco da dramaticidade do seu personagem. O film tem uma direcção e uma technica uniforme, isto é, em conformidade com a psychologia de typos e com o espirito do enredo. E' um film sombrio. Evidentemente emocionará, principalmente aquellas criaturas que não se integraram de todo ao amor da futilidade.

Cotação — SOFFRIVEL

UM SEGREDO CONTRA OS CRAVOS

Os pontos negros, a gordura da cutis e a dilatação dos póros cutaneos do rosto, são molestiaes que em geral nos assaltam juntas. Entretanto, temos a vantagem de poder combatel-as, em instantes, por meio de um novo e unico procedimento. Põe-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, que ao se dissovel, produz uma encrespada espuma. Quando tiver cessado a effervescencia, usa-se a agua assim "stymolisada" para banhar-se o rosto, enxugando-se em seguida com uma toalha. Os intrusos pontos negros sáem da cutis praa desapparecer na toalha; os grandes póros gordurosos contraem-se como por encanto e borram-se do rosto; e tudo isto sem que a cutis soffra a menor acção de força, violencia ou oppressão. Graças ao stymol, que se encontra em todas as pharmacias, a pelle fica lisa, macia e fresca sem experimentar damno algum. Repetindo algumas vezes este tratamento, com intervallos de tres ou quatro dias, consegue-se rapidamente a limpeza total do rosto, dando a este embellezamento um caracter permanente e definitivo.

O Gigante egoista

De OSCAR WILDE

TODAS as tardes, ao voltar do collegio, tinham os meninos o costume de ir brincar no jardim do gigante.

Era um grande jardim solitario, com um suave e verde relvado. Aqui e alli rutilavam lindas flores e havia doze meloeiros que, na primavera, se cobriam com uma delicada floração esbranquiçada e que, no outomno, davam formosos fructos.

Os passaros, pousados sobre os ramos, cantavam tão deliciosamente que os meninos interrompiam suas habituaes diversões para escutal-os.

— Que ditosos somos aqui! — diziam uns aos outros.

Um dia voltou o gigante. Fôra visitar um seu amigo, e residira sete annos em sua casa. No fim dos sete annos, tinha dito tudo o que tinha a dizer, pois sua conversação era limitada, e resolveu regressar a seu castello.

Ao chegar, viu os meninos que brincavam em seu jardim.

— Que fazeis aqui? — gritou-lhes, com voz aspera.

E os meninos atemorizados, fugiram.

— Meu jardim é só para mim — proseguiu o gigante. — Todos devem comprehendel-o assim, e não permittirei que ninguem que não seja eu se divirta nelle.

Então, cercou com um muro altissimo, no qual poz o seguinte cartaz:

E' prohibida a entrada, sob as penas legaes correspondentes

Como se vê, tratava-se de um gigante egoista. Os pobres meninos já não tinham um logar para seu recreio.

Tentaram brincar na estrada. Mas a estrada era muito poeirenta, toda cheia de agudas pedras, e não lhes agradava.

Tomaram o costume de passear, depois de suas aulas, em redor do alto muro, para fallar do bello jardim que havia do outro lado.

E chegou a primavera e em todo o paiz houve passaros e flores.

Só no jardim do gigante egoista continuava sendo inverno. Os passaros, desde que alli não havia, crianças, não tinham interesse em cantar e as arvores se esqueciam de florescer.

Em certa occasião, uma bonita flor levantou sua cabeça sobre o relvado. Mas, ao ver o cartaz, entristeceu tanto pensando nos meninos, que se deixou cahir á terra, adormecendo de novo!

Só o gelo e a neve se alegraram por esse facto.

— A primavera se esqueceu deste jardim — exclamavam. — Graças a isto, vamos ficar nelle todo o anno.

A neve extendeu seu grande manto branco sobre o relvado e o gelo revestiu de prata todas as arvores.

Então, convidaram o vento do norte a vir passar uma temporada com elles.

E o vento do norte acceitou e veiu. Estava envolto em pelles. Bramia durante todo o dia pelo jardim, derribando a cada momento chaminés.

— Que logar delicioso! — dizia. — Convidemos tambem o granizo.

E chegou, por sua vez, o granizo.

Todos os dias, durante tres horas, tocava o tambor sobre o telhado do castello, até que muitas telhas se quebraram. Então se poz a dar voltas em torno do jardim o mais depressa que poude. Estava vestido de cinza e seu alento era de gelo.

— Não comprehendo por que a primavéra demora tanto em chegar! — dizia o gigante egoista, quando assomava á janella e via

seu jardim branco e frio. Oxalá mude o tempo!

Mas a primavera não chegava nem tampouco o verão.

O outomno trouxe seus fructos de ouro para todos os jardins, mas não deu nenhum ao do gigante.

— E' muito egoista! — disse.

E era sempre inverno em casa do gigante. E o vento do norte, o granizo, o gelo e a neve dançavam em meio das arvores.

Uma manhã, o gigante, deitado em seu leito, mas já desperto, ouviu uma deliciosa musica. Soou tão docemente em seus ouvidos, que o fez pensar que os musicos do rei passavam por alli.

Em realidade, era um pardal que cantava deante da sua janella. Mas, como havia tanto tempo não ouvira um passaro em seu jardim, aquelle canto lhe pareceu a musica mais bella do mundo.

Então o granizo deixou de bailar sobre sua cabeça e o vento norte deixou de rugir em sua casa. Um perfume delicioso chegou até elle pela janella aberta.

— Creio que, afinal, chegou a primavera — disse o gigante.

E saltando do leito, assomou á janella e olhou. Que viu?

Um espectaculo extraordinario.

Por uma brecha aberta no muro, os meninos se haviam insinuado no jardim, escanchando-se nos ramos. Sobre todas as arvores que elle conseguia ver, havia um menino. E as arvores sentiam-se tão ditosas de sustentar novamente os meninos que se haviam coberto de flores e agitavam graciosamente seus braços sobre as cabeças infantis.

Os passaros revoluteavam de uns para outros galhos, cantando com delicia, e as flores riam erguendo suas cabeças sobre o relvado.

Era um lindo quadro.

Só em um recanto — no recanto mais afastado do jardim, continuava sendo inverno.

Alli se encontrava um menino muito pequeno. Tão pequeno, que não pudera chegar aos ramos da arvore e passeava em torno desta chorando amargamente.

A pobre arvore estava ainda coberta de gelo e de neve, e o vento do norte soprava e rugia por cima della.

— Sóbe já, rapaz — dizia a arvore.

E extendia-lhe seus ramos, inclinando-se o mais que podia. Mas o menino era muito pequeno.

O coração do gigante se enterneceu ao olhar para fóra.

— Que egoista fui eu! — pensou. — Agora já sei por que a primavera não quiz vir aqui. Vou collocar esse pobre pequeno sobre a copa da arvore, e depois tirarei o muro, e meu jardim será sempre, então, o recreio das crianças.

Estava verdadeiramente arrependido do que fizéra.

E desceu as escadas, abriu novamente a porta e entrou no jardim.

Mas, quando os meninos o viram, ficaram tão aterrorizados, que fugiram, e o jardim ficou outra vez invernal.

Apenas o menino pequenito não tinha fugido, porque seus olhos estavam tão cheios de lagrimas que não vira vir o gigante.

Este se aproximou sorrateiramente, e o tomou carinhosamente com suas mãos, depositando-o sobre a arvore.

E a arvore immediatamente floresceu; os passaros vieram pousar e cantar sobre ella, e o pequeno extendeu seus braços, cingiu com elles o pescoço do gigante e obeijou.

E os outros meninos, vendo que o gigante já não era máo, se aproximaram, e a primavera os acompanhou.

— Desde agora, este jardim é vosso, ó pequeninos — disse o gigante.

E tomando um machado muito grande, deitou abaixo o muro.

O Gigante egoista (conclusão)

E quando os camponezes foram, ao meio dia, ao mercado, viram o gigante brincando com os meninos no jardim, o mais bello que se podia imaginar.

Estiveram brincando durante todo o dia, e á noite foram dizer adeus ao gigante.

— Mas, onde está vosso companheiro, aquelle que fiz subir á arvore? — perguntou.

Era a elle a quem mais queria o gigante, porque o pequeno o havia abraçado e beijado.

— Não sabemos — responderam os meninos. — Foi-se embora.

— Dizei-lhe que venha amanhã sem falta — tornou o gigante.

Mas os meninos responderam que não sabiam onde elle morava e que até então nunca o tinham visto.

E o gigante ficou triste. Todas as tardes, á sahida do collegio, vinham os meninos brincar com o gigante, mas este nunca mais viu o pequenino a quem tanto queria. Era muito bondoso para com todos os meninos, mas sentia a falta de seu primeiro amiguinho e fallava nelle com frequencia.

— Quanto eu gostaria de vêl-o! — costumava elle dizer.

Passaram-se os annos e o gigante envelheceu e foi enfraquecendo. Já não podia tomar parte nos brinquedos infantis. Permanecia sentado em uma grande cadeira vendo os meninos brincarem e admirando seu jardim.

— Tenho muitas flores bellas — dizia — mas os meninos são as flores mais bellas.

Uma manhã de inverno quando se vestia, olhou pela janella.

Já não detestava o inverno. Sabia que não é sinão o somno da primavera e o repouso das flores.

De repente, esfregou os olhos atonito, e olhou com attenção.

Realmente era uma visão maravilhosa. Num extremo do jardim havia uma arvore quasi coberta de flores brancas. Seus ramos eram todos de ouro e pendiam delles fructos de prata. Sob aquella arvore estava o pequeno a quem tanto queria.

O gigante precipitou-se pelas escadas cheio de alegria e entrou no jardim. Correu pelo relvado e se aproximou do menino. E quando estava perto delle, seu rosto enrubesceu subitamente de colera, e exclamou:

— Quem se atreveu a ferir-te?

Nas palmas das mãos e nos pezinhos do menino se viam os signaes sanguentos de dois cravos.

— Quem se atreveu a ferir-te? — gritou o gigante. — Dize-me. Irei buscar minha grande espada e o matarei.

— Não — respondeu o menino. — Estas são as feridas do Amor.

— E quem é esse? — perguntou o gigante.

Um temor respeitoso o invadiu, fazendo-o cahir de joelhos ante o pequeno. E o menino sorriu ao gigante, e lhe disse:

— Deixaste-me brincar uma vez em teu jaridm. Hoje virás comigo a meu jardim, que é o Paraiso.

Quando chegaram os meninos áquella tarde, encontraram o gigante extendido morto sob a arvore, todo coberto de flores brancas.

O BILHETE PREMIADO

ESTAVAMOS nas proximidades da Paschoa, e falava-se — como não? — de loterias.

Haverá hespanhol que saiba ou possa subtrair-se ao influxo da Vaidosa, resistindo á forma de um bilhete, um decimo ou, pelo menos, uma participação do sorteio do Natal?

Os que não jogam durante o resto do anno — e ha alguns que assim o fazem ainda que isso pareça mentira — acceitam esperar o encalhe, para a extracção da Grande Noite, porque a perspectiva dos milhões é muito tentadora e sempre se tem dito que "o que joga muito é um louco, porém o que nada joga é um tolo".

Eis que, fatigados de falar de outros assumptos, — mulheres, theatros, desportos — se deu inicio ao thema da actualidade.

— Bah! — disse Paco Cifuentes, soltando uma baforada do seu cachimbo, que se foi diluir no tecto da casa. — Como se ha de saber a que mãos irá ter a sorte grande de Natal?

Provavelmente ás de um banqueiro abarrotado de ouro, ou ás de algum canalha que empregue mal a fortuna que lhe entre pelas portas. Nada mais absurdo do que a sorte. Não creio que esta seja cega, como se diz. Se não, vejamos.

— A maioria das vezes, sim, — replicou Juanito Medina —; ha, porém, occasiões em que revela não ser uma coisa nem outra. Recordo, neste momento, um lance muito curioso e que vou referir. Sabeis que meu pae, que morreu no tempo em que occupava a pasta de ministro da Fazenda, havia pertencido, durante muito tempo, á Administração das Loterias.

Certa vez, pelos meiados de Dezembro, o director recebeu uma carta, cujo conteúdo fez sorrir a quantos della tiveram noticias.

A carta dizia mais ou menos o seguinte:

"Meu caro senhor — Permitta-me dirigir-lhe esta carta para lhe expôr um caso de consciencia, que me affecta e preoccupa sériamente, constituindo, para mim, um conflicto, do qual o sr., com um pouco de bôa vontade, me poderá afastar.

Trata-se do seguinte: Este seu humilde servo desempenha, ha trinta annos, a curia de um povoado, cujo nome omitto, sem que em tão dilatado tempo tenha dado razão, nem pretexto para motejarem da minha conducta, nem pôr-se em difficuldades entre os meus parochianos e os meus superiores.

Mas o inimigo tem meios para afastar-nos do bom caminho, e a elle se deve, sem duvida, a cegueira da loteria, a qual, de algum tempo a esta parte, chegou a dominar-me por completo.

Tal afficção, innocente si é contida dentro de certos limites, é em mim uma verdadeira mania, pois não contente com dispersar o meu peculio, converti em decimos de varias extracções, os fundos da egreja que é regida por mim. E isso com tão má sorte, que não consegui nem um só numero premiado.

Tudo o que gastei não chega a quinhentos mil réis. No emtanto, não disponho de meios para repôr o que desviei para a loteria. E como aguardo de momento para outro a visita pastoral — si o sr. bispo surprehende a minha franqueza póde afastar-me do curato, e proclamará, desse modo, o meu desprestigio ante os meus fieis, a quem estimo como filhos espirituaes.

O ultimo dinheiro que me restava converti-o em um decimo do numero 6.549, para o sorteio da Grande Noite. E agora aqui vae o meu pedido: Ignoro, em absoluto, o mecanismo da loteria. Mas supponho que o sr., condoído da situação que acabo de pintar-lhe, póde agir de modo que venha ás minhas mãos um premio modesto, não mais que o sufficiente para restituir a egreja o que é della, e salvar o meu nome.

Será um obsequio que Deus lhe pagará e pelo qual lhe ficarei muito agradecido."

E' claro que a carta foi ter á cesta de papeis velhos, não sem algum commentario pouco piedoso, acerca da candidez do missivista. E ninguem voltou mais a tratar do assumpto.

Houve a extracção da loteria. Dois dias depois o director recebeu uma nova carta, que elle logo percebeu, pela letra, tratar-se do velho cura relapso.

Dizia elle o seguinte:

"Meu prezado senhor — Não encontro palavras bastante expressivas com que lhe expresse a minha gratidão. Eu não lhe pedi tanto. Recebo, afinal de contas, o grande premio da loteria! Assustei-me ao lêr nos jornaes e não quiz dar credito á noticia. Sem embargo, era certa; e della pude hoje convencer-me, ao receber, na capital da provincia, essa fabulosa quantia, da qual não me julgo digno possuidor.

Ainda que quinhentos mil réis me bastassem para o fim a que os destino, atrevo-me a ficar com cinco contos de réis para attender ás urgentes despezas desta casa de Deus de alguns devotos, cuja situação precaria requer amparo nosso. Devolvo-lhe o resto, sr., na carta que lhe endereço, reiterando-lhe a expressão do meu agradecimento sincero."

Houve um silencio.

— E que fizeram com o dinheiro devolvido? — indagou Paco Cifuentes.

— Que haviam de fazer? Como o interessado continuasse a occultar o seu nome, a importancia do premio foi recolhida aos cofres do Thesouro Nacional.

Cifuentes tirou uma baforada do seu cachimbo, e suspirou:

— Que pena!

DE A. MARTINEZ OLMEDILLA

A semente milagrosa

CERTA vez, uns meninos encontraram, em um buraco, um objecto do tamanho de um ovo de gallinha, com um risco no meio, e que parecia uma semente. Ao vêl-o, um transeunte o comprou por cinco kopeks, e, levando-o á capital, o vendeu ao czar como uma cousa curiosa.

O czar chamou os sabios e lhes mandou que averiguassem o que era aquillo, si ovo ou semente. Os sabios examinaram o objecto com attenção, deram-lhe mil voltas, e, afinal, nada puderam affirmar.

O objecto foi, então, deixado em uma janella. Delle se aproximou um passaro, que se poz a pical-o, até que lhe fez um buraco. Viu-se, então, que era uma semente.

Os sabios foram, então, dizer ao czar que aquillo era um grão de centeio.

O czar se surprehendeu e ordenou aos sabios averiguassem em que época havia germinado aquelle grão de centeio, e os sabios, voltando a reflectir, a consultar livros, etc., nada souberam que dizer. De novo se apresentaram ao czar, a quem declararam:

— Não podemos illustrar a Vossa Magestade a respeito do grão de centeio. Nossos livros não dizem nada nesse sentido. E' necessario perguntar aos mujiks si algum delles ouviu dizer onde e quando foi semeado um grão como este.

O czar mandou chamar á sua presença o mais velho dos mujiks. Era um homem muito velho, verdoso e sem dentes, que caminhava com difficuldade sobre seus bastões.

O czar mostrou-lhe a semente. Mas o velho não tinha a vista muito clara e, afinal, meio vendo, meio apalpando, a poude examinar.

O czar perguntou-lhe:

— Não saberás tu, velhinho, onde poude nascer um grão semelhante? Não terás semeado tu mesmo, em teus campos, alguns parecidos com este, ou os terás comprado em algum logar?

O velho era surdo. Com muita difficuldade, comprehendeu a pergunta, e, por fim, respondeu:

— Não. Nunca semeai em meus campos, nem colhi, nem comprei centeio como este. O grão que eu comprava era tão meúdo como o de agora... Seria preciso perguntar a meu pae, que, talvez, tenha ouvido dizer onde póde haver dado um grão destas dimensões.

Mandou o czar á procura do pae do velho. Encontrado, foi levado a palacio. Era um homem muito velho, mas que só necessitava apoiar-se em um bastão.

O czar mostrou-lhe o grão de centeio, e perguntou-lhe:

— Não saberás, por acaso, avózinho, onde poude germinar um grão semelhante? Não terás semeado alguns parecidos, ou os terás comprado alguma vez?

Embora duro de ouvido, o velho ouvia melhor que seu filho.

— Não — respondeu. — Nunca semeei em meus campos, nem colhi, nem comprei centeio semelhante. Em meu tempo nem siquer se conhecia o dinheiro. Todos comiam seu proprio pão, e si algum carecia delle, os outros lhe davam do seu... Ignoro onde poude germinar um grão como este. Embora o centeio, em meu tempo, fosse mais grosso que o de hoje, nunca o vi desto tamanho. Ouvia meu pae dizer que, em seus verdes annos, o centeio era mais bello e o grão mais grosso. Seria conveniente perguntar a elle.

Então, o czar mandou chamar o pae do velho. Foi encontrado e conduzido á presença do czar.

O velho compareceu sem bastão, com o pé firme, a vista aguda, o ouvido intacto e a voz clara.

O czar mostrou-lhe a semente, e o velho, depois de olhal-a e tocal-a, disse:

— Ha muito que não vejo centeio do meu tempo.

E mordeu o grão e o mascou.

— E' elle mesmo, sem duvida alguma — ajuntou.

— Dize-me, então, avózinho, onde germinou. Não semeaste tu mesmo alguns grãos semelhantes em teus campos, ou os compraste nalgum logar?

Ao que respondeu o velho:

— Houve tempo em que este centeio crescia em toda parte. Delle tirava eu o alimento meu e dos outros. Este é do mesmo que eu semeava, do que segava depois e, em seguida, enviava ao moinho.

Então o czar lhe perguntou:

— Dize - me, avózinho, si tu o compravas ou o semeavas por ti mesmo no campo.

O velho sorriu. E respondeu:

— No meu tempo, ninguem pensava siquer em commetter um peccado como este. Vender ou comprar o pão. Nem siquer se conhecia o dinheiro. Sempre tinhamos o pão em quantidade sufficiente para attender ás nossas necessidades.

Ainda perguntou o czar:

— Dize-me, então, onde semeavas esse grão e onde ficava teu campo.

E o velho respondeu:

— Meu campo era a terra de Deus. Onde eu trabalhava, ahi ficava meu campo. O solo era livre e ninguém dizia que a terra era sua propriedade. Só era nosso o proprio trabalho.

— Dize-me ainda duas cousas — tornou o czar. — Primeiro, por que esse grão nascia em outro tempo e por que não nasce agora? Segundo, por que teu neto caminha sobre dois bastões, teu filho sobre um e tu não necessitas de nenhum? Tua vista é firme, teus dentes são solidos e tuas palavras são claras e affaveis... Por que tudo isso, avózinho?...

E o velho respondeu:

— Porque os homens deixaram de viver de seu proprio trabalho e preferem fazer os outros trabalharem. Não era assim antigamente. Então, se vivia de accordo com a lei de Deus, todos se contentavam com o necessario e não se invejava a ninguem.

De LEON TOLSTOI

O que nem todos sabem

A alguns kilometros do povoado de Emerson, no Canadá, acabam de ser descobertas as ruinas de uma localidade pré-historica. Nas proximidades das muralhas que defendiam a referida localidade, fôra mencontrados alguns utensilios de trabalho, que serão enviados ao Museu Nacional de Archeologia do Canadá.

O archeologo autor do descobrimento assegura que ainda existem, naquella região, numerosos signaes de outras cidades pré-historicas.

O trem mais rapido do mundo é o que liga Paris a Calais e que começou a funccionar no fim do anno de 1926. Esse trem, conhecido pelo nome de *Fleche d'Or*, vence, sem parada alguma, os trezentos kilometros que separam as duas cidades, com uma velocidade média de 120 kilometros por hora.

No museu do Banco de França vê-se a primeira nota emittida pelo grande estabelecimento. Tráz a data de "*pr ventôse an VII*", o que corresponde ao mez de março do anno de 1800. Nesse bilhete lê-se a assignatura de Garat. E' um pequeno papel impresso em tinta preta, com um ornamento severo, á maneira antiga. Garat era irmão do celebre cantor de romanças, que os salões do primeiro imperio francez acolhiam com applausos. Compositor, o caixa principal do Banco de França havia abandonado a musica, em favor do funccionalismo.

No Japão é inteiramente desconhecido o anel de compromisso matrimonial. O noivo, alli, offerece á sua eleita, em vez do anel, um cinturão de séda. Do valor dessa prenda se deduz a fortuna do noivo, que, quando rico, offerece um cinturão que representa custosa joia.

FON-FON
Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas.
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0877
Administração: C. 4135 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 3 - sob.
Caixa do correio, 1451.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 3, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgate

VIVENDO

HOJE completo dezoito annos... Não os vivi. Por conseguinte, não tenho passado. Nada emocionante deixei de minha juventude. Nem recordações agradaveis, nem siquer dolorosas... Sempre sonhei em "sentir, desejar e fazer"... Sinto e desejo, naturalmente, mas já ao fazer não sou dona de mim. Ridiculamente menina, escuto a opinião de todos. Mais ainda: procuro-a. Peço conselho ás pessoas de experiencia, e, desgraçadamente, o conselho é egoista e, certamente, de muito discutivel verdade. Por isso só me desenvolvi corporalmente, já que meu espirito se fez escravo da razão dos outros. Encontro-me com pessoas de outro seculo. Dessas que gastam sua vida falando aos jovens da nova geração de melhores tempos, de lares felizes, de decencia, de pureza. Os mesmos que vêem no "jazz", no cabello curto e nas saias pelo joelho um avanço da humanidade para a perversão universal. Rio-me delles, porque enganam o juizo ao fazer de modernismo e moral tão absurda confusão. Comtudo, não os posso afastar de meus actos, e utilizo essa logica temerosa de cahir no mal... Que digo?... Cahir no mal? Existe o mal em um caso como este? As paixões, os desejos, conservam alguma relação com o mal?... Não! Em questões sentimentaes deve se proceder sentimentalmente, e não sob nenhuma conveniencia social... Falo, mas não sirvo nem para realizar minhas idéas.

Actualmente tenho um motivo de vida. Gozo em sonhos, soffro seu dominio na realidade, e em vez de ser feliz, sinto a intranquillidade de consciencia que deve sentir o réo. E tudo porque não se definiu o personagem que me preoccupa.

Algo invisivel me obsesa. Com os braços estendidos, retrocede, levando-me aprisionada em suas mãos... Eu o sigo... Quero seguil-o, porque espero que essa visão tomará vida, e então... Ah! Então esse será o dia em que se realizarão gloriosamente meus sonhos.

Meu coração, minha alma, minha juventude inteira quer a alguem. E' numa sombra em quem espero.

Mas, penso: não estarei enganada? Uma sombra, só uma sombra, uma fantasia do espirito, poderia perturbar-me tão materialmente?... De onde procederá isto, tudo isto?..

Hoje, preoccupada mais que nunca, passei da sala de visitas á de jantar e desta aos demais compartimentos da casa, sem tranquillizar-me. Só aqui, em minha alcova, neste recanto intimo, espero encontrar a paz de que necessita meu animo alterado. Os moveis, as proprias paredes são, aqui, de uma docilidade tal, que me sinto attrahida por elles. A confidencia, o desabafo neste ambiente querido, meu, me resulta mais facil e espontaneo... Cerro os olhos para melhor sentir as recordações e ver si entre ellas posso descobrir *meu doce tormento*...

Não. Não conservo recordações agradaveis, apezar de ter tido dois ou tres *accidentes*, porque eu não procurei na vida, nem uma vez, uma sensação semelhante á que me proporciona meu *fantasma*.

Accidentes que se chamaram noivos. Figurinos bonitos uns, estupidos outros, cansavam-me antes de chegar a agradar-me. Como eram *candidatos*, partidos eleitos pelo publico, que é quem fala na vida de uma moça solteira, os desdenhava e continuava lamentando-me e esperando. De maneira que não é delles, isto... Outro... outro.

Afastando-me daquelles jovens antipathicos, vou submetter-me a um exame de consciencia... e verei. Procurarei o fóco que illumina com sua alma a minha, produzindo-me tão agradavel bem-estar. Procural-o-ei por toda parte, só, sem pedir conselho, sem querer guias... E depois serei feliz, o mais feliz que *elle* possa fazer-me.

* * *

TENHO vinte e oito annos e vivi quarenta.

Aos dezoito annos, joven atrevida, lancei-me á vida, louca, desejosa de encontrar meu destino no coração de um homem.

Aquelle fantasma que me perturbava se personificou, e, ao personificar-se, deixou de offerecer interesse a meu espirito, que é quem se apaixona... Procurei outra satisfação. Mudei de sensações uma, duas, muitas vezes, sem dar com a perfeição que concebia no ideal que forjára em sonhos.

Dizem que sou joven... E não é mentira? Meu rosto é macio e meu corpo formoso? E a alma? Não adivinham a ansia sincera de minha alma! A espera e o soffrimento a envelheceram... E' doloroso!... Tão optimista e confiada noutro tempo!

Vinte e oito annos, e cheguei a isto sem passar pelo prazer! Muitos offerecimentos, amores... e nenhum amado. Não, não quiz!

Mas, agora, enfastiada, abatida como fiquei, não me preoccuparei mais, nem mais sahirei á procura do que *me convem*. Que mal me foi por observar a antiga norma de conducta que aquelles verdugos impuzeram a meu caracter! Sempre conveniencias por sobre o sentimento...

Agora, viver!

... ...

Vivo!... Vivo amando! Elle veiu a mim!

Foi existindo que... a arte de *fazer* vida!

... ...

Vou casar-me...

N. RODRIGUES.

* * *

SAPO

Vil batrachio, expressão synthetica da vida
sordida dos paúes e pantanaes infectos,
surgiste desse cháos, ó alma apodrecida,
e comtigo milhões de seres abjectos.

Por isso tens na treva occulta a preferida
mansão onde os incautos, timidos insectos
entram para fartar a tua entorpecida
crueldade voraz de multiplos aspectos.

Quando te surprehende a alvorada, perdido
no sombrio desvão de uma estrada deserta,
ou na margem sem luz de um lago solitario.

Adormeces, alli, sobre o ventre premido,
até que a escuridão da noite te desperta,
para o sinistro afan do teu negro fadario!

CAVALCANTE E SILVA.

* * *

Westclox

V. Sa terá maxima satisfação em possuir este relogio de funccionamento exacto—é um relogio que faz justiça ao nome famoso que leva.

O Pocket Ben é feito com a maxima exactidão e esmero. Elle é feito para fornecer um serviço exacto—por um periodo indeterminado—com uma exactidão propria de um chronometro. Ainda, tem uma linda apparencia.

V. Sa. pode depositar toda sua confiança no Pocket Ben, ou em qualquer outro relogio ou despertador que leva o nome "Westclox" no mostrador.

WESTERN CLOCK COMPANY, LA SALLE, ILLINOIS, E. U. A.